BRINCANDO COM FOGO

(Playing With Fire)

Mary Maxwell



OS BEIJOS DELE TINHAM O PODER DE ENLOUQUECÊ- LA!

Por que o piloto Robert Cameron era tão arredio e reservado? Intrigada, Carly Bradford, a nova gerente da pousada para pescadores do tio dele, quis saber qual era o drama que atormentava esse homem extremamente fascinante.

Ao se aproximar de Robert, Carly descobriu que por trás de um coração amargurado havia um vulcão prestes a explodir... E que ela poderia se machucar muito se não se protegesse da paixão que ameaçava arrastar a ambos!

Digitalização: Vicky B.

Revisão: Bruna Cardoso





Querida leitora,

Às vezes não faltam os avisos de perigo, mesmo assim a gente teima em seguir em frente. No amor, então... Parece que quanto mais alguém representa uma ameaça, mais nos sentimos fascinados. E a atração pelo risco, pelo prazer em desvendar os mistérios que envolvem certas pessoas.

Em Brincando com Fogo, *era esse tipo de atração que aproximava Carly Bradford de Robert Cameron, homem intrigante, dotado de um charme todo especial. Ele podia ser muito perigoso, mas Carly achou que valia a pena arriscar...*

Uma boa leitura e um forte abraço do seu

Roberto Pellegrino

Editor
ROMANCES NOVA CULTURAL
Copyright © 1993 by Jon M. Heaton and Micky K. Osburn
Originalmente publicado em 1993 pela Silhouette Books
Divisão da Harlequin Enterprises Limited.
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.
Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Título original: PLAYING WITH FIRE
Tradução: José Batista de Carvalho
Copyright para a língua portuguesa: 1994 CÍRCULO DO LIVRO LTDA.
EDITORA NOVA CULTURAL
uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 9° ANDAR
CEP 01410-901 - São Paulo - Brasil
Fotocomposição: Círculo do Livro
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

CAPÍTULO I

O vento cálido de outono balançava levemente os galhos das árvores, fazendo-os murmurar. Ao mesmo tempo, espalhava um aroma de pinho pelo norte de Idaho. De pé na varanda da pousada do tio, Robert Cameron sentia no rosto a deliciosa brisa enquanto contemplava a superfície cristalina do lago Eden, onde os reflexos do sol pareciam a poeira encantada de um conto de fadas.

— Paraíso... — disse Robert, admirando a baía, que conhecia como a palma da mão.

Com o formato de uma ferradura, a pequena enseada era circundada por brancos rochedos encimados por antigas árvores. A praia era de uma areia branquíssima.

Robert sentiu-se invadido pela paz que aquela paisagem proporcionava. Era muito bom estar em casa. Em alguns momentos daquelas últimas três semanas, passadas quase inteiramente no ar, sobrevoando incêndios de grandes proporções para combater as chamas, numa área que ia da Califórnia a Montana, ele às vezes temia não voltar a ver aquele lugar. Num mundo onde tudo parecia estar mudando, onde conceitos como segurança e constância já não tinham muita importância, o que ele sempre queria era voltar para a imutável Pousada do Paraíso, na baía de mesmo nome.

Pendurando a mochila no ombro, Robert caminhou por entre as mesas brancas de ferro batido espalhadas pela varanda que circundava a pousada. Quando entrou por uma das portas francesas que levavam ao interior, instantaneamente parou espantado.

Já não havia ali o papel de parede azul e vermelho nem a pintura cor de vinho do madeiramento. Ele também não via os tapetes que, na opinião de tio Eric, davam à Pousada do Paraíso um ar senhorial. Agora, as paredes estavam pintadas de amarelo claro e o madeiramento de branco, enquanto os tapetes tinham sido retirados, deixando à vista as tábuas do assoalho. Até a pele de urso havia desaparecido dos pés da lareira, dando lugar a uma espécie de tapeçaria.

Um leve barulho chamou a atenção de Robert para o fundo do vasto salão, onde o chão estava coberto por jornais velhos. Então ele reparou, com aborrecimento, que a renovação ainda estava sendo realizada. Havia latas de tinta perto da parede, um balde de água turva e uma porção de rolos e brochas de pintura. Uma esbelta jovem empoleirava-se precariamente no alto de uma escada, vestindo uma bermuda muito curta. Robert teve que reconhecer que aquelas pernas eram muito bonitas. A moça, de cabelos castanhos escuros cortados um pouco acima dos ombros, reparou no recém-chegado e começou a descer a escada, não sem antes dar uma última pincelada no madeiramento. Estava ainda a um metro e meio do chão quando pisou em falso num dos degraus.

— Ai, meu Deus! — ela gritou, perdendo o equilíbrio. Robert, que agora estava mais perto, soltou a mochila no chão e deu um salto. Erguendo as duas mãos, plantou-as no traseiro da moça para impedir que ela desabasse no chão.

A reação dela foi um leve gemido, enquanto contorcia o corpo para

olhá-lo. No movimento, soltou a brocha encharcada de tinta, que foi cair bem no meio do rosto de Robert.

— Sua desastrada! — ele exclamou, usando a mão esquerda para tirar tinta da boca, enquanto a direita continuava a segurar firmemente o traseiro da jovem. — Quem é você... E o que está fazendo?

Apertando os olhos castanhos, Carly Bradford voltou o rosto para o loiro alto que a salvara da queda. Com cabelos queimados pelo sol e grandes olhos verdes, ele era realmente admirável. Calçava botas de vaqueiro e vestia calça jeans desbotada e camisa branca de algodão com metade dos botões fora das casas. Com as mangas compridas da camisa enroladas até um pouco acima dos cotovelos, ele tinha um corpo musculoso que revelava uma graça absolutamente natural, sem a menor afetação.

Naquele momento, porém, o homem estava claramente enraivecido. Reparando nisso, Carly concluiu que o vermelho, mesmo manchado de branco, não ficava bem naquele rosto. Também não lhe caía bem à expressão indignada.

— Estou... Tricotando — ela declarou, o que o deixou com os olhos verdes fuzilando. — Não reparou nisso?

— Maravilha! — exclamou Robert, irônico. — Temos aqui uma comediante. Eu devia tê-la deixado cair, para tornar a cena ainda mais engraçada.

Carly mal conteve o riso. Aquele homem podia ter a aparência de um cavaleiro andante, mas a sutileza dele era a de um dragão. E era bom ela tomar cuidado, porque, pelo que se dizia, os dragões enraivecidos cuspiam fogo.

— Desça daí — ele resmungou. — E tome cuidado. Carly mostrou o mais doce dos sorrisos.

— É o que pretendo tão logo você solte a minha... Anatomia.

Por alguns instantes Robert ficou com uma expressão abobalhada, até se dar conta de que ainda estava com uma das mãos no traseiro da moça. Então, apressadamente, recuou um passo.

— Obrigada — agradeceu Carly, com um brilho divertido nos olhos.

Robert parecia prestes a perder a paciência.

— Desça! — ele gritou. Carly nem se abalou.

— Claro — ela disse, voltando-se para ele logo que pisou o chão. — Parece que você gosta mesmo de dar ordens. Só para informação do grande público... Quem foi que morreu para que você assumisse o trono?

Robert recuou mais um passo para examinar a jovem que tinha diante de si. Embora ela fosse alta, ele estava de botas de vaqueiro e podia olhá-la de cima.

— Isto aqui não é nenhuma monarquia civilizada, moça — ele respondeu. — Trata-se de uma ditadura e eu sou...

— O ditador — ela completou, num tom alegre que o deixou ainda mais enfurecido. — Nossa! Eu devia ter percebido logo!

Talvez a grosseria daquele homem deixasse muita gente assustada, mas não ela. Afinal de contas, já havia passado por situações bem piores.

Robert ficou olhando para ela. Aquela garota dava a impressão de ser capaz de escapar de um furacão sem um único arranhão no corpo... E com um sorriso nos lábios. Aquilo era simplesmente irritante.

— Quem é você? — ele repetiu. A moça estendeu a mão.

— Sou Carly Bradford, a nova gerente do lugar.

— Não pode ser — disse Robert, ignorando a mão dela e preferindo esfregar o rosto, onde a tinta já começava a cocar.

Carly deixou cair o braço.

— Por que não?

— Porque Eric Olson dirige este lugar... E faz isso há muitos anos.

A jovem fez uma expressão de curiosidade.

— Quem é você?

— Sou Robert Cameron, sobrinho de Eric.

— O... O sobrinho de Eric?

Carly abriu a boca, com uma expressão que ia do divertimento à incredulidade. Então, *aquele* era o homem sobre o qual o patrão dela vinha falando desde que ela chegara ali? Era o tal que diziam ser firme, forte, partidário dos nobres valores de antigamente? Era o paladino da proteção aos animais e à natureza?

Se fosse isso, ela era a princesa Di, da Inglaterra.

Robert cruzou os braços na frente do peito.

— Exatamente. Mas onde está Eric? O que você fez com ele? Imitando-o, Carly também cruzou os braços.

— Não fiz nada com ele.

Ela não queria acreditar que aquele homem era parente de Eric, uma das pessoas mais doces que tivera o prazer de conhecer.

Mas Eric havia informado também que o sobrinho era um piloto comercial que estava sempre trabalhando para o governo americano. Carly sabia tudo sobre pilotos.

Embora tivesse a beleza de um manequim de passarela, aquele homem era ainda mais arrogante do que a maioria dos pilotos que ela tivera oportunidade de conhecer.

— Para sua informação, Sr. Cameron, o seu tio sofreu um acidente...

— Um acidente? E ele está bem? O que aconteceu? Será que levou outra queda voando de asa-delta? Por que não me informaram disso?

— Ele está bem... Agora. Pelo menos, tão bem quanto pode estar um velho de sessenta e cinco anos que quebrou a perna em dois lugares enquanto praticava esqui aquático. — Então ela apertou os olhos, com uma expressão fria. — E o senhor teria sido informado se o seu tio soubesse dizer onde encontrá-lo.

Robert ficou olhando para ela, tentando entender o que estava acontecendo. Eric sabia direitinho onde encontrá-lo. Bastava ter ligado para a agência mais próxima do Serviço Florestal Americano e mandado um recado para ele. Tinha feito isso várias vezes desde que Robert começara a trabalhar como piloto *free-lance* nas épocas em que ocorriam os grandes incêndios.

— Está certo, mas onde é que você se encaixa nessa história, Srta. Bradley? — ele perguntou, finalmente.

— O nome é Bradford — corrigiu-o Carly. — Conheci seu tio em Spokane... No Memorial Hospital.

— Ah, sim... — murmurou Robert, por alguns instantes demonstrando surpresa. — Você é médica... Ou enfermeira?

— Nem uma coisa nem outra.

— Então... Uma terapeuta?

— Também não.

Robert virou um pouco a cabeça, enquanto continuava a olhar para ela.

— Então o que faz? — ele quis saber. — Fica de tocaia na sala de emergência esperando que apareça algum velhinho ferido?

Mas por que ele estava sendo tão agressivo? E por que ela se importava com aquilo? Percebendo que começava a se eriçar, Carly resolveu tentar uma nova tática.

— Isso mesmo — ela declarou, enfiando os polegares nos suportes para cinto da bermuda e dobrando levemente uma das pernas. — Sou uma mulher fatal de primeiríssima classe. — Então ela ergueu uma das mãos e encostou-a no peito, numa postura exageradamente sedutora. — Será que foram minhas roupas que me traíram?

Robert entendeu o recado e trincou os dentes.

— Onde está meu tio?

— Na cama. — Depois de uma demorada pausa, ela acrescentou: — Recuperando-se.

Robert recusou-se a entrar no jogo dela.

— Como está a perna dele?

Carly mostrou-se mais calma ao responder.

— A fratura foi feia. Ele torceu o osso na queda e foi preciso colocar um pino de platina, numa cirurgia que durou cerca de duas horas. Seu tio ainda está numa cadeira de rodas. Deverá voltar ao médico daqui a dez dias.

Robert foi até onde havia largado a mochila e apanhou-a. Depois, voltou-se outra vez para Carly.

— Bem, Srta. Bradford acho que lhe devo agradecimentos por ter cuidado do meu tio enquanto estive fora.

Espantada com aquela súbita transformação, ela apanhou a brocha ainda caída no chão e olhou com desgosto para a tinta espalhada por ali. Enquanto pegava uma estopa seca, declarou:

— Não precisa agradecer. Eu gosto do seu tio e sou grata a ele pelo emprego que me deu.

O semblante de Robert voltou a fechar-se.

— Sim, tenho certeza de que foi bom enquanto durou, mas agora estou aqui e você pode voltar para Spokane.

Devagar, ela foi aprumando o corpo.

— Como é?

— Eu estou aqui — ele repetiu. — Você pode ir embora.

— Acho que o senhor não entendeu. Seu tio me contratou para dirigir a pousada.

Robert balançou a cabeça.

— Quem não entendeu foi você. Está despedida.

Em silêncio e bem devagar. Carly contou até dez. esperando assim conter a vontade de jogar a estopa que segurava bem no meio daquele rosto bonito.

— Posso saber qual é o motivo, Sr. Cameron?

Robert pousou todo o peso do corpo sobre uma das pernas.

— Tenho certeza de que sua eficiência é muito apreciada numa grande cidade, Srta. Bradford, mas aqui...

Examinando-a de cima a baixo, ele se espantou de ver que as unhas dos pés dela estavam pintadas de cor-de-rosa. Ao mesmo tempo, constatou que aqueles pés eram pequenos, de uma delicadeza surpreendente. Enquanto ia subindo com os olhos, examinando as coxas bem torneadas e outras curvas daquela região, Robert sentiu-se tomado por uma inesperada onda de desejo. Por algum motivo, o efeito que aquela garota produzira na pressão sanguínea dele agora se transferia para os hormônios.

Esforçando-se para não demonstrar o que sentia, ele fez um gesto para o cenário que se descortinava das janelas.

— As coisas por aqui são diferentes. O salão de beleza mais próximo fica a no mínimo quarenta quilômetros. — Ao dizer aquilo, ele tomou como ponto de honra *não* olhar para os pés dela. — Onde é que você vai arranjar uma pedicure?

— Posso viver sem pintar as unhas dos pés — rebateu Carly.

— Ai, meu Deus — voltou a falar Robert, com um ar de frustração. — Isto aqui é uma pousada para gente que gosta de pescar, doçura... Não é o Palácio de Buckingham. Tem que ser um lugar rústico, próprio

para fanfarronices masculinas.

Carly sentiu que estava começando a perder a paciência. Trabalhar na Pousada do Paraíso estava sendo para ela uma chance de conseguir alguma estabilidade financeira, ajudando-a também colocar uma pedra sobre o passado. Por isso, não estava disposta a deixar que um grosseirão estragasse aqueles planos.

Percebendo que o melhor seria ignorá-lo, ela se agachou e pôs-se a esfregar o chão.

— Fanfarronices às vezes são engraçadas, Sr. Cameron, mas as coisas mudam. Como não estou disposta a discutir economia com o senhor, basta dizer que atualmente, quando as pessoas pagam a diária cobrada pela Pousada do Paraíso, esperam receber em troca um pouco mais do que um velho e rasgado tapete de pele de urso jogado no chão.

— Eu gostava daquele tapete — declarou Robert, com irritação, sentindo que ia perdendo as rédeas da conversa.

— Ah, gostava? — pronunciou-se Carly, demonstrando não dar importância àquilo. — Bem, no que me diz respeito, foi o Sr. Olson quem me contratou. Se vê algum problema nisso, resolva com ele.

Depois de se levantar e brindá-lo com um sereno sorriso, ela marchou para fora do salão.

Robert ficou olhando, recusando-se a admitir de gostava do jeito como ela requebrava os quadris por baixo da camiseta ridiculamente folgada.

— Ei! — ele gritou, com os olhos fuzilando. — Espere aí! Essa camiseta é minha!

Carly não se abalou, prosseguindo na caminhada.

— Se me processar, Sr. Cameron, na certa vai ganhar — ela previu, num tom jovial. — A propriedade é garantida por noventa por cento das leis deste país.

Robert foi ver como estava o tio, mas Eric dormia e ele, frustrado, seguiu para o próprio quarto.

Depois de jogar a mochila em cima da cama, respirou fundo e olhou em volta. Desde que havia chegado e encontrado Carly Bradford mudando tudo por ali, era a primeira vez que se sentia realmente relaxado.

Os aposentos dele localizavam-se no sótão e ocupavam toda a parte de cima da pousada. Consistiam numa espaçosa sala de estar diretamente ligada ao quarto de dormir propriamente dito. Uma das paredes era inteiramente de vidro, proporcionando uma sensação de infinito. Num dos cantos do quarto ele mandara instalar uma pequena cozinha, com geladeira, fogão de duas bocas, pia e um armário de parede. Havia também um balcão externo de onde se tinha uma maravilhosa vista do lago. O banheiro privativo era equipado com uma espaçosa banheira. Robert vinha sonhando com aquela banheira desde que pisara em terra e, depois do encontro com a Srta. Bradford, só Deus sabia como ele precisava de um demorado e relaxante banho de imersão.

Antes, porém, foi até a cozinha e pegou uma garrafa de cerveja na geladeira. Quando estendeu a mão para apanhar o abridor numa das gavetas embaixo da pia, onde costumava deixá-lo, reparou que a gaveta estava meio aberta.

Preocupado, caminhou até o meio do quarto e fez um giro de trezentos e sessenta graus, descobrindo outros indícios de invasão. A porta corrediça de vidro que dava para o balcão estava aberta, o abajur estava aceso, o retrato emoldurado do filho dele em cima do criado-mudo havia sido mexido e o telefone estava fora do gancho. Finalmente, Robert reparou que a porta do guarda-roupa estava entreaberta.

Então ele teve a desagradável sensação de que não estava sozinho. Depois de recolocar silenciosamente o telefone no gancho, caminhou até o guarda-roupa e abriu a porta.

Boquiaberto, Robert ficou olhando para o que viu. Estava ali uma menina! Era uma garotinha de uns quatro ou cinco anos, cabelos loiros ondulados e grandes olhos castanhos.

— Olá — disse Robert, abaixando-se para olhá-la nos olhos e procurando parecer simpático. — Quem é você?

Aquela parecia ser a pergunta do dia.

— Eu sou... Sou Liz — gaguejou a menina.

— Olá, Liz — disse Robert, curioso para saber o que ela segurava às costas. — Eu sou Robert. Está procurando alguma coisa?

Os olhos da garotinha se encheram de lágrimas.

— Não.

Robert preocupou-se com aquilo.

— Não chore — ele disse, com voz doce. — Você se perdeu?

— Não.

— Sua mãe sabe onde você está?

— Não.

Percebendo que aquele interrogatório não levaria a nada, Robert tentou outra tática.

— Na certa ela está preocupada com você.

— Minha mãe morreu — revelou Liz.

Robert achou melhor deixar para mais tarde descobrir quem era responsável por aquela menina. Respirando fundo, procurou falar com naturalidade.

— Não quer me dizer o que está fazendo no meu guarda-roupa? O rostinho dela se contraiu, dando a impressão de que se sentia injustiçada.

— Eu não queria entrar aqui.

— Não tem importância — apressou-se em dizer Robert. — Eu sei que não queria. Mas o que queria?

Com o lábio inferior tremendo e a testa contraída, a garotinha ergueu os olhos para ele,

— Você... Vai brigar comigo?

Robert não respondeu logo. Por alguns instantes, ficou olhando para aqueles cabelos loiros ondulados, o nariz sardento os olhos castanhos muito abertos.

Na verdade ele ficara furioso ao encontrá-la ali. Talvez devesse submetê-la a um bom corretivo à moda antiga, para o próprio bem dela. Afinal de contas, uma criança precisava saber respeitar os espaços das outras pessoas.

No entanto, ao ver aquele rostinho de lábios trêmulos, sentiu que não conseguiria fazer isso. Seth devia ter mais ou menos a mesma idade daquela menina na última vez em que Robert o vira. Todos os dias ele rezava para que, estivesse onde estivesse o filho, fosse alvo da bondade das pessoas.

— Não, não vou brigar com você — declarou Robert, sentindo um

nó na garganta.

Instantaneamente o semblante da menina se iluminou.

— Promete?

Robert suspirou e sorriu.

— Sim, eu prometo.

— Mesmo se eu tiver quebrado o seu brinquedo? Enquanto falava ela estendeu as mãos, segurando o que restava da miniatura preferida de Robert, uma réplica de um avião utilizado na I Guerra Mundial, modelo 1919. Tratava-se de uma miniatura que havia passado alguns meses aos cuidados do restaurador.

Robert pegou a miniatura e examinou o amontoado de madeira lascada e arames retorcidos.

— O que... O que aconteceu? — ele perguntou, achando que só um milagre faria com que aquilo voltasse a se parecer com um avião.

— Eu caí em cima — confessou a menina, olhando para ele com apreensão.

Robert continuou a examinar os destroços do modelo.

— Ah... Você caiu em cima.

— Pois é. Quando ouvi você chegando, tentei me esconder e... Tropecei.

Erguendo a cabeça, Robert viu uma lágrima rolando pelo rostinho de Liz. Imediatamente, pôs a miniatura de lado e pegou a menina no colo.

— Ah, não chore... — ele murmurou, ajeitando uma mecha de cabelo loiro por cima da orelhinha dela. — Nós vamos consertar o aviãozinho.

Robert sentiu que estava dizendo uma tolice, mas viu outra lágrima escorrendo pelo rosto da menina e sentiu-se um monstro.

— Mas ele está... Todo quebrado — lamentou Liz, com a voz trêmula.

— Que nada — minimizou Robert, usando o enorme polegar para limpar as lágrimas do rosto dela. — Não se preocupe. Isso não tem importância.

— Ver... Verdade? — procurou certificar-se Liz, soluçando. Com o coração apertado, Robert sentiu o cheiro de xampu infantil que vinha da

cabeça da pequena.

— Sabe de uma coisa? — ele disse, limpando a garganta. — Você pode até me ajudar a consertar a miniatura.

Mas por que estava dizendo aquilo? Só podia ser insolação, e das brabas.

— Claro — dispôs-se Liz, lançando a ele um olhar de gratidão.

Robert fez um ar de severidade.

— Mas você vai ter que me prometer que não entrará aqui outra vez sem a companhia de um adulto. Está bem?

— Está bem — concordou Liz, prontamente. Aquilo não o satisfez.

— Não, é importante que você prometa. Não pode entrar aqui sozinha. O balcão é perigoso e... E eu tenho alguns outros brinquedos que não são para pivetes como você.

Evitando olhar para ele, Liz ficou brincando com um dos botões da camisa de Robert, na certa achando que ainda podia negociar.

— Bem... Você vai contar a tia Carly que eu caí em cima do seu aviãozinho?

Tia Carly? Mas quantas mulheres chamadas Carly estavam na pousada?

Obviamente, uma só já era demais.

Mesmo assim, Robert resolveu não se submeter à chantagem daquela diabinha.

— Ela precisa saber que você esteve aqui em cima. Agora, quanto ao pequeno acidente com o meu aviãozinho... Bem... Acho que isso pode ficar como um segredo entre nós dois.

— Verdade? — exclamou a menina, abrindo um enorme sorriso.

Na comemoração, ela acabou arrancando sem querer o botão da camisa de Robert. Desolada e outra vez com o lábio trêmulo, ficou olhando para o círculo branco na palma da mão.

— Olhe só o que eu fiz...

Robert suspirou. Bem, era apenas uma camisa... Quase no mesmo instante ele se lembrou de que já havia perdido uma camisa para a Bradford adulta. Pelo jeito, antes que chegasse o Natal não teria mais o que vestir.

Bem naquele instante, e como se fosse atraída pelo que ele estava pensando, Carly apareceu à porta.

— Oh! — exclamou Liz, com o rostinho vermelho de culpa. Carly ficou parada, por alguns instantes esquecida da camiseta que segurava e que tinha ido devolver. Olhava diretamente para a sobrinha.

— Elizabeth? O que está fazendo aqui? Você tinha que estar com o Sr. Eric.

— É mesmo? — questionou Robert, antes que a menina pudesse responder. — Bem, ela não está lá, não é mesmo, Srta. Bradshaw.

— Bradford — corrigiu-o Carly, automaticamente.

— Pelo que estou vendo, você é tão ruim como babá quanto como pintora de parede — ele prosseguiu.

Carly achou que seria praticamente impossível amainar as águas turbulentas que havia entre eles dois. Aquele homem parecia mesmo determinado a detestá-la. Não precisava ser um gênio para perceber que ele não estava interessado em ouvir explicações.

O melhor seria levar Liz para fora dali e simplesmente ignorá-lo.

— O que estava fazendo aqui, mocinha? — ela perguntou, olhando para a sobrinha com ar de reprovação.

— Eu fiquei cantando para o Sr. Eric até que ele dormiu — defendeu-se a menina. — Ele ronca.

— Sei. Mas eu não lhe disse que o apartamento do Sr. Robert estava fora dos seus limites? Espero que não tenha tocado em nada.

Liz ergueu os olhos para Robert e depois se voltou outra vez para a tia.

— Desculpe tia Carly.

— Discutiremos isso lá embaixo. Agora, vá para o seu quarto. Logo estarei lá.

Liz desceu do colo de Robert.

— Até logo, Sr. Robert — ela se despediu, num tom triste, enquanto caminhava para a porta.

— Até logo, gata — respondeu Robert, levantando-se.

— Sinto muito se o aborrecemos — disse Carly, antes de sair atrás da sobrinha.

— Aposto que sente — respondeu Robert, um pouco desconcertado pelo alívio que sentiu ao vê-la sair.

Só podia estar perturbado pela falta de costume de ver uma mulher no apartamento. Certamente não era por aquela mulher ser Carly Bradshaw, mesmo ela tendo curvas tentadoras e as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa.

Bem, já era mais do que tempo para o banho de banheira. Sentando-se na cama, Robert tirou as botas e as meias. Depois, levantou-se para tirar a camisa.

Instantes mais tarde, não saberia dizer o que o fez voltar-se para a porta. Com os cabelos caindo na testa, pôs os olhos no espantado rosto de Carly.

Paralisada, ela olhava fixamente para ele, esquecida da camiseta que segurava na mão... Outra vez. Só que agora não era uma criança que a fazia esquecer-se do motivo que a levara ali, porque a única coisa infantil em Robert eram os cabelos loiros caídos na testa. Tudo o mais nele era definitivamente... Másculo. Carly não conseguia afastar os olhos daquele peito largo, nu e bronzeado. Havia algo de... Fascinante naquele homem vestindo apenas calça jeans.

Alarmada, Carly sentiu que estava com as faces muito coradas. A última coisa que queria era que Robert Cameron pensasse que ela estava caída por ele. Mesmo que fosse verdade. Ah, mas isso não era verdade... Ou era?

Infelizmente, Robert parecia ter concluído que sim.

— Precisa de alguma coisa? — ele perguntou, com excessiva polidez. — Ou está aqui apenas para aproveitar a vista?

Carly disse a primeira coisa inteligente em que pensou.

— Obrigada por ter sido bondoso com Liz.

— Não foi bondade nenhuma — ele se apressou em dizer. — Eu só queria que a menina saísse daqui, o quanto antes.

Porque a reação dele tinha que ser sempre aquela? Carly abriu os braços, num gesto de enfado.

— Vou continuar trabalhando na pousada, Sr. Cameron — ela declarou, pendurando a camiseta na maçaneta da porta. — Acho bom ir se acostumando.

— Ah, é? — desafiou-a Robert, segurando o zíper da calça jeans. — Nesse caso, fique à vontade, doçura. Aqui você pode ter muito mais do que o salário que contratou com meu tio.

Quando ele abaixou o zíper da calça, Carly sumiu de vista.

CAPÍTULO II

Por algum tempo, Robert ficou contemplando a paisagem verde da janela do quarto de Eric. Depois, voltou-se para o tio. Um simpático homem de sessenta e cinco anos e aparência saudável, Eric Olson tinha uma vasta cabeleira grisalha emoldurando o rosto de feições agradáveis. Tinha também uma irritante habilidade para contrariar o sobrinho.

— Não precisamos dela aqui — declarou Robert, repetindo o que vinha dizendo desde que chegara ao quarto do tio, quinze minutos antes.

Eric mexeu-se na poltrona, tentando ajeitar melhor a perna esquerda engessada em cima da almofada.

— Um contrato é um contrato, Robert — ele argumentou, calmamente, referindo-se ao contrato de prestação de serviços que assinara com Carly Bradford. — Só lamento que a presença dela o deixe tão perturbado, filho.

— Não estou pensando em mim — apressou-se em dizer Robert. — É você que me preocupa. Será que não vê que ela está se aproveitando da situação? Isto aqui é um retiro para amantes da vida ao ar livre, esportistas... Não um SPA para *yuppies.* Ela pintou as paredes, o madeiramento... Pelo amor de Deus! Aquela mulher não sabe o que é dirigir uma pousada para pescadores amadores.

— Ah! — exclamou Eric. — Então são as mudanças que o deixam tão aborrecidos.

Robert enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e virou-se de lado.

— Eu não me importo se você quiser trocar todos os móveis, tio Eric. Droga! Não me importo nem um pouco se você quiser pintar a pousada inteirinha de vermelho, amarelo ou mesmo roxo. Mas para isso não precisamos da sita. Bradford. Eu estou aqui.

— Por quanto tempo? — perguntou Eric, dirigindo ao sobrinho os brilhantes olhos azuis. — Até que o chamem para outra missão? Robert, sua reputação é a de um piloto sempre disposto a voar para qualquer

lugar, em qualquer avião, desde que o pagamento seja compensador. Isso não me agrada nem um pouco, porque você vai acabar se prejudicando.

Robert deu de ombros.

— Sempre tomei o cuidado de não fazer nada ilegal.

.— Não estou me referindo a isso, e você sabe muito bem. Estou falando do perigo. Esse serviço de combate a incêndios, por exemplo...

— Olhe aqui — interrompeu-o Robert, impaciente. — Quanto ao meu trabalho para o Serviço Florestal, já estamos quase no final da estação quente, o que significa que são poucas as chances de que eles me chamem outra vez. Se me chamarem... Bem, vou ter que ir, e você sabe por quê. Não sou um apaixonado pelo perigo, Eric. Apenas preciso do dinheiro.

Eric suspirou.

— Já disse e repeti um milhão de vezes, que posso lhe emprestar dinheiro. Mas você me ouve? Ah não. Prefere transportar explosivos e produtos químicos tóxicos, ou sobrevoar incêndios no meio da floresta. — Eric fez uma pausa e balançou a cabeça, desolado. — Pelo que fiquei sabendo, você teve que saltar de pára-quedas nas montanhas Sawtooth, quando houve um incêndio por lá no início do mês passado. Foi muita sorte não ter virado churrasco.

— Aquilo não foi sorte — rebateu Robert, desejando encontrar uma forma de aplacar os temores do tio. — Foi apenas habilidade... E um bocado de experiência.

Há tempos que Eric vinha insistindo para que ele parasse com aquele trabalho de combate a incêndios. Insistiria ainda mais se tivesse conhecimento dos verdadeiros perigos que envolviam aquele serviço e soubesse que era o sobrinho dele quem sempre se apresentava para as missões mais difíceis, desde que isso significasse um bônus.

No entanto, como já havia declarado, Robert precisava do dinheiro. Faria qualquer coisa para consegui-lo... Menos recorrer à poupança que Eric estava fazendo para a aposentadoria.

— Sim, é claro! — exclamou o velho, num tom rude. — Mas a culpa é minha, por tê-lo ensinado a pilotar.

Por alguns instantes Robert ficou sem palavras, mas logo se

recuperou.

— Você está querendo desviar a conversa, mas é da Srta. Bradford que estamos falando. Uma pousada para pescadores em Idaho não é lugar apropriado para uma mulher e uma criança.

Eric olhou firmemente para o sobrinho.

— Por que não? Você mesmo pretende morar aqui com Seth, logo que o reencontrar. É ou não é?

— Isso é diferente — contrapôs Robert, prontamente. — Isto aqui é minha casa. Você, Seth e eu somos uma família. Quanto a Srta. Bradford, não passa de uma intrusa.

Eric olhou para ele com curiosidade. — O que está acontecendo, filho? A menina o pôs para correr?

— Não estou falando de nenhuma menina — rebateu Robert. — Trata-se de uma mulher adulta, atrevida, encrenqueira...

Eric abriu um sorriso de satisfação.

— Ah, então reparou em tudo isso. Parece que ainda existe esperança para você.

Robert olhou de lado para o tio, com os olhos apertados.

— Por que diz isso?

Agora os olhos do velho tinham um brilho de ternura.

— Você deve saber Eric, que muitas vezes um primeiro casamento acaba não dando certo. Mas existe sempre a chance de se encontrar outra pessoa... Alguém melhor que aquela primeira. Eu achava que tanto você quanto Debbie acabariam descobrindo isso, se ela não houvesse morrido antes que o divórcio de vocês fosse oficializado.

Robert fingiu não dar importância àquilo, imaginando o que pensaria o tio se soubesse da verdade... Que Debbie já havia encontrado alguém antes mesmo da oficialização do divórcio. Naturalmente, ele não a culpava por isso. Afinal de contas, o primeiro e principal motivo do casamento tinha sido a descoberta de que Seth estava para nascer, sem que isso estivesse nos planos deles. Não demoraram em descobrir que um relacionamento duradouro precisaria de bases bem mais sólidas. Bem, aquilo não tinha mais importância. Apenas Seth era importante.

— Pode ter razão... — murmurou Robert. — Mas por enquanto não tenho tempo para me preocupar com minha vida amorosa. Enquanto não

encontrar Seth e trazê-lo de volta para casa, a última coisa que quero é me envolver emocionalmente com uma mulher.

— Sei o quanto isso tudo é difícil para você — pronunciou-se Eric, olhando para o sobrinho com simpatia. — Às vezes nem quero acreditar no que aconteceu. Sempre gostei dos pais de Debbie, mas depois do que eles fizeram, levando Seth embora... A forca seria até bom demais para aqueles dois.

Robert espantou-se com a veemência do tio, embora às vezes se sentisse exatamente da mesma forma.

— Bem... Continuarei fazendo tudo para ter meu filho de volta. O único consolo é saber que estão cuidando bem dele. Afinal de contas, Seth é o único neto dos dois e eles sempre o adoraram. Isso ajuda.

— Sim, mas não se esqueça de que você ainda é um homem jovem — argumentou Eric. — O que aconteceu já foi ruim demais. Não piore tudo se afastando das outras pessoas.

Robert abriu os braços.

— Você sabe que eu nunca fui muito expansivo. Não é meu estilo.

— Existe muita diferença entre ser expansivo e ser totalmente fechado. Que diabo, Robert! Espero que com Carly você possa ter algum tipo de diálogo, porque Maria ainda nem sabe da existência de Seth.

A voz de Eric tornou-se mais suave quando ele se referiu a Maria Delgado, a governanta da pousada.

Com cuidado, Robert olhou para ele.

— Onde está querendo chegar, tio Eric?

O velho fez uma cara de absoluta inocência.

— A lugar nenhum. Só quero que não se esqueça que existem muitas outras coisas na vida além de trabalho e preocupação. Como, por exemplo, o que no meu tempo se chamava... Romance.

Instantaneamente Robert chegou a uma conclusão.

— Você fez isso de propósito — ele disse, apontando o dedo para o tio.

Eric arregalou os olhos, como se não entendesse a acusação.

— O que foi que eu fiz?

— Contratou aquela mulher, droga!

— Mas o que há de errado nisso? — rebateu o velho. — Durante o verão, quase todos os nossos empregados eram mulheres... E você não se queixou disso.

Ajeitando outra vez a almofada, Eric soltou um exagerado gemido e olhou dissimuladamente para o sobrinho, querendo ver se conquistava a simpatia dele.

Robert entendeu a artimanha e ignorou-a.

— Aquilo foi diferente, porque eram todas umas meninas. Ele ia repetir a observação de que Carly era definitivamente uma mulher adulta, mas não quis que o tio tirasse uma conclusão errada... Outra vez.

Para surpresa dele, Eric ficou sério.

— Olhe aqui, Robert. Eu preciso de alguém para dirigir a pousada e Carly precisa do emprego. Se você a tivesse visto naquele hospital, esfregando o chão, limpando banheiros, fazendo de tudo para poder sustentar Liz... Sua decisão não seria diferente da minha.

Inconscientemente, Robert ficou tenso ao ouvir falar na garotinha. Lembrou-se de quando a tivera no colo, de como havia sentido vontade de fazer a mesma coisa com o filho... Não, era melhor não falar naquela menina. Além disso, ao se lembrar de Liz ele acabava pensando em Carly... E *essa* o deixava enfurecido.

— Ela é mesmo uma coisinha linda, não é? — perguntou Eric, sorrindo.

— É, acho que sim — respondeu Robert, distraído. — Para quem gosta de morenas... Eu nem prestei muita atenção.

Eric soltou uma risada.

— Estou falando de Liz.

Robert ficou um pouco desconcertado, mas manteve a compostura.

— Isso já é outro problema. Quem vai tomar conta da menina quando a tia estiver trabalhando? Maria? Você? Crianças daquela idade estão sempre fazendo o que não devem. Eu até já a surpreendi no meu quarto... O telefone estava fora do gancho, enquanto a autora da façanha se escondia no armário.

— Carly me contou. Mas a culpa foi minha. Maria e eu resolvemos ajudar a tomar conta da menina, em revezamento, e aquela era a minha hora de ficar de olho na diabinha. Já ouvi poucas e boas de Maria por ter

dormido em serviço.

— Acho bom não contarem comigo para isso — apressou-se em avisar Robert. — Não tenho a menor vocação para babá.

— Ouça filho...

— Será que pode parar de me chamar de *filho?* Você fica parecendo um personagem de filme de *cowboy* de segunda classe.

Eric riu alto.

— Relaxe, Robert, e procure viver um pouco. Só se vive uma vez, sabia?

Robert revirou os olhos.

— Você agora está falando com um velho. Eric nem se abalou.

— Pode ser, mas saiba que ainda existe muita vida nesta carcaça velha. — Então ele abaixou a voz, como se falasse a um cúmplice. — Por falar nisso, você por acaso se lembrou de trazer os meus charutos?

— Para falar a verdade, eu me lembrei, sim. Só não sei se você os merece... Além do que, fumar não é boa coisa para a saúde.

Desmentindo as próprias palavras, Robert tirou do bolso da jaqueta um pacote de charutos importados.

Naquele exato momento a porta se abriu para dar passagem a Maria, uma mulherzinha de seus cinqüenta e poucos anos e temperamento tão turbulento quanto os negros e brilhantes cabelos. Prontamente ela arrancou o pacote de charutos da mão de Robert. Apesar do corpo rechonchudo, sabia ser ligeira.

— *Madre de Dios!* — exclamou a espanhola, olhando para Robert como se ele estivesse cometendo um crime. — Como tem coragem de fazer isso, Sr. Robert? Não sabe que o pobre Sr. Eric não pode fumar?

Robert quis protestar, mas a governanta dirigiu a ele uma série de imprecações em espanhol, ao mesmo tempo em que o empurrava para a porta.

Uma vez fora do quarto, Robert ficou olhando para a porta, escutando a voz abafada de Eric.

— Eu até que resisti Maria. Verdade. Mas você sabe como é o meu sobrinho. Ele só faz isso pensando em me agradar.

— Ah, o patife... — murmurou Robert, balançando a cabeça. — Que

Deus me livre de velhos e crianças espertas.

A Pousada do Paraíso tinha sido construída em 1934, por um magnata do comércio da madeira que a usava como casa de veraneio. Embora a construção fosse toda em pedra e madeira de primeiríssima qualidade, o milionário não havia gasto ali muito dinheiro em luxos supérfluos.

No primeiro andar ficavam as áreas comuns: o salão, a sala de jantar, o escritório, a biblioteca, a cozinha e a lavanderia. Fora da construção principal havia dois chalés que Eric mandara erguer anos antes, um para ele e outro para a governanta, posição que nos últimos cinco anos vinha sendo ocupada por Maria.

O segundo andar era exclusivamente dos hóspedes. Compunha-se de oito quartos, todos com uma saleta, quatro banheiros de uso comum e uma sala onde era servido o café da manhã.

O terceiro andar, logo embaixo do apartamento de Robert, era ocupado pelas estudantes secundárias que trabalhavam na pousada durante o verão. Como recentemente todos eles tinham ido embora, o andar era inteiramente de Carly e Liz. Carly ficava feliz por ter alguma privacidade. Embora houvesse se dado muito bem com as estudantes, nos poucos dias que convivera com elas, às vezes achava excessiva a algazarra que as meninas faziam. Agora, era um verdadeiro sonho um sonho a paz que havia chegado com o outono.

Carly gostava muito daquele lugar. Gostava da mobília antiga e bem conservada, da arquitetura da casa, da madeira em profusão... Sim, tudo ali era muito bonito, mas nem se comparava à casa de que ela já fora dona.

Enquanto tirava a calça jeans para vestir uma de linho, preparando-se para o jantar, Carly ficou pensativa. Lembrava-se da casa que ela própria havia projetado, ultramoderna, toda construída em madeira e vidro e de onde se descortinava uma maravilhosa vista do estreito de Puget, em Seattle. Tinha sido muito duro ser expulsa daquela casa, pagando pelos erros de outra pessoa.

Enquanto pegava no armário um suéter amarelo-claro, Carly tentou sorrir. Pelo menos, a pousada era bem melhor do que o apertado apartamento que ela e Liz haviam ocupado em Spokane. De lá, a única vista que tinham era a de um estacionamento.

Enquanto procurava os sapatos, Carly concluiu que o pior de tudo não era a perda da casa ou mesmo do trabalho. Difícil era suportar a solidão. Só quando ficou sozinha foi que percebeu o quanto dependia da irmã mais velha, Linda, a mãe de Liz. Até o acidente fatal, achava-se auto-suficiente e não dava muita importância à tranqüilidade com que Linda resolvia os problemas mais complicados.

Só que Linda estava morta, ela se lembrou, finalmente encontrando os sapatos por baixo de um sujo suéter de Liz. Agora, era a ela, Carly, que cabia a tarefa de criar e educar a menina.

Enquanto passava o pente no cabelo, Carly ficou imaginando como estariam se saindo Liz e Maria. A espanhola havia insistido em que precisava da ajuda da menina, mas era evidente que queria apenas dar alguma folga a Carly. Só que ninguém era de ferro. Talvez Maria não suportasse o trabalho extra e acabasse pedindo demissão. Carly cruzou os dedos. Se isso acontecesse, naturalmente Robert Cameron lançaria toda a culpa sobre dela. Justiceiro como era no mínimo a jogaria no lago...

Aquele pensamento irreverente deixou no rosto de Carly um sorriso que permaneceu até que, entrando na sala de jantar, deu de cara com Robert. Ao vê-lo numa camisa azul-clara de algodão, a primeira coisa que pensou foi que o preferia com o torso nu. A lembrança quase a fez rir.

Por alguns instantes os dois ficaram parados, um impedindo a passagem do outro.

— Com licença — disse Robert, num tom irônico. — Estou querendo comer, e de preferência neste século.

Carly abriu um sorriso fingido.

— Naturalmente. Mas o que o impede de fazer isso? Robert meneou a cabeça, dando a entender que duvidava da inteligência dela.

— Você está no meu caminho.

— Ah, sim... — ela murmurou, recuando.

Robert passou, caminhou até o *Buffet* e pegou um prato. Superando o embaraço, Carly respirou fundo e acompanhou-o.

— Onde está Eric? — ele perguntou, enquanto olhava estupidamente para as travessas de comida em cima do *Buffet.*

Carly pensou em perguntar por que ela deveria saber, mas segurou-se a tempo. Afinal de contas, mesmo um tanto desarticulada pela lembrança de tê-lo visto seminu, precisava se mostrar uma mulher bem-educada.

— Imagino que logo ele estará aqui.

— É o que espero — pronunciou-se Robert, continuando a olhar para as travessas com peito de frango grelhado, arroz à moda chinesa e frutas fatiadas. — O que é isso?

— É o jantar — respondeu Carly, sucintamente.

— Mas hoje é terça-feira.

— Sim, sem dúvida — ela concordou como se houvesse acabado de ouvir algo cheio de sabedoria. — E nós estamos na Pousada do Paraíso, em Idaho.

Robert fuzilou-a com o olhar.

— Você está aqui há pouco tempo e não sabe disso, mas às terças-feiras, a não ser no Dia de Ação de Graças, nós sempre comemos fígado acebolado e creme de nabo. Não é nada... Disso aí.

Carly fez uma careta. Fígado acebolado já era ruim demais, mas creme de nabo... Só de pensar ela ficava arrepiada.

— Sim, eu sei, mas comida com muito molho e tempero nunca é saudável. Sempre tem altos teores de gordura e colesterol. Por isso, Maria e eu fizemos algumas mudanças no cardápio.

— Foi mesmo?

Embora ele falasse num tom calmo, era evidente que não havia gostado da notícia.

Carly espiou outra vez para a porta. Mas onde estavam Eric, Liz e Maria?

— Acho bom fingir que hoje é feriado e fazer o sacrifício de comer o que está aí — ela recomendou, num tom leve.

Robert ficou olhando para ela. Para ser franco, ultimamente a paixão dele por fígado acebolado já não era tanta, mas era o que obedientemente comia todas terças-feiras, sempre que estava ali, para não estragar o prazer de Maria em servir o prato preferido do Sr. Robert. Ainda não sabia de onde a governanta havia tirado a idéia de que aquele era o prato favorito dele, o que não era verdade, mas jamais teria

coragem de desmentir isso.

— Por acaso você é uma espiã do médico da família? — ele inquiriu. — Não que seja da sua conta, mas saiba que há bem pouco tempo fiz o meu *check-up* anual. Os resultados foram ótimos. A minha taxa de colesterol, por exemplo, é tão baixa que deixaria com inveja qualquer um desses naturalistas fanáticos.

— Isso é fantástico, Sr. Cameron, mas nem todos têm a sua sorte. O seu tio não lhe falou que, enquanto esteve no hospital, o médico o submeteu a alguns exames e constatou excesso de colesterol e pressão arterial muito alta? A recomendação foi para que ele fizesse uma dieta e mudasse o estilo de vida... Ou sofresse as conseqüências.

Só então Robert entendeu toda aquela agitação de Maria por causa dos charutos, e aquilo o deixou preocupado. Não queria que nada de mal acontecesse a Eric. Além de Seth, que não estava ali, toda a família dele se resumia ao tio. Mas por que era sempre ele o último a saber de tudo?

Ainda bem que a Srta. Bradford... Ora, ele podia muito bem cuidar de Eric sem a interferência dela.

— Tenho certeza de que sua intenção é muito boa, mas meu tio é perfeitamente capaz de se arranjar sozinho.

— Sem dúvida, mas é sempre bom ter ajuda — persistiu Carly, no instante em que eles ouviram a voz fina de Liz, que entrava na sala.

— Eles estão brigando? — perguntou a garotinha, sentada no colo de Eric, que pilotava a cadeira de rodas movida a bateria.

— Não — garantiu o velho, num cochicho que era perfeitamente ouvido por todos. — Estão tendo uma discussão.

— Mas eles discutem muito alto.

— É... Acho que sim.

Eric levou a cadeira até o lugar que seria ocupado por Liz e parou para que ela descesse. Depois, foi para o lugar dele, na cabeceira da mesa, enquanto Robert e Carly faziam os pratos.

— Ah, mas isso parece muito bom — elogiou o velho, quando Robert pôs o prato na frente dele. — Eu tinha mesmo de parar de comer coisas cheias de gordura e tempero. — Então ele bateu na barriga e piscou o olho para Liz. — Veja só que físico de garoto, sem nenhum

pneuzinho.

Liz ficou olhando para ele, sem entender. Depois se voltou para Robert.

— O que é pneuzinho?

Por alguns instantes ele ficou em silêncio, evidentemente enternecido enquanto olhava para a menina.

— Pneuzinho, baixinha, é um excesso de gordura que se forma no corpo — respondeu Robert, lançando ao tio um olhar de inocência. — Em geral as pessoas têm pneuzinhos na cintura, mas no caso do Sr. Eric eles devem estar no interior da cabeça.

— Ah, sim... — murmurou a menina, olhando depois para Eric e dando a impressão de que achava que alguém ali queria enganá-la.

Eric ia responder à provocação do sobrinho, mas lembrou-se de outra coisa e bateu na cabeça.

— Ah, eu quase me esqueci. Detwiler ligou. Quer falar com você.

Robert ficou momentaneamente tenso e começou a se levantar.

— Ele deixou o telefone?

— Calma — recomendou Eric, fazendo um gesto para que ele permanecesse sentado. — Ele ligará novamente amanhã de manhã. Disse que estava de saída para um encontro... Embora eu duvide que uma mulher decente tenha coragem de sair com aquele grosseirão. Pelo menos ao telefone, o homem tem o charme de um búfalo.

Relutante, Robert voltou a se sentar, com o semblante fechado.

— Não me importa nem um pouco se ele é Conan, o Bárbaro, reencarnado. Detwiler é um excelente profissional, e isso é o que conta.

— O que é reencarcerado? — perguntou Liz.

— É o que vai ser o Sr. Robert se continuar a fazer negócios com Detwiler — respondeu Eric, lançando um significativo olhar ao sobrinho. — Ele é um sujeito desprezível. Com o dinheiro que está arrancando de você, logo poderá se aposentar para viver com todo luxo... Isso se antes vocês dois não acabarem atrás das grades.

— Vamos mudar de assunto, tio Eric — disse Robert, com frieza, indicando com os olhos a presença de Carly e Liz. — Se faz questão, mais tarde discutiremos isso.

Enquanto olhava para aqueles dois, Carly não saberia dizer se o que estava sentindo era curiosidade ou medo. Era mais do que evidente que Robert estava envolvido em alguma coisa não muito honesta. Por outro lado, Eric não teria tocado no assunto se o que o sobrinho dele fazia fosse algo inteiramente reprovável.

Fosse como fosse, ela sentiu uma ponta de desapontamento... Por causa de Robert. E isso era ridículo. Desde que eles haviam se conhecido, ele sempre a tratava com grosseria e hostilidade. É verdade que fora gentil com Liz, mas isso não provava nada. Ty também tinha sido bondoso com a menina, mas isso não o impedira de assumir o terrível risco que havia custado à vida dos pais daquela criança.

— Posso pegar um pouco de *ketchup?* — perguntou Liz, quebrando o pesado silêncio que havia dominado a sala de jantar.

— Não.

— Sim.

As duas respostas foram dadas ao mesmo tempo, Carly proibindo e Robert permitindo. Depois de olhar para ele com ar de desânimo, ela se voltou para a sobrinha.

— Meu bem, você não precisa comer frango com *ketchup.*

— Mas eu gosto de *ketchup.*

— Eu também — acrescentou Robert.

— Sim, mas *ketchup* não é para se pôr em frango — persistiu Carly, olhando para Robert como se o advertisse das terríveis conseqüências que poderiam advir se ele ousasse contradizê-la. — Amanhã você colocará *ketchup* no seu hambúrguer.

— Está bem — submeteu-se Liz, olhando para o aliado que havia conquistado sem o menor esforço. — Gosta de hambúrguer com *ketchup,* Sr. Robert?

— Ah, sim — ele respondeu, com um sorriso de desafio para a tia da menina. — Gosto de *ketchup* em tudo.

— Mas aposto que você não gosta de *stroganoff,* embora seja um prato temperado com *ketchup* — reagiu Carly.

Robert apenas ergueu os olhos para ela, mantendo a cabeça meio abaixada.

— Se eu disser que não gosto, é claro que você incluirá o prato no

novo cardápio da casa, não é?

Carly recusou-se a respondeu a uma acusação tão torpe... Embora decidisse que era mais prudente recomendar a Maria que retirasse o *stroganoff* do novo cardápio.

— Carly falou com você sobre as plantas, Robert? — perguntou Eric, evidentemente querendo mudar de assunto antes que aquele diálogo ríspido se transformasse em guerra aberta.

— Plantas? — espantou-se o sobrinho dele. — Que plantas?

— Carly está pensando em pôr algumas plantas ornamentais na varanda — respondeu o velho, entusiasmado. — Eu disse a ela que você certamente se prontificaria a trazer alguns vasos quando fosse buscar o pessoal que vem pescar aqui. O espanto de Robert só aumentou.

— Desde quando recebemos hóspedes em setembro?

— Desde que eu aceitei as reservas — respondeu Carly, automaticamente olhando para o patrão em busca de socorro.

Prontamente Eric retomou a palavra.

— E então, filho? Acha que pode ir buscar algumas plantas e um pequeno grupo de hóspedes?

— Depende — disse Robert, pousando o garfo. — Quando é que, pelo que você e a Srta. Bradford resolveram, eu terei que desempenhar essa importante missão?

— Depois de amanhã — respondeu Eric, com a maior naturalidade, fingindo não reparar que Robert não estava muito feliz com o rumo dos acontecimentos.

— Tem certeza de que não querem que eu traga também alguns patinhos de borracha para enfeitar o lago? Ou talvez eu possa convencer uma meia dúzia de flamingos a virem morar por aqui definitivamente. O que acham? — Embora ele dissesse aquilo com naturalidade, para não chamar a atenção de Liz, os olhos verdes fuzilavam quando encontraram os de Eric. — Por que vocês não fazem uma lista?

Dito isso ele empurrou a cadeira e se levantou. Já estava perto da porta quando Maria apareceu.

— Sr. Robert? Para onde está indo? Fiz para sobremesa a sua torta

de pêssegos preferida.

Robert olhou para a governanta como se pedisse desculpas.

— Ah, Maria... Acho que perdi o apetite.

Depois de bater levemente no ombro da espanhola, ele marchou para fora da sala.

— Está vendo, tia Carly? — repreendeu Liz, espantada com o silêncio que se seguiu. — Devia ter deixado o Sr. Robert pegar um pouco de *ketchup.*

CAPÍTULO III

Carly alisou a colcha da cama do maior dos quartos de hóspedes, contente por estar quase terminando a arrumação apesar da dificuldade em se concentrar no trabalho.

O motivo da distração dela era a colcha. Bem, não exatamente a colcha... Mas sim a cor da colcha. Verde. Dizer apenas que era verde também não definia tudo. Aquela colcha era de um verde misterioso, escuro, aveludado... Exatamente a cor dos olhos de Robert Cameron. Por algum motivo, pensar em Robert quando estava tão perto de uma cama a deixava... Perturbada.

Enquanto passava vagarosamente a mão pela colcha, Carly ficou pensativa. Era uma pena... Todos aqueles músculos, os cabelos loiros, um conjunto que podia ser o protótipo da beleza masculina, tudo aquilo desperdiçado. Se Robert tinha a aparência de um príncipe, não era justo ele agir como uma moto niveladora.

Ultimamente, o único objetivo da vida dele parecia ser hostilizá-la, o que fazia sempre que a encontrava. Carly procurava assimilar os ataques da melhor forma possível. Afinal de contas, gostava daquele lugar e precisava do emprego. Mesmo assim, estava irritada com aquilo.

Mas para que se importar tanto? Ao oferecer o trabalho. Eric tinha dito que o sobrinho ficava a maior parte do tempo longe da pousada. Pelo que ela ouvira durante o jantar, dias antes, parecia claro que Robert tinha algum problema que exigia dinheiro, muito dinheiro... E por isso se arriscava tanto pilotando aviões em circunstâncias perigosas.

Aquilo era mais do que suficiente para que Carly ficasse com um pé atrás. Já não havia ela suportado as conseqüências das trapaças

financeiras de um homem? E não havia jurado, depois do acidente, que nunca mais se envolveria com alguém que não a tratasse como uma parceira de verdade? Assim sendo, por que perder tempo pensando em Robert Cameron, que parecia ter tantas coisas a esconder quanto Ty?

Nesse instante ela ouviu o barulho de um hidroavião. Caminhando até a janela, logo focalizou a fuselagem prateada contra o céu muito azul. Numa manobra graciosa e perfeita, o avião foi descendo até tocar a superfície da água.

Carly apertou com força o parapeito da janela. Por um breve instante, a mente dela foi dominada pela lembrança de quando estava no avião com Ty, os gritos da irmã e do cunhado misturando-se com o barulho de metal se partindo...

— Srta. Carly? — disse Maria, entrando inesperadamente no quarto.

Carly voltou-se e levou a mão trêmula ao peito. Por sorte, a governanta estava ocupada demais em recolher os objetos de limpeza para reparar que a havia assustado.

— Ouviu o avião? — perguntou Maria. — O Sr. Robert está chegando. Por que não vai cuidar dos tais papéis que disse que precisava preencher? Eu farei o que estiver faltando aqui.

Carly relaxou, procurando afastar da memória o acidente.

— Obrigada, Maria, mas já cuidei dos papéis — ela disse mais calma. — Aqui também já está tudo pronto. Já que você se dispõe a levar os produtos de limpeza, eu vou dar mais uma olhada nas informações sobre as hóspedes. Também quero ver o que Liz anda fazendo.

Maria bateu amigavelmente no ombro dela.

— Não se preocupe com a pequena. Ela está ensinando o senhor Eric a jogar damas. Os dois estão no pátio, tomando sol. Acho que logo vão querer dar um cochilo. — Nesse ponto a governanta mostrou um sorriso benevolente. — É bom o chalé do Sr. Eric ser perto do meu. Assim posso ficar de olho nele e na Srta. Liz, para que não se metam em confusão.

Carly sorriu para a rechonchuda espanhola.

— Você gosta muito do Sr. Eric, não é? Maria ficou com as bochechas coradas, o que a deixou com uma aparência bem mais

jovem.

— *Si* — ela confirmou, piscando o olho. — Aquele lá *es mucho hombre.* Bem... Está certo que às vezes eu preciso prestar mais atenção nele do que na menina. Agora ande *vaya.*

A última frase ela disse já empurrando Carly, que teve que rir.

— Está bem, está bem. Estou vayando.

As águas do lago Eden refletiam a luz do sol, lá embaixo, enquanto Robert fazia as últimas manobras para a amerissagem. Enquanto escutava a tagarelice das passageiras, ele concluiu que já não importava se a intenção da Srta. Bradford era ficar ou ir embora. Qualquer contrato perdia a validade quando a pessoa morria... E ele certamente esganaria aquela mulher tão logo saísse do avião.

— Por favor, Sra. Murdoch, não mexa outra vez no controle do leme — ele recomendou tenso, dirigindo-se à sessentona que devia ser a mais jovem das hóspedes.

Naquele caso, certamente o "hospedicídio" seria um crime justificado.

— Calminha, garoto voador — respondeu a alegre matrona, ocupando o assento do co-piloto. — Como já lhe disse, meu Myron era piloto e sempre me deixava manobrar o leme quando eu voava com ele.

O grupo de pescadoras era composto também por Ida e Ada Hegelson, duas gêmeas solteironas que riam de tudo o que dizia a Sra. Murdoch, e pela Sra. Lydia Gordon, uma bem-apessoada velhinha de cabelos azulados que correu em defesa de Robert.

— Agora chega Myrna — ela disse, com firmeza, para depois se dirigir ao piloto. — Existe alguma Sra. Cameron?

Robert fechou o semblante.

— Não.

— O quê? — ralhou uma das outras mulheres. — Quer dizer que não há pimpolhos correndo por aí?

— Não.

Aquela era uma pergunta constante e que sempre reavivava em Robert a dor e a raiva pelo desaparecimento do filho. Embora naquela ocasião fosse feita sem malícia, ele não estava disposto a entrar em detalhes. O assunto não era da conta daquelas mulheres e, se

abordado, acabaria criando um clima de desconforto.

— Você não é muito conversador, não é mesmo? — perguntou a Sra. Murdoch, com seu jeito despachado.

— Deixe o rapaz em paz, Myrna — interferiu a Sra. Gordon, antes que Robert pudesse responder. — O assunto não é da nossa conta.

— É, acho que não — submeteu-se a outra, mostrando-se ofendida. — Mas será que vamos ficar circulando aqui o dia inteiro? Por que não desce logo, garoto voador? Não sei quanto a você, Lydia, mas o que mais quero é pôr meus tênis em terra firme para fazer uma boa pescaria. O que acham disso, meninas?

Um murmúrio de aprovação se espalhou pelo interior do avião.

Fantástico, pensou Robert. Aquilo era tudo o que a Pousada do Paraíso precisava. Um bando de velhotas correndo pela marina, certamente embaraçando linhas de pesca, encalhando barcos, sempre precisando de ajuda, e ninguém qualificado para atendê-las... Ninguém além dele.

E, graças a Srta. Bradford, ele teria que suportar aquilo durante uma semana... Sete dias inteirinhos.

Depois de uma amerissagem perfeita, Robert deslizou com o avião pela superfície da água até fazê-lo parar ao lado do cais, já em posição de decolagem. Desligou o motor e esperou pacientemente enquanto Jimmy, um dos ajudantes contratados por Eric, amarrava o aeroplano. Só então abriu a porta.

Dez minutos depois que a última passageira pisou no cais, Robert desembarcou.

— Por favor, Jimmy, pegue o furgão e leve às senhoras para a pousada — ele disse, jogando a chave do veículo para o rapaz. — Depois volte aqui para pegar a bagagem delas. — Então ele olhou de uma forma significativa para o ajudante. — Lembre-se de ir pelo caminho que tem a vista bonita.

— Mas... Sr. Cameron... — gaguejou Jimmy, pensando em dizer que o caminho sugerido era muito mais longo, mas submetendo-se ao ver a expressão firme de Robert. — Está bem. O senhor é quem manda.

— Ótimo — disse Robert marchando em passos largos para a pousada.

Minutos mais tarde ele empurrou com força a porta de entrada e seguiu diretamente para o escritório de Eric, do qual Carly havia se apossado.

A porta do escritório, que estava entreaberta, foi empurrada com o mesmo vigor empregado na outra.

— Desta vez você foi além da conta! — ele rosnou. Sentada por trás da grande mesa de mogno de Eric, Carly tinha um par de óculos de leitura equilibrado no nariz arrebitado. Ao ver a expressão do recém-chegado, ela prontamente tirou os óculos e se pôs de pé, assustada.

— O que aconteceu?

Robert venceu a curta distância entre eles dois e apoiou as mãos espalmadas no tampo da mesa, inclinando-se para frente.

— Você faz idéia do que está lá embaixo, no cais?

Carly resolveu acompanhar o clima de dramaticidade e disse a primeira coisa que lhe ocorreu.

— Tubarões? — ela perguntou, arregalando os olhos. Ao ver o rosto contraído de Robert, porém, arrependeu-se da brincadeira. — Desculpe. Devia ter ficado calada, porque desconfio que você vai mesmo me contar.

— Pois pode apostar que vou lhe contar — ele declarou, quase gritando. — São mulheres! — A palavra *mulheres* foi pronunciada como se designasse uma terrível doença. — E elas garantem que estão aqui para pescar.

Aparentemente ele ficaria menos horrorizado se a intenção das visitantes fosse dançar nuas na sala de jantar.

No instante em que percebeu que o motivo da raiva dele era o sexo das hóspedes, Carly ficou revoltada. Voltando a se sentar, pegou um lápis e pôs-se a tamborilar com ele em cima da mesa.

— E daí? — ela perguntou num tom de fingida calma.

— Daí que a Pousada do Paraíso é conhecida por ser o lugar ideal para homens destemidos... E você está estragando essa reputação com suas flores, sua pintura bonitinha nas paredes e o grupo de vovós que deixei lá embaixo.

Carly aprumou-se na cadeira, olhando de frente para ele.

— Caso não tenha notado, Sr. Cameron, estamos quase no século

vinte e um. E, para usar uma frase bem comum, nós mulheres percorremos um longo caminho, isso sem falar na nossa maturidade.

—- Então por que não vão um pouco adiante, mais para o sul? Ouvi dizer que na Nicarágua a pesca é excelente. Carly mostrou um sorriso de excessiva doçura.

— Para que ir até lá, se estou bem no meio de uma zona de guerra. — Então ela teve uma súbita lembrança e esticou o pescoço para olhar pela janela, preocupada. — O que fez com as minhas hóspedes?

— *Suas* hóspedes? — inquiriu Robert, enfurecido com o uso que ela fazia do possessivo. — Quando foi que se transformou na manda-chuva deste lugar, Srta. Bradford?

Carly apertou os olhos.

— São minhas hóspedes tanto quanto suas. Sr. Cameron.

— Ah, é? Pois escute aqui, moça. Não me importa o que pensa de si mesma, mas estou aqui há seis meses, enquanto você chegou há poucas semanas.

Carly apoiou as duas mãos na mesa e respirou fundo. Será que não havia meio de estabelecer um acordo com aquele homem?

— Está bem, reconheço que a sua permanência aqui é maior do que a minha, mas por que não podemos trabalhar juntos?

— Porque *você* não tem nada a ver com este lugar — ele insistiu.

Aquilo fez com que Carly perdesse de vez a paciência.

—- Pelo menos eu estava aqui quando foi preciso... O que não é bem o seu caso!

Aquelas palavras tiveram o efeito de uma bomba no íntimo de Robert. Correspondiam quase exatamente à acusação que se fizera quando os Cranshaw haviam levado Seth embora, enquanto ele estava a trezentos quilômetros de distância. Então ele voltou a falar num tom baixo e ameaçador.

— Um urso estará patinando nas águas geladas daquele lago antes que eu concorde em trabalhar com você, moça!

Carly saltou da cadeira e marchou para a porta, que abriu totalmente.

— Isso mesmo! Por favor, vá embora. Certamente tem outras coisas

para fazer.

Cruzando os braços, ela ergueu a cabeça e ficou parada. Robert segurou na beirada da porta e bateu-a com força.

— Enganou-se outra vez, porque eu mal comecei.

Vendo-se trancada com ele no escritório, Carly sentiu um arrepio que atribuiu a um inevitável medo. Instintivamente, recuou um passo e encostou-se na parede.

— Saia daqui! — ela insistiu.

— Não pense nisso. Não sairei enquanto não deixarmos algumas coisas bem acertadas.

De forma nenhuma Robert estava disposto a deixar que ela o enxotasse. Já era mais do que tempo de deixar claro quem devia obedecer às ordens do outro.

Carly adiantou-se da parede. Uma coisa havia aprendido nos anos em que operava com Ty o serviço de táxi-aéreo que os dois possuíam e ela trabalhava sob dominação masculina: a única forma de enfrentar uma ameaça era não só resistir, mas também devolver toda e qualquer agressão. Um recuo seria sempre demonstração de fraqueza.

— Não tenho mais nada para lhe falar — ela declarou, plantando a palma da mão no peito dele para empurrá-lo.

Foi uma tentativa inútil, porque Robert nem saiu do lugar, embora ela empregasse toda a força de que dispunha. Bem, seria preciso fazer algo mais contundente. Recuando um passo, Carly armou o punho para esmurrá-lo.

— Então não quer conversar? — inquiriu Robert, percebendo o que ela ia fazer. — Ótimo. Conversar não vai mesmo nos levar a nada.

Pelo menos numa coisa os dois pareciam concordar: era melhor agir do que pensar ou falar. Agarrando no ar o pulso com que ela pretendia acertá-lo. Robert usou a outra mão para envolver a delgada cintura da agressora e puxá-la para bem perto. Feito isso, inclinou a cabeça para pôr em prática o único método que, desde o princípio dos tempos, os homens usavam para silenciar uma mulher difícil.

Ele a beijou.

Carly retesou os músculos, protestando... Mas logo se sentiu tonta. Já havia sido beijada antes, é claro, mas nunca daquele jeito. Os lábios

dele eram quentes e macios e a boca cobria a dela com uma ânsia que a contaminou.

Bem no íntimo ela sabia que desejava aquilo desde o instante em que, empoleirada no alto da escada, virara a cabeça para vê-lo parado, lá embaixo.

Robert aprofundou o beijo, enroscando a língua na dela, e toda a raiva de Carly agora estava transformada num ardor apaixonado. Cada músculo do corpo dela ansiava pelo toque dele, ao mesmo tempo em que ela também queria apalpá-lo, senti-lo, apertar os músculos fortes das costas dele. Cedendo à tentação, ela foi subindo com uma das mãos e enfiou os dedos naqueles cabelos loiros. Nesse instante pensou ouvir um lamento, bem ao longe. Alguém chorava... Sentindo um súbito choque, Carly percebeu que quem chorava era ela própria.

Quem poderia sonhar que um beijo se transformasse numa demonstração da superioridade daquele homem? Que ele, que representava a liberdade dos ares, uma coisa que antes ela valorizava muito, mas que agora desprezava, tivesse o dom de liberar a sensualidade de uma mulher traumatizada?

Aquilo não era justo. Tempos antes uma impetuosidade igual à de agora era uma característica dela, mas Carly acreditava ter enterrado aquele traço de temperamento um ano e meio atrás... Juntamente com os pais de Liz.

Com o corpo dominado por um incontrolável tremor, ela lutou para fugir ao abraço de Robert.

— Mas o que é isso, Srta. Bradford? — ele reagiu, interpretando erroneamente a reação dela. — Foi apenas um beijo. Acalme-se.

Apenas um beijo? Carly conteve um soluço. Aquelas eram apenas três palavras, mas reduziam a quase nada a experiência mais cheia de sensualidade da vida dela. Afastando com raiva as lágrimas que escorriam pelo rosto, ela trincou os dentes.

— Saia daqui!

Robert reagiu como se houvesse recebido um tapa no rosto e recuou.

— O quê?

— Você me ouviu!

Carly queria que ele fosse embora antes que começasse a pensar que ela estava tremendo pelo efeito do beijo, e não por causa da raiva que sentia.

Quanto a isso ela não precisava se preocupar. A princípio Robert ficou espantado. Depois, enfurecido, segurou na maçaneta e abriu a porta.

— Não precisa me dizer isso duas vezes.

— Acho que já disse umas quatro — ela despachou.

— É verdade, eu me lembro — ele reconheceu. — Mas isso foi antes que você começasse a tremer nos meus braços, gemendo e pedindo mais.

— Eu não fiz isso? — gritou Carly.

— Ora, doçura — atiçou Robert, determinado a ter a última palavra, pelo menos uma vez. — Você estava tão transtornada que nem se lembra mais.

Se estava tão transtornada assim, bem que podia matá-lo e depois alegar insanidade.

— Não aconteceu nada disso!

— Ah, não? — duvidou Robert, inclinando-se para falar bem perto do ouvido dela. — Então por que você estava vibrando mais do que um DC-10 antes de levantar vôo?

Dito isso ele saiu, com um sorriso de satisfação nos lábios.

O sorriso desapareceu no instante em que Robert percebeu que seis pares de olhos o observavam. Jimmy já havia chegado com as idosas hóspedes e o bom tio Eric se ocupava em dar a elas as boas-vindas.

CAPÍTULO IV

No dia seguinte, no início da noite, todos se reuniram no salão para um licor após o jantar. Era a primeira vez que Carly e Robert se viam frente a frente depois do incrível beijo do dia anterior. Não se passaram mais que cinco minutos com os dois no mesmo ambiente sem que começassem as hostilidades.

Foi Robert quem deu a primeira estocada.

— O que fez com o troféu de tio Eric? — ele inquiriu.

— Que troféu? — perguntou Carly. — Entre as coisas que levei para o porão, não havia nada que se parecesse com uma taça de prata.

— O urso.

Carly mostrou um sorriso açucarado.

— Ah, sim. Está falando daquela coisa pendurada na parede. Pensei que era um tapete.

— Os desportistas se referem a... *Àquelas coisas* como troféus de caça. Um urso daquele tamanho em geral tem um valor considerável.

Carly torceu o nariz.

— Ah, devia ter mesmo muito valor, principalmente para a família de ratos que fixou residência na cabeça do bicho.

Robert não entregou os pontos.

— Cuidar da limpeza da casa é uma de suas funções.

— Cuidar da limpeza é uma coisa. Encarregar-se do extermínio de uma legião de primos de Mickey Mouse é outra bem diferente.

— É mesmo? Por falar nisso...

Eric pigarreou alto, querendo chamar a atenção dos dois.

— Por favor, crianças... Não na frente das nossas hóspedes. Os dois contendores nem deram atenção a ele.

— Eu realmente gostava daquele urso — persistiu Robert.

— Gostava, é? — murmurou Carly. — Você e ele devem ter a mesma personalidade dominadora.

Nesse instante Eric retesou o corpo inteiro. Num gesto dramático, levou a mão ao peito.

— Ai, meu Deus! Robert... Ajude-me!

Robert empalideceu. Entregando a Carly o cálice de licor, correu para o lado do tio e procurou sentir a pulsação de Eric, que se esforçava para respirar. Num gesto de aparente desespero, o velho segurou na mão dele.

— Peça a Maria para buscar meus comprimidos.

— Maria! — gritou Robert, relaxando um pouco ao constatar que, apesar do aparente sofrimento de Eric, a pulsação dele estava constante e firme. — Maria!

A governanta entrou correndo na sala, olhou para o patrão e quase desmaiou.

— Sr. Eric! — ela gritou, empurrando Robert para o lado e assumindo o lugar dele ao lado do velho.

Eric olhou para ela com uma expressão de dor.

— Meus comprimidos — ele pediu, com voz fraca. — Vá pegar meus comprimidos.

Maria recuou alguns centímetros e olhou para ele com espanto.

— Comprimidos? Mas. Sr. Eric... Os únicos comprimidos que o senhor toma são para...

— Para a dor! — ele a interrompeu, empurrando a governanta para que ela fosse cumprir a ordem. — São comprimidos para a dor... Vá logo, Maria. — Então ele se voltou para o sobrinho. — Acho que preciso me deitar.

Quando Robert e Carly chegaram ao chalé de Eric, empurrando a cadeira de rodas com o velho, que não parava de gemer, Maria já estava lá com um frasco de comprimidos e um copo de água. Eric rapidamente engoliu duas das cápsulas vermelhas e deixou-se colocar na cama. Minutos mais tarde já respirava com facilidade.

Certificando-se de que o perigo maior havia passado, Robert saiu para ir buscar o Dr. Beard, que morava às margens do outro lago. Era um vôo rápido e em menos de duas horas ele estava de volta.

O Dr. Beard, um velho amigo de Eric, ficou igualmente preocupado com o súbito mal-estar do tio de Robert, embora tenha garantido, durante o vôo até Paraíso, que Eric gozava de excelente saúde... Pelo menos até aquela data. No chalé de Eric, Robert, Carly e Maria ficaram esperando na saleta enquanto o médico examinava o enfermo. Mesmo reconfortado pelas palavras de Beard, Robert achou que aquele exame estava demorando uma eternidade.

— Relaxe, Robert — disse o médico, quando finalmente abriu a porta para que eles entrassem. — Este velhote provavelmente sobreviverá a mim e a você.

Robert soltou a respiração, que, inconscientemente, havia contido.

— Então o que causou tudo isso?

Fez-se um instante de silêncio enquanto Eric e Beard trocavam um

olhar misterioso.

— É stress — disse o próprio Eric, já que o amigo continuava calado. — Todas essas discussões entre você e Carly... Na minha idade... Isso não é saudável. Um velho precisa de paz e harmonia. — Então ele lançou um olhar de tristeza aos circunstantes. — Eu suportei uma dor muito forte.

Robert apertou os olhos, estudando a expressão de dor do tio. Aproximando-se, apanhou o frasco de comprimidos no criado-mudo e examinou o rótulo. Depois olhou outra vez para Eric.

— Então, o que espera de nós? Eric balançou levemente a cabeça.

— Eu não sei. Naturalmente não posso obrigá-los a gostar um do outro, mas será que vocês podem se mostrar mais... Cooperativos, pelo menos enquanto eu estiver... Indisposto?

— É claro — prontificou-se Carly, olhando com ar de censura para Robert, que hesitava. Aproximando-se da cama, ela segurou a mão do patrão. — Não se preocupe com nada. E claro que Robert e eu nos entenderemos... Pense apenas em se recuperar. Eric sorriu para ela, agradecido.

— Obrigado, minha querida. Sabia que podia contar com você. — Bocejando, ele se ajeitou no travesseiro. — Estou realmente cansado. Se vocês me permitirem, acho que vou descansar um pouco.

Maria ajeitou o cobertor por cima do velho e pôs-se a empurrar os outros para fora do quarto.

Robert foi o último a sair. Depois de recolocar o frasco de comprimidos no local onde o havia apanhado, deixou-se levar para fora pela governanta.

Antes de sair, ainda lançou um último olhar a Eric. Resolveu que esperaria algum tempo antes de perguntar ao tio desde quando a medicina havia decidido que multivitaminas eram indicadas para combater problemas do coração.

Carly caminhou pelo cais e alcançou o hangar ao lado do lago. Esperando encontrar o De Havilland de Robert, surpreendeu-se ao ver um antigo biplano A-2 Eaglerock. Tratava-se de um avião clássico e aparentemente precisava de alguns reparos e pintura nova.

O primeiro vôo solo de Carly tinha sido num A-1 1925, irmão mais

velho daquele modelo. Agora, diante daquele avião e sentindo coceira nos dedos, a vontade dela era abrir a tampa do motor para verificar se era original. Uma das peculiaridades do Eaglerock modelo A era que tinha sido desenhado para utilizar vários tipos de motores. Se o motor daquele fosse original, quantas horas já teria de vôo? E em que estado se encontraria depois de todos aqueles anos?

— Precisa de alguma coisa? — perguntou Robert, saindo de trás da cauda do avião com uma porção de porcas e parafusos nas mãos sujas de graxa.

Carly não conseguiu conter a admiração.

— Belo avião — ela declarou.

Por alguns instantes Robert pareceu surpreso com o comentário.

Depois, colocou as peças sobre um banquinho de madeira e abriu o tampo do motor.

— Seria mais belo se voasse — ele disse.

— O motor não pega mesmo? — quis saber Carly.

— Não.

— É seu?

— Não, é de Eric.

— Quer dizer que Eric sabe pilotar?

— Não há muita coisa que Eric não saiba fazer — declarou Robert, num tom menos ríspido, talvez por causa da lembrança do adorado tio. — Mas o que posso fazer por você?

Percebendo que ele não estava mesmo disposto a conversa, Carly estendeu o pedaço de papel que havia encontrado em cima da mesa do escritório logo cedo.

— Pode me explicar isso?

— Explicar o quê?

Carly respirou fundo. Nem precisava ler no papel para recitar as palavras escritas ali:

— «O barco sai às sete. Venha de tênis. Traga isca.» Robert foi até um balcão ali perto e, no meio de uma enorme confusão de ferramentas, encontrou uma chave de porcas.

— O que não entendeu? Eu achei que o recado era auto-explicativo. Ou o seu problema é reunir os itens exigidos?

— Não — respondeu Carly, resolvida a não deixar que ele transformasse aquela conversa em mais uma briga. — Eu só pensei... A que tipo de isca, especificamente, você se referiu?

— Rastejadores noturnos.

— Rastejadores noturnos? — repetiu Carly, sem fazer a menor idéia do que ele queria dizer.

— Você deve saber... Aqueles bichinhos que se contorcem e que os pescadores colocam no anzol.

— Ah... Minhocas! Sim, acho que vamos precisar.

Robert voltou-se, pegou uma das porcas e debruçou-se sobre o motor do avião.

— Eu levarei o resto do equipamento, Maria cuidará do lanche e você arranjará as minhocas. É só o que nós precisamos.

Carly chegou mais perto e esticou o pescoço para tentar ver o que ele fazia.

— «Nós» quem?

— Você, as hóspedes e eu — respondeu Robert, começando a apertar a porca com os dedos.

A voz dele tinha uma ponta de impaciência que a fez lembrar-se de algumas vezes em que ela própria falava com Liz.

— Você? Mas...

Robert pegou a chave de porcas e apertou a peça com tanta força que a ferramenta escapuliu da mão dele.

— Quem você esperava que fosse? Indiana Jones?

Carly reparou que a camiseta verde que ele usava tinha a mesma tonalidade dos olhos. E estava colada ao corpo, realçando os músculos distendidos pelo esforço.

— Pelo menos Indiana Jones é civilizado — ela murmurou. — Olhe, você não precisa ir. Eu posso muito bem...

— Ah, sim. Você nunca pescou na vida e vai liderar uma expedição de pesca?

Carly preferiu não responder àquela pergunta.

— Ouça... Eu posso não ser uma especialista em pesca, mas não há necessidade disso. Nem vou participar da pescaria propriamente dita. Minha função será cuidar para que aquelas senhoras se divirtam.

Robert suspirou.

— Seria maravilhoso se tudo fosse tão fácil assim, mas não é essa a realidade. Eric prometeu a Sra. Murdoch que eu a levaria a um local especial.

— Ah, entendo... — murmurou Carly, resolvendo mudar de tática. — Bem, já que você vai, não preciso ir.

Robert sacudiu a cabeça.

— Ah, vai. Elas são *suas* hóspedes, lembra-se? E você é a gerente. Portanto, irá conosco.

Carly ainda tentou argumentar.

— Mas não existe motivo para que nós dois estejamos lá.

— Existe, sim.

— Qual?

— O pedido de Eric. Além disso, só pretendo ir desta vez. Preste atenção em tudo... E, para o nosso bem, espero que aprenda depressa.

Dito isso ele voltou ao trabalho.

Percebendo que estava dispensada, Carly ficou olhando enquanto ele ajustava outra porca no motor do avião.

— Dificilmente eu serei uma pescadora mais sofrível do que você é como mecânico — ela observou.

Esperava que ele respondesse, mas Robert continuou em silêncio, o que foi bem pior para ele. Agora, Carly não tomaria a iniciativa de dizer que o problema ali era bem outro. Ele poderia passar cem anos trocando as porcas daquele motor, mas isso não o faria voltar a funcionar.

Mas Robert Cameron era esperto demais. Que descobrisse sozinho.

— Tome. Ponha a minhoca no anzol.

Carly abaixou um pouco a cabeça e olhou para Robert por cima dos óculos escuros.

— O que disse?

Robert colocou um anzol numa das mãos dela e, na outra, uma minhoca.

— Espete a minhoca com o anzol.

Sentindo o aroma do xampu de limão que vinha dos cabelos dela, ele apertou os dentes. Ao insistir para que Carly participasse da pescaria, não havia imaginado que eles dois estariam tão próximos. Sempre tinha tido a ilusão de que um barco de vinte e cinco pés era de bom tamanho, mas agora, com a inclusão da Srta. Bradford, não estava tão certo assim.

Carly olhou para a minhoca que se contorcia na mão dela, tomando o cuidado de mantê-la longe da camiseta e do short.

— Será que ela vai... Sofrer muito?

— Esses bichos não têm nervos — respondeu Robert, desejando poder dizer a mesma coisa de si próprio. Toda vez que chegava muito perto daquela mulher, sentia vontade de estrangulá-la ou beijá-la até que os dois não tivessem mais forças para ficar de pé. — Não precisa ter pena das minhocas. Apenas as coloque nos anzóis para as hóspedes.

Apesar do tom ríspido com que falava, Robert tinha que reconhecer que, pelo menos até aquele momento, a Srta. Bradford era uma excelente companheira de pescaria. Fazia tudo o que ele mandava sem uma única queixa e até demonstrara uma surpreendente competência em pilotar o barco até o local onde eles haviam ancorado.

Robert olhou em volta. Aquela pequena enseada cercada de frondosas árvores devia ser o melhor ponto para pescaria do lago Eden. Na certa, logo as hóspedes se cansariam da brincadeira e pediriam para voltar.

Então ele voltou à atenção para Carly, que olhava com óbvio desgosto para a minhoca que tinha na mão, e sentiu vontade de rir. Era evidente que ela não iria espetar a minhoca... E, estranhamente, ele achou que não teria coragem de obrigá-la a isso. Talvez fosse por causa da beleza do dia, ou pela disposição que ela vinha demonstrando em agradá-lo desde que o grupo havia saído. Fosse por que fosse Robert havia perdido a vontade de aborrecê-la... Pelo menos por enquanto.

— Deixe-me fazer isso.

Antes que pudesse mudar de idéia, ele pegou a minhoca, espetou-a com o anzol e entregou o conjunto a Sra. Murdoch, que estava

esperando, impaciente. Ao prosseguir na tarefa, descobriu que as outras, cansadas de esperar, já tinham elas próprias tomado aquela iniciativa. Estavam todas nos bancos de madeira perto da borda do convés, cada uma segurando um caniço com a linha na água.

Robert e Carly cruzaram o olhar, ambos divertidos por aquela cena.

— Pescadoras fanáticas — comentou Carly, num tom solene. Por um longo segundo Robert viu-se perdido nas profundezas daqueles olhos, que pareciam quase negros por causa das sombras produzidas pelas altas árvores da margem do lago. A estridente voz de soprano da Sra. Murdoch dissipou aquele pensamento.

— Ei, garoto voador! — ela exclamou, voltando-se para ele com uma expressão acusadora. — Acho que a minha minhoca escapuliu.

Enquanto falava, ela puxou a linha para mostrar o anzol sem nada.

O brilho nos olhos de Carly transformou-se em riso quando ele resmungou uma praga e se voltou para ajudar a gorducha matrona. Robert ficou ainda mais carrancudo quando ela entrou na cabine e soltou uma risada que, mesmo abafada, foi ouvida no lado de fora.

Pouco depois Carly apareceu à porta.

— Alguém quer beber alguma coisa?

Todas as respostas foram afirmativas e ela entrou outra vez na cabine, retomando algum tempo depois com várias latas de refrigerante gelado... E uma de cerveja para a Sra. Murdoch. Durante algumas horas, estiveram todos muito ocupados com os peixes que foram sendo fisgados.

Por volta do meio-dia, quando as gêmeas disseram que estavam com fome, Carly abriu no espaço entre os bancos laterais uma mesa dobrável, que forrou com uma toalha branca e onde colocou pratos de louça. Depois, com gestos teatrais e um largo sorriso no rosto, foi tirando a comida da geladeira de isopor que Jimmy havia levado para o barco, antes da partida. O lanche compunha-se de frios fatiados, frutas, ovos cozidos, queijo e fatias de pão integral. Uma vez posta à mesa, as hóspedes soltaram exclamações entusiasmadas. Havia até uma garrafa de vinho branco, que Carly entregou a Robert.

— Abra, por favor.

— Com quê? Com os dentes? — ele perguntou, espantado com o

que via à mesa. Estava acostumado à simples sanduíches de pasta de amendoim em pratos de papelão, que era o que Maria sempre preparava para *ele.* — Mas o que é isso? O estilo de vida dos ricos e famosos?

— Isso é o paraíso — declarou a Sra. Gordon, com um suspiro de satisfação, pegando uma fatia de abacaxi. — No outono passado, fomos para uma pousada terrivelmente cara em Adirondaeks, e tudo o que serviam eram sanduíches de atum e bolo de milho.

Carly entregou a Robert um saca-rolhas.

— Tome, use isto. Não quero ser a responsável pela destruição do seu sorriso.

— Embora ele raramente apareça — comentou a Sra. Murdoch.

— Fique calada, Myrna — censurou-a a Sra. Gordon, olhando depois para Carly. — Você e o Sr. Cameron são muito bons nisso, Srta. Bradford. Trabalham juntos há muito tempo?

Carly fingiu não reparar que Robert quase deixou cair à garrafa.

— Não — ela respondeu, com um leve sorriso. — Ainda estamos tentando aparar as arestas do nosso relacionamento.

— Ah, sim — pronunciou-se a Sra. Murdoch, dando a entender que sabia do que Carly estava falando. — Meu relacionamento com Myron também tinha muitas arestas, mas isso até que é bom. Torna a vida mais interessante. — Balançando a cabeça, ela recusou o copo de vinho que Carly ofereceu e levantou a lata de cerveja. — Isto aqui faz mais o meu gênero.

Num gesto gracioso, a Sra. Gordon segurou o copo para que Robert o enchesse de vinho.

— Vocês jovens são muito liberados — ela comentou. — Acho que o meu marido não seria tão compreensivo quanto o seu Carly. Dificilmente me deixaria trabalhar com um viúvo bonitão como o Sr. Cameron.

A garrafa estremeceu na mão de Robert, quase derramando vinho na florida bermuda da simpática velhinha.

— Marido? — ele se espantou.

— Viúvo? — exclamou Carly, ao mesmo tempo. Percebendo a confusão que havia criado, a Sra. Gordon corou levemente.

— Desculpem. Já que o tio do Sr. Cameron me revelou que ele é

viúvo, e já que a vi no café da manhã com a sua garotinha, concluí que... — Depois de olhar alternadamente para um e outro, constrangida, ela pousou os olhos em Carly. — Será que estou sendo inconveniente?

— Não, não — tranqüilizou-a Carly. — De forma nenhuma. É só que eu não sou casada.

— Ah, sei...

Sentindo-se alvo da curiosidade de quatro pares de olhos femininos, Carly apressou-se em esclarecer:

— Liz é minha sobrinha.

Por alguns instantes a Sra. Gordon olhou com mal disfarçado interesse para o rosto de Robert, que, com uma expressão de deliberado desinteresse, foi servir vinho às gêmeas. Então a velhota se voltou para Carly.

— E você está tomando conta dela, querida?

Carly não entendia por que havia se transformado no centro das atenções. No entanto, como as quatro mulheres permaneciam em silêncio, evidentemente esperando uma resposta, ela não teria como escapar.

— Bem... Na verdade sou a guardiã da menina. Os pais dela, minha irmã e meu cunhado, morreram num acidente.

Procurando aparentar serenidade, ela começou a servir os pratos. Por sorte, logo a Sra. Murdoch quebrou o pesado silêncio que caiu.

— Acho que vou querer outra lata de cerveja, Srta. Bradford. Esta aqui já esquentou.

Grata com a mudança de assunto, Carly foi prontamente buscar outra cerveja. Quando retomou, as velhotas já estavam todas comendo, sentadas em volta da mesa, enquanto conversavam animadamente sobre o casamento do neto mais velho da Sra. Gordon.

— Eu adoro casamentos no verão — declarou Ida.

— Eu adoro casamentos, seja em que época for — pronunciou-se a irmã dela, Ada. — Mas reconheço que é mais bonito quando a cerimônia se realiza no Natal ou no Dia dos Namorados. É lindo ver a igreja decorada em vermelho e branco, cheia de gente jovem. É tudo tão envolvente, tão... Romântico.

Carly começou a recolher os restos do lanche e aquilo chamou a

atenção de Myrna.

— Qual é a sua opinião, Srta. Bradford? — perguntou à velhota.

— Eu? — disse Carly, dando de ombros. — Não acho que a época do ano tenha importância. A pessoa com quem vamos nos casar é que torna o evento especial, não a época.

— E existe alguém especial? — inquiriu Ida.

Carly dobrou a toalha e guardou-a de volta na cesta de vime. Depois, olhou de lado para a autora da pergunta.

— Vocês são mesmo umas pescadoras muito curiosas. Não é verdade que todas as pessoas sempre têm uma história sobre alguém que foi embora?

Myrna prontamente pegou a deixa.

— E ele foi embora usando as próprias nadadeiras? Ou você o jogou de volta na água?

— Digamos que eu pensei ter pescado uma merluza, mas na verdade era um tubarão — ela respondeu, com amargura.

Pensando bem, até que era uma boa descrição para Ty.

— E a sua experiência, Sr. Cameron, como foi? — quis saber Myrna.

— Acho que existem tubarões dos dois gêneros — ele respondeu, com honestidade, embora convenientemente conseguisse contornar o assunto.

Quando Ada bocejou discretamente, Robert olhou no relógio e afastou-se da parede da cabine, onde estava encostado.

— Faça com que elas se acomodem que eu vou puxar a âncora — ele disse a Carly, num tom calmo. — Acho que já é hora de voltarmos.

— Claro — ela concordou, olhando para o relógio e constatando, surpresa, que à tarde já ia pela metade.

Uma rápida olhada nas hóspedes revelou que estavam todas sonolentas depois de várias horas ao sol.

Enquanto Robert ia içar a âncora, Carly pôs-se a recolher as latas vazias. Não se passaram mais que dois minutos até que a Sra. Murdoch a abordasse, espantadíssima.

— Deus do céu, Srta. Bradford! O Sr. Cameron sempre proporciona esse tipo de espetáculo? Acho que meu marca-passo vai explodir!

— O que foi? — perguntou Carly, voltando-se para ver o que estava deixando a Sra. Murdoch tão agitada.

O que viu foi realmente de tirar o fôlego: já sem camisa, naquele exato instante Robert estava tirando também a calça jeans.

Ela ficara meio tonta ao vê-lo antes sem camisa, mas aquilo... Aquilo era bem pior. Agora ele estava praticamente nu, expondo a pele bronzeada em meio a um cenário composto pelo azul da água e pelo verde das árvores um pouco além. Tinha uma aparência selvagem e bela, além de totalmente máscula.

— Oh, Deus! — exclamaram as gêmeas, em uníssono. Mesmo a recatada Sra. Gordon deixou escapar um murmúrio de admiração:

— Que maravilha...

Mentalmente Carly fez eco àquelas exclamações, reparando que ele vestia apenas uma sunga de banho branca... Bem sumária, por sinal.

Robert levantou a cabeça e ficou com o pescoço levemente corado ao perceber que era alvo de todos os olhares.

— A âncora está presa lá embaixo — ele se explicou. A Sra. Murdoch deu um leve empurrão em Carly.

— Vá ajudá-lo, sua boba — ela recomendou, com ênfase. — Se eu fosse vinte anos mais jovem, pode crer que já estaria lá.

— Myrna! — repreendeu-a a Sra. Gordon.

— Está bem, está bem! Se eu fosse *trinta* anos mais jovem.

Consciente de que tinha as faces muito vermelhas, Carly caminhou até onde estava Robert, que remexia numa caixa de equipamentos procurando uma faca e um par de óculos de mergulho.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou Carly, explicando-se melhor quando ouviu a risada da Sra. Murdoch: — Para ajudar?

Robert olhou rapidamente para ela antes de pôr os óculos.

— Pode, sim. Quando eu soltar a âncora, darei um puxão na corda. Então, quero que você a estique bem para que a âncora não se prenda outra vez. Mas não tente içá-la, porque provavelmente ela pesa tanto quanto você. Farei isso quando voltar ao barco.

Dito isso ele se aproximou da borda do barco, respirou fundo e mergulhou de cabeça na água.

Segurando na corda, Carly chegou bem perto da borda, olhou para baixo e viu-o lá no fundo, mexendo na âncora. A água era tão clara que ela podia ver os músculos das costas dele flexionando-se por causa do esforço. Instantes mais tarde sentiu um puxão na corda e percebeu que era o sinal combinado. Então, esticou o mais que pôde a corda.

— Precisa de ajuda, querida? — ofereceu-se Ida, chegando bem perto de Carly, no instante em que a cabeça de Robert emergiu da água.

Tirando os óculos, ele sacudiu a cabeça e passou as costas da mão pelos olhos. Depois, segurou nos degraus da escada de alumínio e começou a subir. Com o peso do corpo dele, o barco virou levemente para o lado e Ida apoiou-se em Carly, que perdeu totalmente o equilíbrio. Soltando um grito, ela passou por cima da cabeça de Robert e foi cair no lago, fazendo espirrar água para todos os lados.

Péssima nadadora, Carly deixou-se dominar pelo pânico, engolindo água enquanto afundava. Procurando desesperadamente algo a que se agarrar, encostou a mão na coxa quente e peluda de Robert. Só não soltou um grito porque estava com o rosto inteiro dentro da água.

Robert percebeu o que acontecia e achou melhor não esperar que ela voltasse sozinha à superfície. Voltando á água, envolveu-a com o braço esquerdo, enquanto segurava com a mão direita um dos degraus da escada. Na reação mais comum das pessoas que se estão afogando, Carly agarrou-se a ele com braços e pernas. Quando finalmente se sentiu segura, achou que devia agradecer.

— Obrigada. Acho que não sei nadar muito bem.

— Está brincando — caçoou Robert, sem muita animação. Por vários segundos Carly se deixou ficar naquela posição, tremendo muito e com a respiração descompassada. Então percebeu que gostaria de abraçá-lo daquele jeito mesmo que não corresse o perigo de cair outra vez na água. Com o rosto colado ao ombro forte de Robert, sentia as batidas do coração dele, tão aceleradas quanto às do dela.

Instantes mais tarde, Ida espiou para baixo, preocupada.

— Vocês estão bem?

— É claro que eles estão bem — intrometeu-se Myrna, abrindo um sorriso quando viu Robert e Carly abraçados. — Foi o salvamento mais fantástico que eu já vi desde que Tarzan salvou Jane.

— Meu Deus, Myrna! — exclamou a Sra. Gordon, caçoando da

amiga. — Não sabia que você era tão velha assim.

Robert ignorou a tagarelice das velhotas e olhou para Carly quando ela soltou os quadris dele, que envolvia com as pernas.

— Você está bem agora? — ela perguntou, num tom mais amigável do que o que costumava usar.

— Sim, estou bem.

Quando estendeu a mão para segurar na escada, Carly fez uma constatação que a fez corar fortemente. Tendo que encostar a virilha na parte baixa do corpo de Robert verificou que ele não ficara indiferente ao contado do corpo dela.

Mas não teve muito tempo para pensar naquilo, porque naquele instante as Sras. Gordon e Murdoch estendiam a mão para ajudá-la a subir no barco. Uma vez no convés, as gêmeas prontamente a cobriram com uma toalha. Instantes mais tarde todo o grupo se voltou para Robert.

Como uma estátua grega, ele estava de pé no convés, o corpo de músculos perfeitos todo molhado e refletindo o brilho do sol. Só de vê-lo Carly sentiu fraqueza nas pernas.

Movendo-se como um autômato, ela se deixou levar pelas velhinhas para a cabine.

CAPÍTULO V

— Precisa de mais cinco mil? — perguntou Robert, apertando com força o receptor do telefone. — Para quê?

Já se havia passado um bom tempo desde o jantar e todos estavam recolhidos.

A resposta do detetive particular que ele havia contratado para encontrar Seth foi dada numa voz impaciente.

— Olhe aqui, Cameron. Eu achei que não havia mais dúvida quanto a isso. Estou tendo muitas despesas e ou você confia ou não confia em mim. Esse tipo de busca custa muito dinheiro... Foi o que deixei bem claro quando você me contratou. Pretendo lhe mandar uma conta detalhada de todos os gastos quando tiver tempo de fazê-la, mas no momento tenho que seguir uma pista quente do seu garoto em Atlanta. Mande-me a ordem de pagamento... Ou não mande. A decisão é sua.

Robert controlou-se para não soltar um palavrão. Apesar do linguajar grosseiro de Detwiler, a reputação dele era de ser muito bom em localizar crianças desaparecidas. Além disso, e pelo menos naquele momento, dinheiro não era problema.

O problema era ele não ter o controle da situação. Acostumado a tomar todas as iniciativas, via-se agora forçado a depender de outra pessoa.

— E então? — inquiriu Detwiler. — Como é que vai ser? Você topa ou não topa?

— Topo — respondeu Robert, que não tinha escolha.

Ele já havia tentado encontrar o filho sozinho. Durante três longos meses, tinha procurado exaustivamente, gastando todos os recursos financeiros de que dispunha e boa parte das esperanças. Portanto sabia por experiência própria que Detwiler estava certo. Uma busca como aquela consumia muito dinheiro, porque todas as pistas precisavam ser seguidas.

— Amanhã de manhã, logo que o banco abrir, eu lhe mandarei a ordem de pagamento — ele prometeu. — Para onde devo mandar?

Detwiler, que tinha ido a Chicago para conversar com alguns parentes da ex-mulher de Robert, disse a agência bancária onde queria receber o dinheiro.

— Mantenha-me informado — reivindicou Robert, depois de anotar tudo. — Mas para onde você disse que estava indo?

O detetive não respondeu, porque já havia desligado. Irritado, Robert pôs o fone no gancho, batendo com força.

Aqueles últimos nove meses tinham sido para ele cheios de uma angústia quase insuportável. Embora o casamento estivesse terminado bem antes da noite em que ocorrera o acidente de automóvel fatal para Debbie, ele se sentia culpado por ela ter morrido logo depois de uma das discussões que costumavam ter. Talvez por causa desse sentimento de culpa, não fora capaz de avaliar a extensão da raiva que os pais de Debbie sentiam por ele, proporcional à obsessão que tinham por Seth. Sem dúvida eles também o culpavam pela morte da filha e por isso resolveram afastá-lo definitivamente do menino.

Amargurado, Robert correu os olhos pelo escritório, tentando pensar em outra coisa. Só então prestou atenção no som da conversa que

entrava pela janela aberta.

— Mas eu não estou entendendo — dizia Liz, com sua vozinha fina, sentada com a tia no comprido banco de madeira da varanda.

Como faziam todas as noites, as duas estavam ali para apreciar o céu estrelado e conversar um pouco.

— Por que eles não descem? — perguntou a menina. Carly abaixou os olhos para a cabeça dourada da sobrinha.

— Quem, querida? Descer de onde?

— Mamãe e papai — respondeu Liz, com impaciência, enquanto balançava as mãozinhas viradas para cima. — A Sra. Maria disse que eles estão lá em cima, no céu.

— Maria se referiu a outro céu, querida — explicou Carly, com ternura na voz. — É o paraíso, não o firmamento estrelado que estamos vendo.

— Mas onde é? Maria disse também que mamãe e papai me vêem... Por que eu não consigo vê-los?

Carly passou o braço por cima dos ombros da sobrinha, pensando numa resposta.

— Nós não podemos ver o paraíso, mas é um lugar onde as pessoas se sentem bem, totalmente felizes.

Liz pensou por alguns instantes.

— Assim como a Disneylândia? Carly riu da comparação.

— É mais ou menos. Para algumas pessoas acho que é assim.

— Então por que eles não me levaram? Carly apertou-a contra o peito.

— Porque você tinha que ficar comigo, ou eu ficaria muito sozinha.

Aquilo era verdade. Por um bom período depois do acidente, Carly só encontrava forças para se levantar da cama pela manhã quando se lembrava de que precisava cuidar de Liz.

— Ah, sim — disse a menina, pensativa. — Mas eu posso ir à Disneylândia com você. Será que podemos ir à Disneylândia, tia Carly?

Ela fez a pergunta erguendo o rosto com um sorriso esperançoso.

Carly suspirou. De um instante para outro, havia se transformado em

pai e mãe daquela menina. Por enquanto, não era muito difícil responder às perguntas de uma garotinha de quatro anos. Mas Liz cresceria e ela não sabia que respostas daria a outras que fatalmente surgiriam.

— Sim, querida, mas não este ano.

— E no próximo verão, quando eu for maior?

— Sim — respondeu Carly, beijando a cabeça loira da sobrinha. — Quando você for maior.

Se aquele trabalho desse certo, se ela encontrasse uma forma de se entender com Robert que não envolvesse violência... Ou luxúria.

— Vamos viver para sempre aqui? — perguntou Liz, como se estivesse seguindo os pensamentos da tia.

— Não para sempre, mas espero que por um bom tempo — respondeu Carly, com sinceridade.

— Que bom. Eu gostava mais da sua casa, mas também gosto muito daqui. Não gostei quando chegou aquele homem de cara feia e nós tivemos que ir embora. Fomos para um lugar apertado, você vivia cansada e sempre dormia na hora de me contar histórias. Quando você ia para o trabalho, eu ficava naquele lugar cheio de crianças e aquela mulher gritava comigo... Aqui, a Sra. Maria faz doces para mim, o Sr. Eric imita as vozes dos bichos quando lê histórias e o Sr. Robert... — Nesse ponto a voz dela encheu-se de ternura. — Eu gosto tanto do Sr. Robert. Ele é tão bondoso.

Carly pensou na atração que Robert também exercia sobre as atuais hóspedes da pousada e concluiu que os encantos dele atingiam as mais diversas gerações. Mesmo assim, ela não usaria a palavra «bondoso» para defini-lo. O mais prudente seria não pensar numa forma para descrevê-lo.

— Eu também gosto daqui, Liz... Mas vamos ter que esperar para ver.

— Ver o quê?

— Se todas as pessoas estão felizes com a nossa presença. Embora dissesse «todas as pessoas», ela pensava em alguém alto, loiro e bonito.

— Mas todas as pessoas estão felizes, sim — garantiu Liz, acompanhando a declaração com um bocejo. — O Sr. Eric sempre me

chama de doçura.

— E ele tem razão — apoiou Carly, pegando a menina no colo e reparando que ela estava com aquela expressão característica de uma criança prestes a sucumbir ao sono. — Agora vamos, chuchuzinho. Vou levá-la para a cama.

Robert ouviu que elas se afastavam e ficou aliviado por não estar mais no papel de quem escutava a conversa dos outros. No entanto, parte do que acabara de ouvir continuava na mente dele. Pelo que havia entendido, em certa época Liz passara os dias numa creche e alguém gritava com ela. Ele não entendia como alguém podia gritar com uma criança tão doce, dona de um charme tão natural. Mas por que ele ficara consternado ao saber que, depois de um duro dia de trabalho, Carly se sentia tão cansada que nem conseguia contar uma história à sobrinha?

Embora estivesse inclinado a acreditar que ela não era a oportunista que ele havia pensado, embora até admitisse que ela era atraente... Bem, apesar de tudo isso, ainda não estava certo de que gostava daquela mulher. Ela era simplesmente muito... Muito... Ora, Robert não sabia o que ela era *muito,* sabia apenas que não gostava dela.

Então, por que sentira uma espécie de simpatia por Carly Brad-ford ao perceber o esforço dela para responder às perguntas de Liz sobre o paraíso?

Bem, pelo menos ele sabia a resposta para aquela pergunta que se fazia.

Papai? Robert ouvia a voz de Seth como se o menino estivesse ali mesmo no escritório. *Mamãe está com os anjos?*

Lembrando-se disso ele sentiu um aperto no coração. Que tipo de perguntas Seth faria agora... E que respostas estaria recebendo? Já haviam se passado seis meses desde o desaparecimento do menino, um tempo muito longo na vida de uma criança.

— Eu vou encontrá-lo, Seth — prometeu Robert, como se o filho pudesse ouvi-lo. — Não importa quanto isso me custe, eu o encontrarei. Ainda vamos passar juntos muitos feriados... Eu juro filhinho.

— Liz, por favor, vá ver se o Sr. Eric precisa de alguma coisa antes de partirmos.

Carly esperava que a menina demorasse naquela missão pelo menos o tempo suficiente para que se concluíssem os últimos

preparativos para a caminhada que ela e Robert fariam com as hóspedes.

— Mas eu quero ir.

Carly olhou para o semblante decidido da garotinha e procurou controlar a própria impaciência.

— Não. Eu já lhe expliquei, querida, que isto é só para gente grande. Quando voltar eu a levarei para um passeio, mas por enquanto você terá que ficar aqui.

Liz não recuou um milímetro. Plantou as mãos na cintura e bateu o pé.

— Mas eu quero ir.

— Liz...

— Deixe-a ir.

Carly voltou-se e olhou para Robert. De pé, com as mãos na cintura e o pé batendo no chão, era *ele* a inspiração para a postura da sobrinha dela!

— Está perdendo tempo — ele argumentou. — Quer mesmo caminhar ou prefere ficar aqui discutindo?

Lembrando-se dos progressos que eles tinham feito no barco em direção a um relacionamento mais amistoso, Carly refletiu. Robert havia se mostrado retraído e mal-humorado durante toda a manhã, contestando tudo o que ela dizia até quase fazê-la perder a paciência.

— Quero caminhar — ela respondeu. — No entanto, vai ser um pouco difícil fazer isso com uma criança de quatro anos se pendurando em mim.

— Então deixe que ela se pendure em mim.

Abaixando-se para apanhar a mochila, Robert não viu a variedade de reações que aquelas palavras provocaram. Enquanto as hóspedes demonstravam aprovação e a menina punha-se a saltar de alegria, Carly abriu a boca de espanto.

— Oh, que bom! — comemorou Liz, passando pela tia e correndo para abraçar a perna de Robert. — Prometo que vou ser boazinha.

Robert abaixou-se para olhar no rosto da garota.

— E melhor que seja mesmo — ele recomendou, numa voz que era

um misto de admoestação e meiguice. — Mas, antes de prometer, acho melhor você conhecer as regras. — Então ele levantou um dedo. — Regra número um: você terá que fazer tudo o que sua tia e eu dissermos... Sem discussão.

Liz assentiu com um vigoroso movimento de cabeça.

Robert levantou o segundo dedo.

— Regra número dois, e a mais importante: você terá que ficar sempre com o grupo. Não poderá ir a lugar nenhum sem a companhia de um adulto. Está bem?

— Está bem, eu prometo — declarou Liz.

— Muito bem. Nesse caso, poderá ir conosco.

Depois disso, para alegria ainda maior da menina, ele a ergueu bem alto e sentou-a no ombro direito. Finalmente, voltou-se para o grupo e fez um sinal indicando que era hora da partida.

Ainda boquiaberta Carly abaixou-se para apanhar a própria sacola e ficou olhando enquanto as velhotas se punham em movimento. Não era a primeira vez que se via pensando no enigma que era aquele homem. Em geral ele se mostrava espinhoso como um cáctus, mas às vezes tinha aqueles momentos...

— Você viu? — murmurou a Sra. Gordon, caminhando e olhando por cima do ombro para Carly, que agora seguia o grupo. — Eu nunca imaginei que o Sr. Cameron pudesse gostar de crianças, mas é evidente que ele gosta muito da sua sobrinha.

— É... Parece que sim — respondeu Carly, tão surpresa quanto à simpática velhinha.

Então as duas ergueram a cabeça para ver o que acontecia na frente do pelotão. Segura de si, e como não ouvira nenhuma regra proibindo aquilo, Liz fazia a maior confusão nos cabelos de Robert. A retaliação foi imediata, porque ele ergueu bem alto a mão esquerda e fez a mesma coisa nos cabelos da menina, que se pôs a rir.

A Sra. Gordon sorriu.

— De cabelos loiros, eles até parecem pai e filha.

Pelo menos para si própria, Carly reconheceu que estava sentindo uma ponta de ciúme. Não da camaradagem que estava havendo entre Robert e Liz, é claro, mas sim por ter sido ela, Carly, deixada de lado.

Bem que gostaria de participar da conversa alegre e dos risos daqueles dois lá na frente. Tristonha, ela pensou em como seria bom ter um homem com quem pudesse partilhar tudo na vida...

Carly parou no mesmo instante. Mas que diabo estava pensando? Talvez a queda no lago a tivesse deixado com a cabeça cheia de água. A questão não era pensar em ter um relacionamento amoroso... Mas sim imaginar que poderia acontecer um relacionamento assim com *Robert.* Eles nem gostavam um do outro.

Ou, pelo menos, ele não gostava dela.

Bem, talvez isso não fosse muito verdadeiro, pelo que ela havia constatado no dia anterior, no lago, ao encostar o corpo no dele. Robert também havia tomado a iniciativa de beijá-la, um beijo quente, apaixonado, selvagem...

Então era isso. Talvez Robert gostasse dela fisicamente. A propósito, ela também gostava dele nesse aspecto.

Mas não era essa a causa do anseio de agora... O que ela queria era ser de fato a *companheira* de um homem. Jamais se submeteria outra vez a um relacionamento igual ao que tivera com Ty, no qual amor era sinônimo de dependência. Tolamente ela havia confundido fé cega com confiança, o que acabara resultando em tragédia para todos.

Carly ainda estava dominada por aqueles pensamentos quando o grupo parou num belvedere. Do alto de um rochedo, descortinava-se uma paisagem de quilômetros e quilômetros, tanto para o norte como para o sul, e aquilo enfatizava o isolamento em que eles se encontravam. Sem contar o aglomerado de casas da propriedade dos Anderson, que ficava a uns bons vinte quilômetros dali, na margem oposta do lago, não havia nada construído pelo homem num raio de pelo menos oitenta quilômetros. Vista de onde eles estavam à aldeia dos Anderson, composta por um cais, um posto de gasolina e meia dúzia de cabanas, era apenas um minúsculo ponto no horizonte.

Foi Myrna Murdoch quem quebrou o silêncio dos que, reverentemente, contemplavam a vista.

— O que se pode fazer de interessante por aqui? — ela perguntou, dirigindo-se a Robert. — Ver as árvores envelhecerem? Não sei se eu sobreviveria num lugar sem um *shopping center.*

Robert pôs Liz no chão e voltou-se para a autora da pergunta.

— Não conhece aquele ditado? — ele inquiriu, mostrando um sorriso que surpreendeu a todas. — «Quem tem inventividade não se desespera». A senhora nem imagina o que conseguimos fazer por aqui.

O sorriso dele transformou-se em riso e a Sra. Murdoch soltou uma gargalhada.

— Ah, seu demônio! — ela exclamou, dando uma palmada nas costas dele.

Carly achou perfeita a definição, porque aquele homem *era* um demônio. Aparentemente sem a menor dificuldade, ele estava conquistando todos os corações por ali. Cada vez que ela achava que podia defini-lo, ele fazia algo que surpreendia a todos. Pelo menos era bom saber que o passeio estava sendo interessante.

Na hora que se seguiu o grupo traçou um grande círculo para iniciar o caminho de volta. Quando chegaram perto de uma cachoeira, eles pararam para descansar e fazer um lanche.

Carly estava entretida numa conversa com as gêmeas quando Robert a interrompeu.

— Onde está Liz? Espantada, ela olhou em volta.

— Pensei que estava com você.

— Não, não está. Não ouviu quando eu disse a ela para ficar com você?

— Não — respondeu Carly, levantando-se e empalidecendo depois de correr os olhos pela clareira para constatar que a menina não estava à vista. — Para onde será que ela foi?

Embora houvesse uma ponta de preocupação naqueles olhos verdes, a voz de Robert parecia calma.

— Vou encontrá-la. Ela não pode ter ido muito longe.

— Por que não vamos todos? — sugeriu a Sra. Murdoch, acercando-se de Robert e Carly, no que foi acompanhada pelas outras velhinhas.

A última coisa que Robert queria naquele momento era que alguém mais se perdesse.

— Não, é melhor que vocês fiquem, porque Liz poderá voltar a qualquer momento — ele argumentou, diplomaticamente, olhando para a Sra. Gordon. — Se eu não voltar dentro de uma hora, prossigam o

caminho até a pousada. É só seguir a trilha.

— Está bem — concordou a Sra. Gordon.

A Sra. Murdoch abriu os braços, como se tivesse sempre que perder os melhores momentos.

— Ei, espere aí — protestou Carly, quando Robert se pôs em movimento. — *Eu* não vou ficar aqui parada. Vou com você.

— Não — ele respondeu, sem nem ao menos olhar para trás.

— Sim — ela se rebelou, correndo atrás dele.

Robert soltou um palavrão, mas não alterou o ritmo da caminhada.

— Então, pelo menos fique calada e faça tudo o que eu disser.

— Está bem, desde que você saiba o que está fazendo — submeteu-se Carly; seguindo-o por uma trilha que parecia mais apropriada para ratos do que para gente. — Você sabe, não sabe?

Sem responder e continuando a marcha, Robert empurrou para frente um galho de árvore que, quando foi solto, voou na direção da cabeça de Carly.

— Ei! — ela exclamou, esquivando-se. — O que significa isso?

— Significa que, diferentemente de certas pessoas, eu sei exatamente como me conduzir numa floresta.

— É mesmo? E imagino que esteja sugerindo que eu não sei.

— Não estou sugerindo — corrigiu-a Robert. — Estou dizendo isso muito claramente. Acho que você não faz a menor idéia de como isto aqui é perigoso para quem não está acostumado.

Embora reconhecesse que ele devia ter razão, Carly ainda achava que era sempre possível aprender.

— Então me desculpe Daniel Boone... Mas nem todos nós nascemos com uma faca nos dentes e uma bússola na mão. Além disso, não preciso saber de muita coisa, porque você está aqui.

Subitamente Robert parou de andar e Carly esbarrou nas costas dele.

— Psiu! — ele fez, erguendo a mão, antes que ela protestasse. — Ouviu aquilo?

Carly apurou os ouvidos. Finalmente, quando a brisa parou de

soprar por um instante, ouviu claramente a voz fina de Liz.

— Ei, espere aí! — protestava a menina. — Isso é meu! Robert e Carly entreolharam-se, espantados. Com quem ela podia estar falando? Passado o instante de surpresa, Robert correu para o lado de aonde vinha à voz da garota, seguido por Carly. Chegando a uma pequena clareira os dois estancaram perplexos diante da cena que se desenrolava ali: com os cabelos em desalinho, Liz parecia estar brincando de cabo-de-guerra com um pequeno filhote de urso.

— Oh, meu Deus — rezou Carly, horrorizada, enquanto o ursinho puxava a manga da camiseta da menina, que resistia.

Decidida a resgatar a sobrinha, Carly começou a andar na direção do local onde se realizava a disputa, apenas para ser barrada pelo braço estendido de Robert.

— Nem pense nisso — ele a proibiu.

Puxando-a para bem perto, ele fez um silencioso gesto de cabeça para a direita, levando Carly a olhar naquela direção.

— Oh, meu Deus — ela repetiu, desta vez com maior fervor. Emoldurada pelo verde das árvores, via-se ali a montanha cinzenta que era a mãe do ursinho.

Por alguns instantes, a disputa pareceu empatada, até que Liz perdeu a paciência.

— Eu avisei — ela gritou, dando um tapa na cabeça do adversário. — Solte!

O ursinho saltou para trás, com um grito de espanto, ao mesmo tempo em que mamãe-ursa rosnava e saía do meio das árvores, penetrando na clareira. Liz corria um sério perigo. Sentada onde havia caído no meio da confusão, ela agora examinava o rasgão na camiseta.

Carly não hesitou nem mais um segundo. Antes que Robert pudesse retê-la, soltou-se da mão dele e pegou no chão um grosso pedaço de pau. Assim armada e gritando como uma louca desferiu uma violenta paulada no nariz da fera. Para surpresa geral, a espantada ursa pôs-se de quatro e desapareceu com o filhote no meio das árvores.

Carly correu para onde estava a sobrinha e apertou-a contra o peito.

— Elizabeth Bradford Murray nunca mais se afaste sozinha! — ela disse, com a voz trêmula, o que atenuava a severidade da

recomendação.

A menina apertou os bracinhos em volta do pescoço da tia.

— Você ficou com saudade de mim, titia?

Carly não pôde responder. Com um nó na garganta e as pernas fracas, começou a cair. Foi segura por Robert, que sustentou ao mesmo tempo as duas.

— Lembra-se das regras que me prometeu seguir, mocinha? — ele se pronunciou, num tom grave. — O que foi que eu disse que era o mais importante de tudo?

Liz voltou-se para ele com os olhos arregalados e o lábio inferior trêmulo.

— Que eu... Não devia ir sozinha... Para lugar nenhum.

— Exatamente — confirmou Robert, mantendo a carranca apesar da expressão de culpa que via naquele rostinho. — Você me deixou mesmo desapontado.

Liz, que não se perturbara com a presença dos ursos ou com a raiva de Carly, ao ouvir aquilo começou a chorar.

No instante seguinte, Ida saiu correndo do meio das árvores.

— Srta. Bradford! Sr. Cameron! — ela gritou, chamando imediatamente a atenção dos três. — Venham depressa. Myrna levou uma queda. Tomara que não tenha quebrado a perna!

Robert olhou para o alto. Aquele não era mesmo o dia dele.

CAPÍTULO VI

— Olá — disse Robert a Carly, aproximando-se da grande banheira coletiva que havia num dos cantos da varanda. — Posso entrar aí? Minha banheira está sem aquecimento.

Surpresa com aquela súbita aparição, Carly virou o rosto para olhá-lo. *Ah, não... Outra vez!* Sem esperar pela permissão dela, Robert estava tirando o roupão de banho para ficar apenas de calção, expondo ao luar o corpo de músculos perfeitos. Ele era... Saudável demais. Não devia ter permissão para aparecer um público daquele jeito. Também devia ser obrigado a andar de chapéu, porque até os cabelos dele exalavam sensualidade.

— Claro — ela respondeu. — Na verdade, eu até estava aguardando uma oportunidade para conversar com você.

Robert enfiou o pé na água para sentir a temperatura.

— Sobre o quê?

Carly ficou imaginando qual seria a reação se dissesse que queria conversar sobre o que sentia quando o via daquele jeito. Na certa não haveria reação, pelo menos era o que demonstrava a expressão dele. Então ela suspirou.

— Sobre esta tarde?

— Ah, sim — murmurou Robert, entrando na banheira e ocupando o assento submerso de frente para ela. — O que, especificamente?

— Eu queria lhe agradecer.

— Por quê?

— Por me ajudar com Liz.

Robert afundou um pouco mais na água, encostou a cabeça na borda da banheira e fechou os olhos.

— Mas eu não fiz nada.

Quando ele esticou as pernas, Carly aprumou-se no assento.

— Ah, fez, sim. Aposto que ela *nunca mais* vai fugir daquele jeito... E você conseguiu isso sem ao menos levantar a voz.

— Se não fosse por minha causa, não teria havido problema nenhum — disse Robert, calmamente, ainda com os olhos fechados.

Carly espantou-se com o que ouviu.

— Eu acho que... Não estou entendendo.

— Então deve ter memória curta. Não se lembra de que foi idéia minha levar Liz conosco?

Carly balançou a cabeça, embora ele não estivesse vendo aquele gesto.

— Pode ter sido idéia sua... Mas a decisão foi minha. Eu podia não ter permitido, mas deixei que ela fosse e depois não prestei atenção na menina, o que era obrigação minha. — Nesse ponto ela suspirou. — Há ocasiões, como hoje, por exemplo, em que acho que não fui talhada para assumir obrigações maternas.

Robert abriu os olhos verdes e olhou demoradamente para ela.

— Todos pensam isso. As crianças são uma espécie de mecanismo complicado... E nem vêm com manual de instruções. Você até que não está se saindo mal.

Partindo dele, aquele era um elogio e tanto, que fez Carly corar levemente. Mesmo assim, ela queria ser inteiramente honesta.

— Pode ser, mas às vezes eu penso que seria mais fácil começar com um bebê que ainda não soubesse falar, que não questionasse as minhas ordens. Acho que isso faz de mim uma covarde.

— Não, senhora. Uma pessoa covarde jamais pegaria para criar, sozinha, uma filha alheia. Também não atacaria uma ursa sem nenhuma arma além de um pedaço de pau. A meu ver, aquilo, sim, foi um ato de coragem. — Talvez achando que a conversa estava se tomando muito séria, ele franziu a testa e fez uma careta. — Foi uma estupidez, mas cheia de coragem.

Carly mostrou um sorriso sem graça.

— Ora, muito obrigada. Eu sempre gostei de elogios com duplo sentido.

Robert riu de verdade.

— De nada — ele disse, olhando para ela com um ar de curiosidade. — Há quanto tempo você tem a custódia de Liz?

— Há quase dois anos. Só que há certos dias, como hoje, que fazem esse tempo parecer bem maior.

— Você disse que a sua irmã e o marido sofreram um acidente. Foi de carro?

— Não, foi um acidente aéreo. Nós estávamos voando de Fairbanks para Seattle e o avião caiu.

— Como foi isso? — perguntou Robert, sem esconder o espanto que sentia por ela falar naquilo com tanta naturalidade.

— Era um vôo noturno, havia uma tempestade... Os instrumentos de navegação pararam de funcionar e o meu sócio, que estava pilotando, acabou fazendo uma manobra errada.

Robert não disse nada e ela ficou com o olhar distante, como se voltasse no tempo.

— Ty pensou que estávamos sobrevoando Seattle, mas na verdade estávamos bem mais para oeste. Deve ter achado que não via luzes por estar em grande altitude, mas na verdade voávamos muito baixo. Quando ele manobrou para descer, atingimos as árvores. Eu não sei com certeza o que aconteceu. Como não estava me sentindo bem, tinha ido para a parte de trás do avião e acabei dormindo. Talvez se não tivesse... Todos os outros estavam na frente.

Embora Carly falasse com naturalidade, a angústia por trás daquelas palavras era mais do que evidente. Robert tentou imaginar como seria uma pessoa adormecer cercada por entes queridos... Para acordar sozinha. Não era muito diferente de viajar a trabalho e, ao retomar, descobrir que o filho único havia sido roubado pelos avós.

Robert pensou em algo para dizer.

— Então você tinha um sócio? — ele perguntou, achando melhor voltar a falar dela.

— Sim, Ty Barton. — Por mais alguns instantes ela continuou com o olhar distante. Depois, sacudiu a cabeça e voltou o rosto para Robert. — Nós nos conhecemos no aeroclube onde tiramos o brevê. Ficamos amigos e resolvemos juntar nossos recursos para abrir um serviço de transporte aéreo de carga entre o Alasca e o Estado de Washington. Os primeiros dois anos foram bem difíceis, mas depois as coisas começaram a dar certo. — Nesse ponto ela sorriu. — Compramos um segundo avião e uma casa com uma belíssima vista. Até passamos a comer carne mais de uma vez por mês.

Robert não deixou de reparar que Carly falava na primeira pessoa do plural. Não saberia dizer por que, mas ficou perturbado pelo pensamento de que houvera outro homem na vida dela. Rapidamente procurou afastar aquilo da mente.

— Quer dizer que você sabe pilotar? — ele perguntou, agora entendendo o interesse dela no Eaglerock.

— Sim.

Robert ficou perplexo.

— Então, o que está fazendo aqui?

Ele não entendia como alguém capaz de pilotar um avião quisesse fazer qualquer outra coisa.

— Preciso ganhar a vida.

— Sim, mas... O que aconteceu com seu negócio?

Carly respirou fundo, hesitante. Alguma coisa na forma como ele a olhava, talvez uma espécie de solidariedade que aqueles olhos verdes transmitiam, deu coragem para que ela continuasse falando.

— Eu não consigo mais voar. Desde o desastre... — Carly não disse que tinha pesadelos constantes, que tremia só de pensar em manejar o manche de um avião. — Desde aquele dia, nunca mais entrei num avião — ela completou, admitindo o medo que sentia.

Robert ficou olhando para ela em silêncio, com os olhos arregalados e a boca meio aberta.

— Mesmo que eu conseguisse isso, não poderia ter voltado para o negócio — prosseguiu Carly. — Havia algumas coisas a respeito de Ty das quais só fiquei sabendo depois que ele morreu. Sabia que ele tinha certa queda para o jogo, mas fiquei sabendo também que havia alienado o patrimônio da empresa para cobrir dívidas pessoais. Quando o Departamento de Aviação Civil examinou a aeronave para determinar as causas do acidente, descobriu-se que havia vários quilos de heroína na bagagem de Ty. Fui interrogada exaustivamente por agentes federais e o governo confiscou tudo que estava em nome da companhia e da sócia sobrevivente. Num piscar de olhos, a Trans-Seattle Air deixou de existir.

Robert deixou escapar um assobio. Não sabia o que dizer, mas também não podia permanecer impassível, enquanto ela se consumia naquele sofrimento. Então ele venceu a curta distância que os separava e abraçou-a.

Carly não ofereceu resistência. Bem no íntimo, sabia que era exatamente aquilo o que queria. O abraço dele, talvez por ser inesperado, proporcionava um conforto muito grande. Quem poderia imaginar que a simples presença de Robert o reservado e sempre rude Robert, servisse para fazê-la sentir-se melhor?

Mas era verdade, constatou Carly, com o rosto encostado no peito dele. E havia uma espécie de mágica no toque das mãos dele, algo que fazia o mundo parecer um pouco mais brilhante.

Lembrando-se da primeira vez em que eles haviam se beijado, Carly tentou se convencer de que havia exagerado tanto em relação à força daquele beijo quanto à reação dela própria. Ao olhar para o semblante

sério de Robert, porém, concluiu que não houvera exagero. Um segundo mais tarde, o contato dos lábios dele nos dela confirmou essa conclusão.

Foi um beijo tão quente quanto o primeiro, só que mais demorado e sem qualquer resistência por parte dela. Depois eles se entregaram a uma ansiosa troca de carícias.

— Oh, Robert... — gemeu Carly, espalhando beijos pelo pescoço dele, para depois lamber e morder a orelha.

— Você é tão... Macia — murmurou Robert, beijando a sedosa pele do ombro de Carly. — Menos aqui — acrescentou, enquanto apertava levemente o bico de um dos seios dela. — E é tão linda...

— Robert... — ela chamou, acariciando os músculos das costas dele.

— Eu sei... — disse Robert, continuando a beijar o ombro dela.

Nesse ponto ele refletiu no que acabava de dizer. O que o levara a dizer que sabia? E sabia o que, afinal?

Uma coisa ele sabia, com certeza: que no momento não tinha tempo, ou inclinação, para se envolver emocionalmente. Um dia antes, ou mesmo uma hora antes, fazer amor com Carly com a simples explicação de que seria uma experiência gratificante entre dois adultos. Depois do relato que acabara de ouvir, porém, fazer amor com ela seria algo que teria uma significação muito maior do que um simples ato físico.

E ele não estava gostando daquilo, de forma nenhuma.

Mesmo assim, deixou solta a imaginação. Viu-se na cama com Carly, apalpando cada centímetro do corpo dela, pronunciando palavras desconexas...

— Oh, Robert... — ela voltou a murmurar meio entontecida. Instantaneamente Robert percebeu que o que estava fazendo era errado... Para eles dois. Carly podia achar que sentia desejo por ele, mas certamente não era uma mulher que se entregasse apenas pelo prazer físico. Ele estaria fazendo um favor, tanto a ela quanto a si próprio, se esclarecesse a situação antes que algo de mais grave acontecesse.

— Carly... — ele chamou, agora com os lábios encostados na testa dela. — Ouça... Eu não acho que é isso o que você realmente quer.

Com os olhos semicerrados e tonta de desejo. Carly olhou para ele.

— O quê?

— Se tudo o que você quer é sexo, não haverá problema. Nós podemos ir para o meu quarto agora mesmo. Mas se pensa em algo, além disso... Está com o homem errado.

Aquelas palavras tiveram o efeito de um balde de água gelada.

Carly empalideceu profundamente humilhada. Logo em seguida, ficou com o rosto vermelho de raiva.

— Tem toda razão quanto a isso — ela declarou, levantando-se e começando a sair da banheira.

— Carly, ouça...

— Não. Já ouvi tudo o que precisava. Se você passa de um simples beijo a um convite desse tipo, não temos mais nada o que conversar.

— Carly...

— Boa noite, Robert.

Dito isso ela se afastou, quase correndo.

Eu não acho que é isso o que você realmente quer.

Naquela noite Carly teve um sono agitado e intermitente. Sonhou várias vezes que Robert estava ali bem perto, repetindo sempre aquelas palavras.

Ao alvorecer, dominada pela exaustão, procurou pensar em outra coisa.

Não saberia dizer por que se lembrou do Eaglerock, mas foi nele que concentrou o pensamento. Sempre havia gostado de mexer em motores e, à época da Trans-Seattle Air, muitas vezes realizava serviços que seriam para um mecânico profissional. A princípio fazia isso para economizar dinheiro, que andava curto, mas acabou descobrindo que tinha real aptidão para o trabalho. Era uma atividade que a deixava relaxada.

Não seria racional pensar que, apenas porque não conseguia mais pilotar, deveria ficar sempre longe dos aviões. Além disso, ela já havia se convencido de que, a menos que alguém assumisse a tarefa de consertar aquele motor, nunca mais o Eaglerock sairia do hangar.

Os primeiros raios do sol apareciam no horizonte quando Carly entrou no hangar, às margens do lago. A princípio sentiu-se uma intrusa,

mas aquela sensação passou tão logo acendeu as lâmpadas fluorescentes e abriu a tampa do motor. Imediatamente ela se pôs a verificar o trabalho já feito por Robert, passando depois a examinar cada uma das conexões. Antes de mais nada, era preciso ter certeza de que o motor se recusava a pegar por um motivo realmente sério.

Por duas vezes Carly tez aquela verificação preliminar, com todo cuidado, antes de tentar algo menos óbvio. A busca foi demorada e exigiu paciência, mas ela acabou descobrindo que a bomba de combustível estava entupida.

Um leve sorriso desenhou-se no rosto de Carly. Pelo menos no que se referia ao Eaglerock ela não havia perdido o jeito.

Infelizmente não tinha o mesmo jeito para lidar com os homens, ela refletiu, não conseguindo mais ignorar o que havia acontecido na noite anterior.

Para ser honesta, precisava admitir que havia deixado que a raiva tivesse a maior influência na decisão tomada. Reconhecer isso era mais fácil do que aceitar que Robert podia estar certo ao dizer que sexo não era tudo o que ela queria.

Não havia como negar: o que ela queria com Robert não era *apenas* sexo. Embora fosse uma perspectiva fantástica, bem no íntimo ela sabia que só isso não bastava.

Tratava de uma admissão assustadora para uma mulher que já havia perdido tanto.

Suspirando, ela foi pegar um balde que estava ali perto e posicionou-o por baixo do motor. Feito isso desconectou uma mangueira e esperou até que todo o combustível que havia no carburador escorresse no balde. Finalmente caminhou até o balcão e ficou remexendo na caixa de ferramentas em busca de uma escova de aço. Enquanto isso reuniu coragem para se fazer à pergunta que vinha evitando.

Se não queria apenas um caso com Robert, o que esperava dele?

Amor? Prontamente Carly descartou a idéia. Aquele homem devia estar com a vida complicada. Não era segredo que Robert Cameron aceitava trabalhos talvez não muito honestos porque precisava de altas somas em dinheiro. Embora o bom senso indicasse que eram praticamente nulas as chances de ele estar numa situação parecida com

a de Ty, evidentemente passava por apuros. A menos que surgisse uma boa explicação para o que podia estar ocorrendo, seria suicídio emocional envolver-se com aquele homem. E, mesmo que essa explicação existisse, seria mais fácil Carly pôr o Eaglerock para voar do que Robert confiar nela.

Se ela não queria o amor dele e o prazer físico não era bastante, o que restava?

— Não sei — resmungou Carly com voz cansada, no momento em que encontrou a escova que procurava.

De volta ao avião, pôs-se a limpar cuidadosamente a bomba de combustível, soltando uma praga ao constatar que não conseguia alcançar a parte de baixo da peça, onde talvez estivesse o entupimento. Querendo realizar a tarefa de qualquer forma, foi se enfiando no motor, até ficar mais para dentro do que para fora. Por questão de milímetros não alcançava a base da bomba.

— Parece que nada dá certo comigo — ela se lamentou, em voz alta.

Então somos dois, pensou Robert, aproximando-se do Eaglerock. Carly estava usando uma curtíssima bermuda, resultado de uma velha calça jeans cujas pernas ela havia cortado. Ao ver aquele quadro, Robert sentiu uma onda de desejo.

Calçando tênis com solado de borracha, ele chegou bem perto sem que ela notasse.

— O que pensa que está fazendo?

Carly ergueu rapidamente o corpo, por pouco não batendo com a cabeça em alguma das partes do motor.

— Que susto! Por que tem sempre que se aproximar sorrateiramente de mim?

— Talvez porque você está sempre onde não deveria estar. — *Como em meus sonhos,* ele pensou, lembrando-se da noite mal dormida. — Este é o *meu* hangar, doçura. Portanto, acho bom você se explicar, só para variar. O que está fazendo no *meu* avião?

— O avião é de Eric, não seu — ela despachou, passando por ele para devolver a escova à caixa de ferramentas. — Estou consertando o motor. Ou será que uma de suas regras chauvinistas diz que uma mulher

não pode trabalhar como mecânica?

Robert olhou demoradamente para ela.

— Não, desde que você realmente saiba o que está fazendo.

— Ah, eu sei o que estou fazendo — ela declarou, com satisfação, certa de que naquela especialidade ele não a superaria. — Infelizmente, não posso dizer a mesma coisa de você.

Surpreendentemente, aquelas palavras cáusticas fizeram com que ele sorrisse.

— Se você conseguir fazer esse avião funcionar, não me importa nem que seja uma marciana de três cabeças.

Carly limpou as mãos na parte traseira da bermuda e apontou o queixo, numa expressão de desafio.

— Então, que tal fazer um teste?

— Claro. Por que não?

— Ótimo. — Voltando-se, Carly debruçou-se outra vez sobre o motor, mexendo em alguma coisa que ele não podia ver. — Então suba na cabine que eu acionarei a manivela.

Robert quis protestar. Como em todos os aviões antigos, a partida do motor de um Eaglerock era dada girando-se a manivela, o que requeria força. O lógico seria eles inverterem as tarefas, entrando ela no avião. Mas bastou um olhar naquele semblante tenso para que ele se calasse.

Robert ainda se lembrava das palavras dela, na noite anterior: *Nunca mais entrei num avião desde aquele dia.* Então ele abaixou os olhos para o chão e procurou falar num tom amigável.

— Carly, esse avião não vai a lugar nenhum. Vamos apenas dar partida no motor.

Carly voltou-se para ele com uma expressão tão sofrida que até doía ver.

— Eu não posso... Por favor, não me peça... — Para superar aquilo, ela achou melhor reassumir o comando das ações. — Apenas faça o que eu disse Cameron.

— Está bem — submeteu-se Robert, frustrado por não saber fazer o que seria correto.

Ela evidentemente não queria a simpatia dele e, por algum motivo, aquela rejeição machucava. Pisando de leve na asa do avião, ele se acomodou no assento de pilotagem e mostrou a ela a mão direita fechada com o polegar erguido.

Carly ficou na ponta dos pés, segurou a manivela, que estava vários centímetros acima da altura dela, e puxou com força.

Nada.

Com os músculos contraídos e o rosto cheio de determinação, repetiu a operação.

Nada.

Então ela ergueu a cabeça para Robert, que a observava através do pára-brisa. Havia alguma coisa na expressão dele... Empatia, compreensão, pena? Fosse o que fosse aquilo a encheu de estímulo para agir.

Carly respirou fundo e procurou concentrar-se apenas no trabalho que fazia. Com um pequeno salto, agarrou a manivela e girou-a com toda força.

Miraculosamente, o motor tossiu, crepitou e finalmente pegou, enchendo-se de vida. Um barulho ensurdecedor espalhou-se pelo hangar quando Robert acelerou ao máximo, o que também fez tremer toda a fuselagem do Eaglerock. Por fim, deixou o motor trabalhando em baixa rotação e começou a descer do avião.

Havia um largo sorriso no rosto de Robert quando ele voltou a pisar no chão.

— Sabe há quanto tempo eu venho trabalhando nessa coisa? Carly também sorriu.

— Não trabalhou o suficiente, é claro.

Robert olhou de lado para ela, como se ainda não quisesse acreditar, mas com evidente admiração.

— Afinal de contas, qual era o problema? Juro que troquei praticamente metade das peças desse motor. O que você fez?

Os olhos de Carly brilharam.

— Esvaziei o carburador e as mangueiras de passagem de combustível e limpei tudo.

O espanto tomou conta do rosto de Robert.

— Só isso? Mas... — Subitamente, o semblante dele se iluminou. — Água? Havia água nos condutores de combustível!

— Exatamente. Havia muita água e por isso o motor não pegava. Como a água é mais pesada do que a gasolina, não foi difícil resolver o problema.

Robert ergueu as duas mãos espalmadas.

— Está bem, eu me rendo. De agora em diante, sempre que surgir algum problema mecânico você será convocada. — Depois de subir na asa do avião para desligar o motor, ele saltou outra vez no chão. — Se quiser, pode consertar o aquecedor da minha banheira.

Aquela frase inocente ficou pairando no ar enquanto eles se olhavam, ambos dominados pela lembrança da noite anterior.

— Robert, sobre ontem à noite...

— Eu não quis dizer que...

Os dois falaram juntos, mas pararam na metade.

— Primeiro as damas — pronunciou-se Robert, embora não soubesse muito bem o que queria dizer.

O problema ainda era o mesmo. Ele desejava aquela mulher, mas não poderia tê-la sem se envolver. Só que havia prometido a si mesmo que tal coisa não aconteceria enquanto não reencontrasse o filho.

— Desculpe se fiquei zangada ontem, Robert — voltou a falar Carly, num tom calmo. — Você tinha razão. Um caso entre nós dois seria um grande erro, já que provavelmente duraria apenas algumas semanas e, depois disso, continuaríamos a nos ver, independentemente da nossa vontade.

Algumas semanas? Por que ela estava dizendo aquilo? Pelo que ele sentia sempre que a tocava, levaria meses para saciar aquele desejo... Talvez até precisasse de mais tempo. Além disso, ela não precisava ser tão... Racional sobre aquele assunto. Não faria mau nenhum parecer um pouco desapontada ou mesmo mostrar uma ponta de arrependimento...

— Tem razão — ele concordou, falando depressa. — Isso é até parte do que eu queria lhe falar ontem à noite.

— E... O que mais queria me dizer?

Robert ficou se perguntando até onde deveria falar. Por um instante pensou em contar tudo o que havia acontecido nos últimos dez meses, mas achou que não teria coragem. Até aquele momento, o silêncio parecia parte do temperamento dele. Era um homem naturalmente reservado, sem o hábito de revelar aos outros os próprios sentimentos. No entanto, naquele caso não era esse o motivo do silêncio dele... Pelo menos não inteiramente.

E qual seria a reação dela? Afinal de contas, mesmo depois de passar por todas aquelas tragédias. Carly estava conseguindo levar a vida adiante, cuidava de Liz, enquanto o mesmo não acontecia com ele e Seth.

Ele era um fracasso como pai, e as conseqüências daquilo recaíam todas sobre o filho. No momento em que Seth mais havia precisado dele, Robert se deixaria dominar pela angústia causada pelo casamento desfeito, afundara no sentimento de culpa pela trágica morte da mulher. E isso acabou por deixá-lo desatento, o que permitiu que os sogros levassem o menino embora.

Se ele houvesse prestado atenção nos sentimentos e nas atitudes dos pais de Debbie, teria percebido a intenção deles a arranjado um jeito de impedi-los de raptar Seth. A culpa era exclusivamente dele.

O mais justo seria explicar tudo aquilo a Carly, mas Robert não se achava pronto para isso.

— Ouça... Há certas coisas na minha vida que ainda não estão inteiramente resolvidas. Enquanto for assim, eu não sou um bom candidato a nenhum tipo de compromisso... Passageiro ou não.

Para alívio dele, Carly não questionou; embora, desta vez, tenha mostrado certo ar de desapontamento. Mas isso logo desapareceu do rosto dela, substituído por um sorriso.

— Sabe de uma coisa... E se nós tentarmos ser amigos? — ela propôs.

Robert apertou a mão que ela estendeu. Por que não? Eric certamente ia gostar de ver... Pelo menos *alguém* encontraria satisfação num relacionamento como aquele. Sim, porque *ele,* Robert Cameron, não se satisfazia com o acordo que estava fazendo.

— Claro amigos.

Um bom tempo depois daquele aperto de mão, Robert continuava a

ouvir uma voz no fundo da mente, caçoando dele: *Amigos? Ah, sim, é claro! Só porque você quer Cameron.*

CAPÍTULO VII

De pé na frente da pia da cozinha, Carly ficou espantada quando Maria entrou mais parecendo um furacão vindo da Espanha, soltou uma bandeja em cima do balcão e abriu com força a porta da geladeira, como se quisesse arrancá-la.

— *Madre de Dios!* — exclamou, cheia de fúria, a normalmente plácida governanta. — *Que hombre estúpido!*

— O que aconteceu, Maria?

Batendo com uma das mãos no peito, a velhota pareceu espantada ao ouvir a voz de Carly. Prontamente ficou com as faces coradas.

— Não é nada, Srta. Carly — ela respondeu, agora com mais calma, virando-se para olhar fixamente para o interior da geladeira.

Carly não engoliu a resposta, mas também não entendeu o que podia estar acontecendo. Afinal de contas, tudo parecia estar correndo bem ultimamente. A Sra. Murdoch vivia circulando em volta da cadeira de rodas de Eric que parecia melhor do que nunca, como se não passasse por nenhum problema cardíaco. As idosas hóspedes aproveitavam os últimos dias de sua estada em passeios e pescarias. Ao mesmo tempo, ela e Robert viviam uma «amizade» que, contra as expectativas, durara mais de uma hora... O que por si só, já era notável.

Então, o que perturbava tanto a governanta?

Carly não precisou esperar muito pela resposta.

— Maria? — chamou a voz de Eric, do salão. — A Sra. Murdoch quer bastante gelo no copo.

Maria suspirou.

— *Si.* Sr. Eric — ela respondeu, segurando uma jarra de limonada.

Houve um murmúrio no salão, seguido de risos, antes que a voz de Eric voltasse c se ouvir.

— E, no lugar da limonada, ela prefere suco de maçã... Se você puder providenciar.

Maria pegou outra jarra na geladeira e colocou as duas no balcão da

pia.

— *Si,* Sr. Eric.

— Ah, sim... E também alguns bolinhos, se não for incômodo — acrescentou Eric.

A voz suave do dono da pousada foi secundada por outra mais estridente, a da Sra. Murdoch.

— Aqueles recheados, Maria... Por favor.

— Recheados, é? — resmungou Maria, em voz baixa, mas irada.

Retomando a geladeira e quase esbarrando em Carly, ela pegou uma bandeja de gelo e fechou a porta, com força. De volta ao balcão da pia, torceu com tanta violência a bandeja que os cubos de gelo saltaram em cima do granito, como bolinhas de pingue-pongue. Finalmente, Maria encheu dois copos de gelo, despejando limonada num deles e suco de maçã no outro.

— Maria? — fez-se ouvir a voz de Eric, num tom preocupado.

— Que barulhada é essa? Você está bem? A governanta olhou para a porta.

— *Si,* Sr. Eric. Foi apenas um *accidentito.*

Instantes mais tarde, carregando uma bandeja onde levava, além dos copos, uma travessa com bolinhos recheados e guardanapos de papel, ela marchou para o salão.

Não se passaram nem cinco segundos depois da saída dela quando Robert apareceu à porta.

— O que está havendo? Parece que estourou a Terceira Guerra Mundial e Maria transformou-se em bala de canhão!

Olhando para trás, ele foi entrando na cozinha.

— Acho bom Eric olhar bem onde pisa — sugeriu Carly, enquanto guardava as coisas que Maria havia esquecido sobre o balcão. — Certa governanta espanhola não está gostando muito das companhias com que ele anda.

Robert ficou espantado com aquela sugestão.

— Tio Eric e a Sra. Murdoch? —- ele perguntou descrente, enquanto pegava um bolinho e se servia de limonada. — Acho que Maria não tem motivos para preocupação.

Então ele se recostou no balcão, com um sorriso no canto da boca.

Momentaneamente fascinada por aquele sorriso, Carly ficou sem saber o que dizer. O acordo de amizade deles agora durava há três dias e Robert estava sendo muito cordial... Uma cordialidade que só a deixava apreensiva. Quanto mais cordial ele era, mas difícil se tornava para ela agir com naturalidade. Como não sentir nada por um homem que a tratava com simpatia, e, além disso, era bonito e... Incrivelmente másculo?

Carly ficou observando enquanto ele comia o bolinho, em duas mordidas, ainda mastigando o primeiro, mas já estendendo a mão para pegar um segundo. E aquele sorriso que não desaparecia...

Ah, como ela queria beijá-lo... Mas precisava lembrar-se do que já havia acontecido antes, não uma, mas duas vezes. Robert já havia deixado claro que não queria o que ela tinha para oferecei. Pensar naquilo era frustrante, doloroso... mortificante.

Voltando para a pia cheia de pratos e copos sujos, Carly despejou detergente na esponja e abriu a torneira. Logo em seguida Robert foi se colocar ao lado dela, tão perto que era até possível sentir o calor do corpo dele.

— O que está fazendo? — ela perguntou, olhando rapidamente para o lado.

Robert estendeu a mão por trás dela para pegar o pano de prato. No movimento, exalou o hálito quente na nuca de Carly.

— Vou enxugar a louça enquanto você lava — ele se explicou, num tom perfeitamente *amigável.*

Carly sentiu-se invadida por um súbito calor.

— Obrigada, mas não precisa fazer isso. Robert não arredou pé.

— Você não vai me obrigar a ir para o salão, não é? Isso seria crueldade.

Crueldade era o que ele ficar tão perto dela. Carly já sentia certo tremor nas mãos c tinha medo de que aquilo se espalhasse pelo resto do corpo.

Por sorte Maria não demorou a reaparecer. A governanta pareceu levemente espantada ao ver Carly c Robert trabalhando juntos, mas tinha outras preocupações.

— Ah. *Bueno.* Ainda bem que continua aí, Srta. Carly, porque eu quase me esqueci. — Enquanto falava ela enfiou a mão no bolso do avental e pegou um relógio de pulso todo de ouro. — Encontrei isto enquanto fazia a arrumação. Leve no passeio de barco e pergunte a qual das senhoras ele pertence, está bem?

Carly levantou a cabeça para o relógio de parede e constatou que estava atrasada para o rápido passeio de barco que havia prometido às hóspedes.

— Droga! — ela exclamou, pegando uma toalha para enxugar as mãos. — Eu me esqueci completamente! Será que você pode ficar de olho em Liz, Maria? Agora ela está fazendo a sesta e dificilmente acordará antes que eu volte. Mesmo assim...

— Pode ir que eu cuidarei da pequena — prontificou-se Maria, com um olhar fulminante na direção da porta. — Será um prazer.

— Ei! — exclamou Robert, quando Carly já caminhava apressadamente para a porta dos fundos. — Não quer que eu também vá?

— Não será preciso — ela respondeu, sem parar de andar. — Achei que você poderia ter outras coisas para fazer e pedi a Jimmy que nos acompanhasse.

Dizendo isso ela desapareceu.

— *Bueno* — pronunciou-se Maria, enquanto Robert procurava se recuperar do espanto de ter sido dispensado com tanta facilidade. — É bom mesmo que fique aqui.

Ao ouvir isso ele voltou à atenção para a espanhola.

— Ah, é? Por quê?

Maria não procurava esconder o quanto estava amuada.

— Porque o Sr. Eric e... E *aquela mulher* precisam da sua ajuda na varanda. Na certa estão querendo caçar borboletas.

— Ah, sim... — murmurou Robert, esforçando-se para não rir.

Maria pôs-se a falar rapidamente em espanhol, dizendo o que ele traduziu em algo mais ou menos assim:

— O mais provável é que o Sr. Eric seja mordido pela aranha venenosa que é aquela mulher!

Agora rindo com vontade, Robert foi ver o que o tio queria.

— Mais um dia de amizade e eu estarei pior do que tio Eric depois que Maria der conta dele — disse Robert a si próprio, horas mais tarde, ao sair do segundo banho frio de chuveiro que tomava naquele dia.

Enquanto esfregava os cabelos com a toalha, concluiu que a culpa era exclusivamente dele. Por que não tinha ficado calado no momento em que as coisas haviam esquentado entre ele e Carly? Podia não ter sido uma atitude muito honrosa ou mesmo inteligente, mas àquela altura eles já teriam ido para a cama e ele não precisaria tomar tantos banhos frios para manter um semblante ao menos civilizado.

Lembrando-se dos momentos passados na cozinha, pensou no gesto estúpido de agarrar o pano de prato quando na verdade queria ter nas mãos um corpo de mulher. Não qualquer mulher, mas sim aquela que ultimamente não lhe saía do pensamento... A quente, cheirosa e macia Carly.

Só de pensar nela ele já ficava com o coração acelerado, sem falar no que sentia em outras significativas partes do corpo...

Se não parasse de pensar naquilo, acabaria tendo que passar o dia inteiro embaixo do chuveiro. E o resultado só podia ser uma bela pneumonia.

Naquele momento o telefone tocou. Grato por ter algo mais em que pensar, Robert correu para atender.

— Alô? — ele disse, prendendo o fone entre o queixo e o ombro e usando as mãos para fechar o zíper da calça.

— Aqui é Detwiler — identificou-se o detetive. — Acho que estamos chegando perto Cameron.

Robert respirou fundo, procurando se controlar. Já havia perdido a conta das pistas quentes que haviam surgido nos últimos meses, para sempre resultar em nada. Mesmo assim, era impossível não sentir uma onda de esperança.

— Conte tudo, Detwiler.

— Acabo de receber um telefonema do advogado do seu sogro. Robert conteve a respiração e ficou esperando.

— Não consegui nenhuma informação nova, mas cheguei a uma conclusão: o telefonema dele foi exclusivamente para saber se você está disposto a fazer um trato.

Deus do céu! Finalmente!

— Que tipo de trato? — perguntou Robert tenso.

— O homem não foi muito específico, mas parece que eles estão dispostos a devolver o menino desde que você prometa não processá-los.

Robert ficou em silêncio por alguns instantes. Uma das imagens mais freqüentes na cabeça dele era a dos pais de Debbie pagando pela agonia que o haviam obrigado a suportar. No entanto, para ter Seth de volta ele abriria mão de qualquer projeto de vingança. Depois que estivesse com o filho, pensaria em fazer justiça.

— Então ligue de volta e diga que estou plenamente de acordo. Quero Seth comigo o mais rapidamente possível.

— Ei, espere um pouco — voltou a falar o detetive. — Não foi como se ele estivesse me ligando já com um acordo pronto, só pára ser assinado. Como eu já disse, tratou-se de uma primeira abordagem... Só para ver a sua reação. Não chegamos a discutir detalhes. De concreto mesmo tirei apenas duas conclusões da conversa com o advogado. Primeira: eles estão dispostos a abrir mão do menino; segunda: exigem um compromisso por escrito, assinado, bonitinho, de que você não irá processá-los criminal-mente. Acha que está realmente disposto a isso Cameron?

O detetive parecia não acreditar muito que ouviria uma resposta positiva. Já trabalhava para Robert há um bom tempo e sabia da amargura do cliente.

— Tudo o que eu quero é o meu filho de volta — repetiu Robert. — Ligue para o tal advogado e diga a ele que pode preparar o acordo. Mas diga também que eu exijo a determinação da hora e do local em que se fará a troca.

— Se é assim que você quer... — Pelo tom de voz, Detwiler parecia achar que Robert estava sendo muito mole. — Mas não conte muito com isso enquanto não tivermos certeza de que é essa mesmo a disposição deles. Ficarei em contato.

Robert desligou o telefone e caminhou vagarosamente para o sofá. Lá chegando, deixou-se cair de joelhos, dominado por uma súbita fraqueza. Oh, Deus... Ele só rezava para que não estivesse se deixando levar por mais uma falsa esperança. Era até uma ironia. Depois de

esperar tanto tempo, havia começado a achar que aquele momento jamais chegaria. Agora, tinha até medo de acreditar que a espera havia acabado.

Subitamente ele sentiu uma enorme vontade de contar a novidade a alguém, mas logo descartou a idéia. Enquanto Detwiler não ligasse com mais informações, qualquer coisa era possível. Um insignificante detalhe, por menor que fosse, poderia pôr tudo a perder. Horas, talvez dias se passariam antes que tudo se acertasse. Os Cranshaw podiam mudar de idéia, uma pedra poderia desabar em cima da pousada...

Além disso, a pessoa a quem ele queria contar a grande novidade era Carly.

Mas por que sentia aquela vontade? Preocupado, Robert tentou se convencer de que era porque já haviam conversado sobre o passado. Contar a ela seria apenas um desdobramento da troca de confidências...

Só que aquilo jamais havia acontecido com ele. Sempre fora um homem reservado e a única pessoa que sabia de particularidades da vida dele era Eric mesmo assim pouquíssimas coisas.

Então, por que sentia agora aquela necessidade de conversar com alguém? E por que essa pessoa tinha que ser *Carly?*

Levantando-se, Robert pôs-se a caminhar pelo quarto, procurando se lembrar de quando havia começado a sentir aquelas coisas. Concluiu que tinha sido a partir do momento em que havia concordado cm ser «apenas» amigo de Carly.

Aquilo só podia ser brincadeira! Como podia ser apenas amigo de uma mulher que sempre o fazia sentir-se como se estivesse ultrapassando a barreira do som... E isso sem estar num avião?

Nesse instante Robert ouviu que a porta se abria. Prontamente girou o corpo, furioso por ter a privacidade invadida. Toda a raiva desapareceu quando ele constatou que a invasora era Liz.

De pé à porta e ainda com cara de sono, a garotinha estava com os grandes olhos castanhos inundados de lágrimas.

Com o rosto contraído de preocupação, Robert correu, agachou-se diante dela e segurou com ambas as mãos aqueles rostinho onde as lágrimas já começavam a rolar.

— Liz? O que aconteceu, doçura?

— Eu tive um pesadelo — respondeu a menina, entre soluços. — Sonhei que... Que não conseguia encontrar papai e mamãe. Quando... Quando acordei... Também não encontrei tia Carly.

Robert tomou-a nos braços e carregou-a até o sofá, onde se sentou. Aconchegando a garotinha como se ela fosse uma recém-nascida, ergueu uma das mãos para limpar aquelas lágrimas.

— Ah, não chore... Está tudo bem. Foi só um sonho.

— Mas eu não encontrei tia Carly — soluçou Liz. — Eu quero tia Carly.

— Eu sei. Eu sei... — Balançando o corpo para acalmar a menina, Robert rezou para que não demorasse muito a hora em que poderia fazer aquilo com Seth. — Sua tia agora está trabalhando, lembra-se?

Liz respirou fundo, controlando os soluços.

— Ela... Saiu com o barco?

— Saiu, sim, mas logo estará de volta.

— Não vai demorar?

— Não, não vai demorar. Mas agora você devia estar com Maria. Vamos procurá-la?

Liz apertou os bracinhos em volta do pescoço dele e reiniciou os soluços.

— Não, eu não quero Maria. Quero você.

— Mas Liz...

Soltando momentaneamente os braços, a garota recuou e lançou a ele um olhar de súplica.

— Por favor... Por favor, Sr. Robert.

Robert suspirou, concluindo que não teria alternativa.

— Está bem.

Ainda com o rosto molhado de lágrimas, Liz abriu um enorme sorriso.

— Você é tão bom, Sr. Robert. Se fosse meu pai, eu ia gostar muito.

Robert sentiu um nó na garganta, mas logo se convenceu de que não deveria se deixar dominar por aquela diabinha.

— Sei, sei...

Por mais de um minuto eles ficaram em silêncio, cada um ocupado pelos próprios pensamentos.

— Quem é aquele? — perguntou Liz, apontando para o retrato emoldurado em cima do criado-mudo.

— É Seth.

Liz levantou-se e foi olhar o retrato mais de perto.

— Quem é ele?

Robert hesitou antes de responder.

— É meu filho.

Liz olhou alternadamente para ele e para a foto, na certa comparando as feições.

— Onde ele está?

Robert também se levantou e pegou o porta-retrato. Num gesto quase inconsciente, traçou com a ponta do dedo o contorno do rosto do menino, realmente muito parecido com o dele.

— Está com os avós.

— Ah, é? — voltou a falar Liz, na sua voz cativante. — Vovó e vovô Murray estão muito velhinhos. Vivem num lugar só para gente velha. Às vezes, quando tia Carly e eu vamos lá, eles nem se lembram de nós duas.

Bem que Seth podia ter essa sorte, pensou Robert, lembrando-se dos Cranshaw.

— Às vezes isso acontece com pessoas velhinhas — ele comentou.

— Quantos anos ele tem? — perguntou Liz, olhando outra vez para o retrato e erguendo a mãozinha aberta. — E assim? Ou é mais?

Robert sorriu, recolocou o porta-retrato no criado-mudo e encostou a ponta do dedo no nariz da menina.

— Ele tem seis anos, dois a mais que você. Liz espreguiçou-se e bocejou.

— Você não tem saudade dele? Se eu fosse para longe, tia Carly ficaria com saudade.

Robert olhou outra vez para o retrato do filho.

— Sim, eu tenho muita saudade dele.

— Então por que ele não mora aqui, com você? *Porque eu me descuidei dele,* recriminou-se Robert.

— Ele... Apenas não mora aqui, está bem?

— Está bem — respondeu Liz, voltando a bocejar. Então, como se percebesse que o amigo adulto estava triste, ergueu a mão e acariciou a dele. — Gosto muito de ficar com você.

— Eu também — murmurou Robert.

Era incrível como, depois de um período de convivência tão curto, ele havia se afeiçoado àquela criança. Mas era bom ter cuidado. Liz evidentemente precisava de uma figura paterna, mas ele, embora não quisesse magoá-la, não estava disponível para isso. Afinal de contas, tinha o próprio filho.

Talvez para substituir o que gostaria de fazer com Seth, Robert pegou outra vez a menina no colo e voltou para o sofá. Em silêncio, ficou balançando o corpo para frente e para trás. Agora inteiramente relaxada, Liz não demorou a adormecer. No silêncio do quarto, ele ouvia claramente o som compassado da respiração dela.

Aquilo o deixou sonolento.

Ah, que lindo... Foram essas as palavras que passaram pela mente de Carly logo que ela entrou no quarto, na ponta dos pés, e pôs os olhos em Robert e Liz. Adormecido no sofá, ele tinha os braços fortes em volta do corpo da menina, que também dormia placidamente.

Por um bom tempo Carly ficou olhando para a sobrinha, aninhada no peito de Robert. Ah, como gostaria de estar no lugar dela... Não devia ser muito nobre ter inveja de uma menina de quatro anos, mas era exatamente o que ela sentia naquele momento.

Então ela olhou para o rosto relaxado de Robert. O que sentia por aquele homem?

Gratidão pelas gentilezas que dispensava a Liz? Respeito? Ternura? Admiração?

Amor?

Prontamente ela procurou descartar a idéia? Não tinham concordado que seriam apenas amigos? Ele próprio não havia deixado claro que não queria se envolver? Dissera-se disposto a levá-la para a cama, mas...

Mesmo assim. Robert Cameron não parecia ser o tipo de homem que fazia amor com uma mulher para logo depois se esquecer dela. Se havia demonstrado sentir atração física por ela, devia haver algo mais.

Talvez fosse apenas uma esperança, mas...

Que droga! Havia uma coisa que Carly precisava admitir para si própria, de uma vez por todas: estava apaixonada por aquele homem, irremediavelmente apaixonada.

Robert não era como Ty, disso ela agora tinha certeza. Bastava ver o carinho que ele dedicava a Liz, desde o princípio. Além disso, tinha uma sincera afeição pelo tio. Ela jamais se esqueceria da preocupação dele com o mal-estar de Eric, naquela noite no salão.

Está certo que ela ainda não entendia por que Robert se submetia a fazer trabalhos tão perigosos. Seria apenas por dinheiro?

Como se fosse alertado pela mudança de rumo nos pensamentos dela, Robert abriu os olhos.

— Olá — ele murmurou, voltando sonolento. — Já voltou? Carly suspirou.

— É, voltei.

Embora evidentemente ele não fosse capaz de ler pensamentos, o perigo era que os dela estivessem expostos na expressão do rosto.

Robert bocejou.

— Ora, muito bem.

Carly suspirou outra vez, agora de alívio. Se ele ao menos houvesse desconfiado, é claro que não reagiria bocejando.

Mas o bocejo assustou Liz, que arregalou os olhos e agarrou-se a ele.

— Sr. Robert?

— Calma baixinha... — disse Robert afagando os cabelos da menina. — Está tudo bem. Eu estou aqui.

Ao ver a ternura com que ele tratava a sobrinha dela, Carly concluiu que, se ainda não o amasse, passaria a amá-lo naquele preciso momento.

— Olhe Liz — voltou a falar Robert. — Veja só quem está aqui.

A menina levantou a cabeça.

— Tia Carly! — ela exclamou, esfregando os olhos. — Eu tive um pesadelo, mas o Sr. Robert conversou comigo um tempão.

Carly sorriu nervosamente.

— Fico feliz com isso querida.

— Eu também — declarou Liz, com evidente sinceridade. Robert olhou pela janela e reparou que já ia escurecendo.

— Mas que horas são afinal?

Num instante em que não saberia dizer se estava desesperada ou absolutamente feliz Carly gostou de ouvir aquela pergunta. Pelo menos, era algo que podia responder com absoluta certeza.

CAPÍTULO VIII

— Eu não acredito! — exclamou Robert, apertando com raiva o fone que tinha ao ouvido. — Ela fez o quê?

De pé no escritório, ele ficou escutando a resposta com um ar de crescente perplexidade no rosto.

Carly desviou os olhos das cartas com que jogava paciência, sentada no sofá do salão, e olhou pela porta aberta do escritório. Estava um dia muito quente, embora já fosse outubro, e Robert vestia bermuda caqui e camisa pólo azul-clara, calçando tênis sem meias.

— Não acredito — ele repetiu. Depois de uma pausa, prosseguiu: — Bem, pelo menos todos estão bem. E o que vai fazer? Quer que eu vá até aí? — Mais uma pausa. — Está bem, vou conversar com ela. Eu ligarei se houver algum problema. Se não, nos veremos pela manhã.

Depois disso ele desligou e dirigiu-se ao salão. Rapidamente Carly voltou os olhos para as cartas do baralho arrumadas em cima do sofá.

— O que houve? — ela perguntou, procurando parecer o mais natural possível.

Robert sentou-se na outra extremidade do sofá.

— Era Eric.

Carly interessou-se, já que, pela manhã, Eric tinha saído de barco com Liz, Maria e as hóspedes para um passeio até a marina dos Andersons, na outra margem do lago. A propósito, já era hora de estarem de volta.

— O que aconteceu?

— Parece que a Sra. Murdoch achou que o motor do barco servia para algum tipo de brinquedo — respondeu Robert, rindo com os olhos. — Não sei bem o que ela fez, porque tio Eric estava tão enraivecido que nem conseguia dizer coisa com coisa. Resumindo: a velhota conseguiu fazer com que o motor se soltasse do barco e afundasse... Bem *no meio* do lago. Depois de um bom tempo, passou um barco que os rebocou até a marina.

Depois de um instante de espanto, Carly percebeu o lado engraçado da situação.

— Pelo menos, Maria não tem mais motivo para se preocupar. Robert riu.

— Tem razão. Tio Eric nunca vai se esquecer de que a Sra. Murdoch causou a perda de um motor que ele praticamente acabou de comprar. Pelo jeito como ele falou, deve ter pensado em transformar a gorducha em bóia para marcar o local onde o motor afundou.

Carly soltou uma gargalhada.

— Parece que estou vendo a Sra. Murdoch boiando no meio do lago, de barriga para cima. — Então ela chutou as sandálias dos pés e enfiou o pé direito embaixo da coxa esquerda. — Mas a que horas eles vão voltar?

— Não vão voltar hoje. A menos que você queira que Liz venha dormir aqui, passarão a noite por lá. — Por alguns segundos Robert ficou em silêncio, reparando no short branco e na camiseta regata que ela vestia. Embora o semblante dele não mostrasse mudanças, os olhos ficaram levemente apertados. — Os Andersons ofereceram-se para hospedá-los por uma noite. Pela manhã, Eric, Herb Anderson e o filho mais velho irão resgatar o motor... Ou pelo menos tentar.

Era só o que ela precisava. Uma noite inteirinha, só eles dois na pousada, sem ninguém para tomar conta.

O relógio de pulso ainda nem marcava seis e meia e ela já estava nervosa, pensando naquela perspectiva. Pela forma como costumava agir quando ficava sozinha com Robert, na certa ela acabaria fazendo alguma coisa que deixaria ambos constrangidos.

— Então, como é que você vai querer? — perguntou Robert. Carly levou um susto, achando que ele podia estar lendo os pensamentos

dela.

— Querer o quê?

— Quer que eu vá até lá de avião para pegar Liz? — ele se explicou um tanto impaciente.

Embora sabendo que podia acabar se arrependendo, Carly respondeu com a verdade.

— Não.

— E o que vai querer fazer?

Será que aquela pergunta era uma armadilha? Não devia ser, porque não havia jeito de Robert saber o que ela estava pensando. Pelo menos, era o que Carly esperava.

— Bem... Podemos jogar cartas — ela sugeriu.

— Eu só sei dois jogos: pôquer e... Pôquer. Apesar da apreensão, Carly conseguiu sorrir.

— Ah, então temos aqui um profissional do carteado!

— Não, é que se trata de um jogo que todo piloto conhece. Em qualquer aeroporto do mundo, seja em Cingapura ou Cincinnati, há sempre alguém disposto a jogar pôquer.

Era a primeira vez que Robert falava no que fizera no passado. Fascinada, embora tomando cuidado para não demonstrar excessivo interesse, Carly aproveitou a deixa.

— Você já voou mesmo até Cingapura?

— Era a minha linha regular. San Francisco-Cingapura-San Francisco, uma vez por mês.

Carly juntou as cartas e pôs-se a embaralhá-las.

— Para que empresa você trabalhava?

Robert respondeu com uma sigla conhecida nos quatro cantos do mundo, o que a deixou ainda mais impressionada. Ela sabia que aquela empresa só contratava os melhores pilotos.

— O que o levou a desistir da carreira e vir para cá? — perguntou Carly, distribuindo as cartas.

Robert pegou as cinco cartas dele e examinou-as atentamente.

— Com a morte da minha mulher, precisei arranjar algo mais

flexível.

Interpretando mal a súbita tensão que ele demonstrou, Carly apressou-se em mostrar-se solidária.

— A morte dela, Robert... Deve ter sido um golpe muito duro. Por alguns instantes Robert ficou olhando para ela, mas logo voltou a se concentrar nas cartas.

— Nós estávamos nos divorciando. Mas o que vamos jogar, afinal?

Ele estava se divorciando? Por alguns segundos Carly ficou boquiaberta, perplexa com aquela revelação.

— Cinco cartas para cada um — ela respondeu, fazendo um ar de entendida. — Ganham os seguintes jogos, em ordem crescente: carta maior, par, trinca *full-hand,* quadra e seqüência. As seqüências de ouros batem todas as demais.

Robert olhou para ela sem levantar a cabeça.

— Ah, pôquer... Parece que você também andou circulando no meio dos pilotos.

— É, uma vez ou outra — ela murmurou, arrumando as cartas. Não era de admirar ele tomar tantos cuidados para não se envolver. Se havia alguma coisa que Carly entendia era uma relação não resolvida. O arrependimento, a raiva, a culpa...

— Quer começar? — perguntou Robert.

Carly levantou os olhos e viu, pela expressão dele, que o assunto estava encerrado e nenhuma simpatia seria bem recebida.

— O quê?

— Quer começar? — repetiu Robert, que de fato não queria discutir o desastre que tinha sido o casamento dele.

Além disso, seria difícil tratar de um assunto sério quando o short de Carly insistia em subir toda vez que ela se mexia. Rapidamente ela consultou as cartas que tinha na mão.

— Sim, mas primeiro vamos abrir as apostas, concorda? — Caminhando até o *Buffet,* ela pegou um punhado de balas na *bombonière* e entregou a ele. — Tome.

Munindo-se também de um punhado de balas, Carly retornou ao sofá e fez o primeiro lance.

— Aposto três balas.

Enquanto igualava a aposta, Robert reparou que Carly desembrulhava duas das balas que lhe restavam e colocava na boca. Por alguns instantes ficou olhando os movimentos que ela fazia com a língua para limpar os lábios. Se aquilo continuasse por mais algum tempo, logo ele precisaria pedir licença para ir tomar mais um banho frio.

Então eles compararam os jogos.

— Tenho um par de ás — anunciou Carly.

— Trinca de damas — vangloriou-se Robert recolhendo as seis balas apostadas.

Enquanto distribuía as cartas para uma nova rodada, ele notou que Carly pegava para comer mais duas balas das que ainda tinha.

— Daqui a pouco você não terá mais nada para apostar. Como é que vamos continuar o jogo?

Carly lançou a ele um olhar de desafio enquanto colocava outra bala na boca.

— Começarei a pegar das suas.

— De jeito nenhum. Vai ter que pensar em outra coisa. Carly fez uma cara de inocência.

— Ah, é? Nesse caso, podemos adotar aquela fórmula: quem perder uma rodada tirará uma peça de roupa.

Robert ficou paralisado. Agora não existia mais a camaradagem que havia caracterizado os últimos dias. O que predominava era a forte atração física que um e outro tanto haviam se esforçado para sufocar.

— Carly... — ele murmurou, com os olhos nos dela. Então eles se moveram um na direção do outro e se beijaram como se precisassem daquilo mais do que qualquer outra coisa.

Estavam perdidos.

Da mesma forma como já havia acontecido no escritório e na banheira aquecida da varanda, eles se abraçaram como se fossem feitos um para o outro. Contorcendo o corpo, Robert encostou-se no sofá, posicionando o joelho entre as pernas de Carly e segurando firmemente nas laterais da cintura dela para puxá-la consigo. Como um faminto que precisasse desesperadamente de alimento, pressionou insistentemente os lábios contra os dela, até forçá-la a permitir a penetração da língua.

Carly soltou um gemido e ergueu as mãos para agarrar os cabelos dele como se quisesse puxá-lo ainda mais para perto, o que não era possível. Esfregando a língua na dele, sorveu tudo que pôde recolher ansiosa por mais.

Trêmulos, eles se afastaram alguns centímetros, ambos querendo recuperar a respiração.

— Carly... — voltou a falar Robert, com um intenso brilho nos olhos verdes, onde o desejo dividia espaço com certo ar de incerteza.

Carly abriu os olhos, com a boca molhada e o semblante que era a pura expressão do desejo. Então ela viu a dúvida que se estampava no rosto de Robert.

Prontamente, apertou fortemente os ombros dele.

— Nem pense nisso — ela o proibiu determinada. — Eu sei exatamente o que quero Robert... E é você.

Antes que ele pudesse pronunciar uma única palavra de protesto, ela venceu os centímetros que os separavam e ilustrou aquela declaração com um beijo.

Tudo o que Carly sentia por ele estava naquele beijo: descoberta, excitação, um crescente fervor sexual, ternura e uma urgente necessidade de se entregar. Enquanto sentia o gosto da boca dele, começou com as mãos a mais doce das explorações, percorrendo o corpo de Robert com uma sensualidade que era puro convite, levando à ebulição todos os sentidos dele.

Quando eles outra vez se afastaram em busca de ar, ainda mais trêmulos, Robert não queria mais resistir.

— Vamos subir — ele disse, beijando repetidas vezes a parte de trás da orelha dela. — Há mais espaço na minha cama.

— Espaço? — repetiu Carly, um pouco espantada com o tigre que ela própria havia despertado. — Para quê?

— Venha que eu vou lhe mostrar.

De mãos dadas eles subiram a escada até o sótão, que recebia as últimas luzes da tarde. Soltando a mão dela, Robert a reteve quando ela fez menção de tirar a blusa.

— Não — ele disse, espalhando pelo pescoço dela beijos cheios de ternura. — Deixe que eu faça isso.

Eles estavam de pé e Robert dobrou as pernas para se abaixar. Quanto estava com o rosto na altura do ventre dela, prendeu a barra da blusa com os dentes e foi subindo, bem devagar. Carly estava sem sutiã e sentiu um arrepio de prazer quando o queixo dele passou entre os seios. Só então ele usou as mãos para completar a retirada da blusa. Carly sorriu quando a peça de roupa foi jogada para o lado, indo cair em cima do criado-mudo, onde estavam o telefone, um livro e uma foto num porta-retrato.

Instantes mais tarde, já totalmente nua, Carly ficou observando enquanto ele se livrava da camisa e da bermuda para expor a máscula beleza do corpo. Por vários segundos eles se deixaram ficar numa contemplação mútua, até que se deitaram na cama com as pernas enrascadas.

Robert correu a mão pela lateral do corpo dela e parou na altura dos quadris, apertando levemente.

— Tem certeza?

Carly beijou o canto da boca dele, apenas encostando os lábios.

— Tenho.

Então eles se entregaram a uma troca de carícias em que cada um queria conhecer cada detalhe do corpo do outro. Eram afagos, beijos, toques com a língua, tudo isso acompanhado de suspiros e gemidos. Aos poucos essa busca foi se tornando mais e mais ansiosa, até que os corpos deles sentiram a necessidade de se completar um no do outro.

Carly entreabriu os olhos, com o rosto afogueado de desejo.

— Eu quero... Agora...

Robert posicionou os quadris entre as coxas dela e Carly segurou nas ancas dele para conduzir a penetração.

Os gemidos deles se misturaram na mesma proporção dos corpos e o orgasmo, que ocorreu para ambos no mesmo instante, foi uma onda tão intensa de prazer que pareceu inundar todo o quarto.

Minutos mais tarde eles estavam prostrados e silenciosos. Abraçada a Robert, Carly brincava com uma mecha dos cabelos dele.

Era *incrível.* Jamais ela havia passado por uma experiência igual àquela, achando que ia explodir de felicidade. Então, num impulso, colocou-se por cima de Robert para abraçá-lo com força.

Espantado, ele correu as mãos pelas costas dela.

— Por que fez isso?

Os lábios de Carly se abriram num sorriso largo.

— Porque valeu à pena esperar.

Robert pôs-se a rir, visivelmente relaxado.

— Você é mesmo demais — ele declarou, também a abraçando com força.

Carly juntou as mãos em cima do peito dele, apoiou nelas o queixo e olhou para ele.

— *Eu?* E você? Sabe o que você é? É como uma daquelas balas que eu estava comendo lá embaixo. Sabe como é... Duras por fora, mas macias por dentro.

Robert fingiu-se ofendido.

— Ora, muito obrigado. Não há nada que humilhe mais um sujeito do que compará-lo a um doce.

— Bem, eu não sei — disse Carly, rindo e serpenteado o corpo para ficar com os lábios bem perto dos dele. — Talvez seja melhor compará-lo a batatas fritas. — Então ela passou a língua no lábio inferior de Robert. — Ninguém consegue comer uma só.

— Mas por que todas essas referências a comidas? — ele perguntou. — Deve estar com fome.

— De você... — esclareceu Carly, começando ela própria a sentir o efeito dos beijos que aplicava nele.

— Isso é muito bom... — aprovou Robert, usando as mãos para erguer os quadris de Carly por cima da própria barriga. Logo em seguida, voltou a penetrá-la. — O sentimento é mútuo.

Carly soltou um gemido de satisfação.

— Robert... — ela murmurou, movimentando os quadris no ritmo que ele comandava. — Você já devia estar... Satisfeito demais... Para querer isso outra vez.

Robert puxou-a um pouco mais para cima, de forma a poder morder os mamilos dela.

— Pois não estou. Você acha ruim?

— Não — ela respondeu, sentindo um estremecimento quando ele aumentou o ritmo dos movimentos. — De jeito... Nenhum...

Se da primeira vez o amor deles tinha sido como um incêndio descontrolado, agora era como uma lareira acesa no inverno. Sem pressa, eles se entregaram à deliciosa tarefa de descobrir as preferências da cada um. Com isso proporcionavam e recebiam as mais incríveis carícias.

Mas houve algo que se repetiu, porque eles chegaram ao orgasmo no mesmo instante.

Minutos mais tarde, estavam ambos profundamente adormecidos.

Carly, é claro, não saberia dizer quanto tempo se passou entre aqueles gloriosos momentos e o pesadelo que a assaltou. Ouvindo o barulho firme de um avião em pleno ar, sentiu-se outra vez dentro do maior dos dois Cessna da Trans-Seattlc Air. Via-se na parte traseira da aeronave, para onde tinha ido para tentar se recuperar de uma dor de cabeça.

— Isso não faz sentido, droga! — dizia Ty ansioso, o que não era normal nele. — Deveríamos estar vendo as luzes da cidade.

— Mas o fato é que não estamos — despachou o cunhado de Carly, Dan. Normalmente um homem afável, ele não fazia o menor esforço para esconder a impaciência e a preocupação. — Encare a realidade, Ty. Nem eu nem você fazemos e menor idéia de onde estamos.

— Você pode não saber, mas eu sei. Como já lhe disse...

— Não adianta nada vocês ficarem discutindo — pronunciou-se Linda Bradford Murray, em sua voz calma, evidentemente querendo apaziguar a animosidade que se desenhava entre os dois homens. — Acho que devíamos tentar pensar juntos na busca de uma saída para esta situação. A meu ver, só uma coisa é clara: se o altímetro estiver certo, nós estamos numa altitude muito baixa. Talvez você deva subir um pouco, Ty... Só até sabermos *exatamente* onde estamos.

Identificando a preocupação que havia na voz da irmã, Carly concluiu que algo de muito terrível estava se passando.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, sentando-se.

— Nada que eu não possa resolver — respondeu Ty, voltando-se para encará-la.

Foram as últimas palavras que ele proferiu. Segundos mais tarde, o avião resvalou na copa de uma árvore alta e escapou totalmente ao controle do piloto. Ouviu-se o ensurdecedor barulho de metal se partindo, enquanto a aeronave se chocava contra as árvores, mudando de direção ao sabor das batidas, até finalmente parar.

Protegida no compartimento de carga do aparelho, Carly sobreviveu a todos os impactos. Com escoriações e ferimentos que sangravam em várias partes do corpo, foi pouco a pouco recuperando a consciência.

A primeira coisa que chamou a atenção dela foi àquele terrível silêncio. Depois dos barulhos dos impactos e dos gritos de horror dos demais ocupantes do avião, tudo o que ouvia agora eram as batidas do próprio coração.

— Ty?

Agora as narinas dela eram invadidas pelo aroma de pinho que vinha dos galhos quebrados das árvores... Além do cheiro de gasolina. Carly se sentia presa por uma malha e tentava desesperadamente escapar.

— Linda?

Não houve resposta.

Percebendo que era a única sobrevivente daquele terrível desastre, ela soltou o grito:

— Não! Eu quero sair daqui!

Então ouviu a voz grave de Robert, que foi como uma luz no fim do túnel.

— Carly? Acalme-se, meu bem.

Quando abriu os olhos, Carly viu que estava protegida pelos braços dele.

— Não... — ela soluçou. — Oh, não... Robert pôs-se a afagar os cabelos dela.

— Calma. Foi só um pesadelo.

Carly estremeceu e despertando por completo, procurou se acalmar.

— Robert? — ela murmurou. Robert acariciou as costas dela.

— Sim?

Carly riu nervosamente.

— Desculpe. Está vendo... O que... O que me acontece quando... Quando eu experimento alguma coisa gostosa? — ela perguntou, tentando inutilmente demonstrar naturalidade. — Há um curto-circuito de prazer no meu cérebro.

Robert não se deixou enganar, mas não quis contradizê-la. Apenas enxugou as lágrimas que ainda havia no rosto dela e respondeu, no mesmo tom:

— Isso é supercarga de hormônios — ele interpretou, calmamente. — Acontece comigo o tempo todo.

O riso de Carly agora era verdadeiro, embora a voz dela ainda estivesse trêmula.

— Sim, é claro.

— Pode crer menina. E não pense que me impressionou com o pequeno espetáculo que deu. Espere só até a próxima *paella* que Maria preparar para o jantar. É uma comida tão gostosa que não dá nem para explicar. Eu sempre como demais e vou dormir com a barriga cheia. Aí, sim, você vai ver o que é pesadelo que se apresente.

Desta vez Carly riu com vontade, ao mesmo tempo em que se dava conta da facilidade com que ele a havia acalmado. Agradecida, segurou o rosto de Robert com as duas mãos e beijou-o nos lábios.

— Obrigada.

Robert bocejou, sem deixar de abraçá-la.

— Sente-se melhor?

— Sim.

Então ele a beijou no canto da boca, sem abrir os olhos.

— Ótimo.

Robert continuou com os olhos fechados e a respiração dele foi se tornando mais profunda e compassada. Com um leve sorriso, Carly ficou observando, demoniadamente. Quando teve certeza de que ele havia adormecido, apoiou-se no cotovelo c apenas roçou os lábios nos dele.

— Eu o amo, Robert — ela declarou, num murmúrio.

Instantes mais tarde também estava adormecida. Dormiu placidamente por todo o resto da noite.

CAPÍTULO IX

— Pode ir! — gritou Carly, sacudindo a corda para sinalizar que estava pronta. Robert balançou a cabeça, resignado, e pôs a lancha em movimento. A corda se esticou, produzindo um leve tranco na lancha... E logo depois o barulho de um corpo caindo na superfície da água.

Robert reduziu a velocidade e começou a manobrar o barco para voltar.

— Com esta são quantas vezes? — ele perguntou a Eric, que observava enquanto Carly tentava aprender a praticar esqui aquático.

Eric, que estava com Liz no colo, puxou-há um pouco para o lado para que o colete salva-vidas da menina não lhe prejudicasse a visão.

— Onze. Ela não vai agüentar por muito tempo — comentou o velho. — E é até bom porque pode acabar se machucando, sem falar no cansaço.

— Não acredite muito nisso — discordou Robert, observando através dos óculos escuros enquanto Carly entregava os esquis a Jimmy antes de sair da água e pisar no cais. — Aquela ali é uma mulher determinada.

— Mas a culpa é sua — acusou Eric. — Se não estivesse se exibindo, ela não teria enfiado na cabeça que precisava experimentar isso.

— Eu? — reagiu Robert, olhando para o tio com incredulidade. — Quem estava se vangloriando era você, já se esqueceu? Disse que, se não estivesse com a perna engessada, ensinaria a ela todos os segredos do esqui aquático. Além disso... Como é que eu iria adivinhar que ela olharia para mim e me escolheria como instrutor?

Eric não deu o braço a torcer.

— Não precisa ser muito esperto para perceber que essa Srta. Bradford é uma menina teimosa... E corajosa. Às vezes acho que ela estaria disposta a enfrentar desafios que nem você enfrentaria.

— É, acho que tem razão — murmurou Robert, rezando, para que o tio calasse a boca... E ele pudesse esquecer a noite que havia passado com Carly.

No entanto, por mais que tentasse, não conseguia esquecer as

delícias daquela noite de amor. De fato, Carly tinha sido muito corajosa ao tentar levar na brincadeira o pesadelo que a assaltara.

Talvez fosse justamente por isso que ele resistia em se envolver. Embora admirasse mulheres de espírito indômito, esse aspecto da personalidade de Carly era um gritante contraste com o estado emocional em que ele se encontrava.

Depois de passar por uma tragédia, Carly soubera reunir forças para reconstruir a vida, enquanto não se podia dizer a mesma coisa dele, Robert. Para falar a verdade, até bem recentemente havia momentos em que pensava em desistir.

— Ei, Cameron! — chamou a voz alegre de Carly. — Acorde homem!

Enquanto alinhava a lancha com o cais, Robert ergueu os olhos para contemplar aqueles cabelos escuros escorrendo água, o rosto sem maquiagem e o corpo que vestia um maiô inteiriço vermelho. Então, lembrou-se do que ouvira dela no dia em que a tinha conhecido.

Sou uma mulher fatal de primeiríssima classe, ela havia declarado, como se aquilo fosse motivo para risos.

Bem, era a mais pura verdade. Robert não se lembrava de quando havia começado a se interessar por morenas, mas tinha consciência de que estava definitivamente enfeitiçado. Será que não era um feitiço de bruxa?

— Acorde Robert! — voltou a falar Carly. — Meus lábios já estão ficando roxos de frio. Quer ter a bondade de pôr essa lancha em movimento?

Robert continuou pensativo. Só porque Carly era uma mulher corajosa e queria se divertir, isso não significava que ele corria o perigo de perder o coração. O perigo mesmo era perder a sanidade, porque ela também era teimosa, falava demais e queria tudo ao seu jeito.

— Sr. Robert! — exclamou Liz batendo no braço dele. — Tia Carly quer ir logo!

Como se quisesse enfatizar o que dizia, a menina saltitava no colo de Eric.

Robert olhou para ela e sorriu. Não havia dúvida de que a determinação e a teimosia tinham origem genética. Com duas bruxas

para enfeitiçá-lo, como ele iria escapar?

Quando a lancha começou a se movimentar e a corda se esticou, ele achou que já sabia o que iria acontecer, mas enganou-se redondamente. Liz soltou um grito de alegria, no que foi secundada por Eric.

— Ela conseguiu!

Aumentando de velocidade, a lancha deixou a enseada e foi para águas mais profundas do lago. Mantendo o barco em linha reta. Robert voltou à cabeça para trás para admirar a segurança de Carly, que segurou a barra apenas com uma das mãos e acenou para ele, com um enorme sorriso no rosto.

Depois de responder discretamente ao aceno dela, Robert concentrou-se em manter o rumo da lancha.

— De fato, é uma mulher teimosa e determinada — comentou Eric, num tom alegre, dirigindo-se ao sobrinho. — Eu diria que você finalmente encontrou alguém à sua altura.

Robert continuou olhando fixamente para frente.

— Isso seria verdade se eu estivesse procurando. Mas não estou, e você sabe disso.

Eric girou o assento e ficou de frente para ele. Quando voltou a falar, teve o cuidado de escolher as palavras.

— Bem, isso não parece ter influência no que ela sente por você. Desde o dia em que a Sra. Murdoch deixou o motor afundar no lago. Carly tem mostrado muito mais disposição para tratá-lo bem.

Robert franziu a testa, sentindo que o tio estava percebendo mais do que devia.

— Nós somos amigos.

Será que ele, Robert, conseguiria se convencer disso? Como explicar o sentimento de que fazer amor com Carly tinha sido a experiência mais cheia de satisfação da vida dele? Era preciso também levar em conta o fato de que, sempre que estava com ela, sentia-se completo, como se nada estivesse faltando, e aquilo era algo que não acontecia há anos. Por outro lado por enquanto o mais importante de tudo era encontrar Seth e ele não se podia permitir nada que o desviasse daquele objetivo. Enquanto não houvesse recuperado o filho,

não teria nada para oferecer a Carly.

Tinha que ser assim.

Robert olhou rapidamente para o tio.

— Nós somos amigos — ele repetiu. — A... A outra pessoa também não está interessada em nada, além disso.

Eric mostrou-se incrédulo?

— O quê?

— Não tem mesmo nenhum interesse — declarou Robert, friamente.

— Ah, eu acredito, assim como acredito que Pernalonga é um pato.

— Não é não — protestou Liz, prontamente. — Pernalonga é um coelho, Sr. Eric. Qualquer pessoa sabe disso.

Eric sorriu para a menina.

— Nem todos, Liz — ele disse, voltando-se para o sobrinho com um sorriso de satisfação. — Há gente que não consegue ver o que tem bem diante do nariz.

Robert respondeu no ato.

— Por falar nisso, há também os que vivem metendo o nariz onde não devem.

— Bem, certas pessoas precisam de um empurrão para seguirem na direção do que é melhor para elas — persistiu Eric.

Como a espectadora de uma partida de tênis, Liz olhava alternadamente para cada um daqueles homens, tentando acompanhar um diálogo que não conseguia entender.

Robert olhou para o tio com o sorriso de quem ia apresentar um argumento irrefutável.

— Agora estou começando a entender o motivo daquela cena dramática no salão da pousada. Ainda se lembra, tio Eric? Foi quando você levou a mão ao coração, gemendo: «Ai, que dor! Ai, que dor!»

Eric corou fortemente, mas conseguiu manter a dignidade.

— Não sei do que você está falando.

— Ah, não? Então, seu velho intrometido, será que pode me explicar por que tomou cápsulas de multivitaminas para combater *a dor?*

Eric prontamente reagiu ao ataque.

— Eu não precisaria me intrometer se você não estivesse agindo como um asno.

— O que é um asno — perguntou Liz ficando de joelhos no colo de Eric para olhar para a tia.

— Nada! — responderam os dois homens, ao mesmo tempo. Depois de um instante de silêncio, eles se entreolharam como se fossem dois carneirinhos.

Liz ficou pensativa por alguns segundos.

— Então, o que é intrometido?

— Intrometido, querida... — começou a responder Eric no instante em que ela só pôs a agitar os braços. — Mas o que está fazendo.

— Estou acenando para tia Carly.

Eric segurou firmemente o agitado corpo da menina.

— Está bem, mas procure fazer isso mais calmamente, ou acabará levando uma queda.

— Igual à que tia Carly levou agora?

Imediatamente Robert virou a cabeça para constatar que a lancha já não rebocava nenhuma esquiadora.

— Mas que...

Em deferência aos sensíveis ouvidos de Liz, ele não completou o palavrão que ia dizer quando viu Carly a mais de cem metros da lancha, boiando na água graças ao salva-vidas.

Manobrando o barco c rumando para onde ela estava. Robert suspirou.

— Vou conversar com ela, está bem? Só peço que me deixe fazer isso a meu modo. E na hora certa. Eu estou... Tentando.

Eric estendeu a mão c bateu carinhosamente no ombro do sobrinho.

— Está bem, filho. Não seria justo lhe pedir nada, além disso. Quando parou a lancha c encontrou os olhos de Carly, Robert não tinha mais certeza de que a queria apenas como amiga.

De pé no cais do lago Cour d'Alene, Robert ficou observando enquanto a bagagem das velhotas ia sendo retirada do avião.

Depois de se despedir da Sra. Gordon e das gêmeas Helgeson, ele

se voltou para a gorducha Sra. Murdoch.

— Bem. Myrna foi uma experiência e tanto.

— Pode crer garoto voador. Aproveitei cada minuto dos dias que passei com vocês.

Robert sorriu.

— De fato... Foi interessante.

— Ah, se foi! Na verdade, eu e as meninas nos divertimos tanto que resolvemos fazer uma coisa que nunca fizemos antes.

— É mesmo? O quê?

Myrna Murdoch chegou-se mais para perto dele e respondeu como se estivesse revelando um segredo.

— Nunca vamos duas vezes para o mesmo lugar, mas resolvemos abrir uma exceção para a Pousada do Paraíso. No ano que vem, voltaremos para passar um mês inteiro.

— Verdade? — perguntou Robert, esperando que o sorriso que estava mostrando parecesse absolutamente sincero. — Quando?

— Em agosto.

E uma ótima época para que eu tire umas férias, pensou Robert.

— Vou preparar tudo — ele prometeu, com sinceridade. Myrna estendeu a mão e apertou a braço dele.

— Faça isso garoto voador.

Depois disso ela saiu atrás das companheiras, que já se dirigiam ao táxi que as levaria ao aeroporto.

Robert ficou observando enquanto Myrna se afastava e deixou escapar um suspiro de alívio. Depois, voltou-se para o prédio onde funcionava o Serviço de Apoio do Departamento de Aviação Civil. Erguido no alto de uma colina ali perto, aquele prédio servia aos mais diferentes propósitos. Além de funcionar como torre de comando para os hidroaviões que operavam no lago, era também centro de informações extra-oficiais. O quadro de avisos do primeiro andar, por exemplo, era sempre consultado por pilotos em busca de trabalho. O próprio Robert já fizera ali contratos para serviços muito bem remunerados. No verão, quando sempre havia incêndios, o lugar funcionava também como um posto de comando secundário para o Serviço Florestal.

Robert percebeu, no instante em que entrou no salão do primeiro andar, que alguma coisa estava acontecendo. Normalmente só eram encontrados ali os seis ou sete funcionários permanentes que operavam o SADAC. Mas agora o lugar regurgitava de pessoas, algumas delas usando os telefones e outras indo de um lado para outro, enquanto a maioria se concentrava na sala onde o Serviço de Emergência dividia espaço com o Serviço Florestal.

Robert cumprimentou vários pilotos que conhecia e dirigiu-se à mesa principal, até conseguir chamar a atenção de Maggie, que fazia parte do pessoal permanente. Ao vê-lo, o rosto da mulher se iluminou.

— Olá, bonitão? Chegou finalmente à conclusão de que a garota certa para você sou eu?

Embora achasse estranha toda aquela atividade. Robert teve que sorrir para ela. Maggie tinha idade suficiente para ser mãe dele e por mais de quarenta anos fora a feliz esposa do diretor daquela repartição.

— O que está acontecendo? — ele perguntou. Maggie soltou um suspiro de aborrecimento.

— Nem me pergunte... A menos que você tenha conseguido licença para pilotar helicópteros.

Robert abriu os braços.

— Sinto muito, mas continuo sem essa licença.

Ele já sabia como era feito o serviço ali. Enquanto os aviões pequenos eram utilizados para rastrear incêndios na floresta, os maiores, como os DC-6 ou os bombardeiros B-24 serviam para jogar produtos químicos sobre os focos de incêndio. Para despejar água sempre se dava preferência aos helicópteros, já que podiam ficar parados no ar. Também eram a única opção quando se queria transportar equipes de terra, em geral a primeira linha de defesa contra um incêndio que se iniciava.

— Começou algum incêndio? — perguntou Robert. Maggie fez uma careta.

— Três. Um deles perto do Vale do Sol outro para os lados de Ballinger e o terceiro mais para o norte, em Pend Oreille. — Levantando-se, a mulher mostrou no mapa pendurado na parede os locais dos incêndios, o último deles perto do lago Eden. Subitamente interessada, Maggie olhou para Robert. — Ei este aqui não é perto de onde você

mora?

— É sim — respondeu Robert consultando o mapa. — A coisa está muito feia por lá?

Apesar da pergunta, ele procurou se convencer de que não havia motivo para alarme. Afinal de contas, naquela época do ano só aconteciam pequenos incêndios, que em geral se extinguiam sozinhos. O fato de que a pousada estava a seis anos no mesmo lugar, sem sofrer ameaças, era uma prova disso.

— As primeiras informações não são muito claras — respondeu Maggie, olhando com raiva para um dos telefones, que se pôs a tocar insistentemente. — Mas não deve ser muito sério. Afinal de contas, nos últimos dias os ventos não têm sido fortes. Vamos rezar para que isso não mude.

Depois disso a mulher atendeu ao telefone e Robert voltou à atenção para o mapa tentando memorizar as coordenadas dos incêndios. Quando estivesse voltando para o norte, não custava nada dar uma olhada.

Instantes mais tarde Maggie desligou o telefone e olhou outra vez para ele.

— Está indo para casa?

— Mais tarde. Antes preciso comprar uns mantimentos. Também quero ver se tem algum recado para mim.

Maggie balançou a cabeça.

— Acho que não — ela disse, embora fosse consultar um terminal de computador, duas mesas adiante.

Mas por onde andava Detwiler? Já havia se passado quase uma semana desde que ele deixara Robert cheio de esperanças, para depois não dar mais nenhuma notícia. Naquela manhã mesmo Robert tinha ficado mais de uma hora ao telefone, tentando descobrir o paradeiro do detetive, sem nenhum sucesso.

Quando Maggie retomou, estava de mãos vazias.

— Sinto muito, mas não existe nada. Robert pensou por alguns segundos.

— Nesse caso, será que você pode dar uma olhada na minha lista de confiança? Gostaria de verificar um nome.

Cada piloto tinha o que se chamava de lista de confiança, da qual constavam os parentes mais próximos e algumas outras pessoas. Qualquer recado de alguém que não estivesse na lista ficava registrado, mas não era mandado pelo rádio. Com isso se evitava que os pilotos perdessem tempo atendendo a trotes.

Afinal de contas, não custava nada a Robert ver se Detwiler estava mesmo na lista de confiança dele. Jamais se perdoaria se deixasse de reaver o filho por causa de um descuido.

— Claro — dispôs-se Maggie, caminhando para o arquivo. — Qual é o nome?

Robert disse o nome completo do detetive.

— Sim, ele está aqui — informou a mulher, começando a fechar o arquivo.

— Espere um pouco — reteve-a Robert. — Quero acrescentar um nome.

Maggie retirou a pasta do arquivo e retornou à mesa. Sentando-se, pegou na gaveta uma ficha para que ele preenchesse. Surpreendendo-se a si mesmo, Robert viu-se escrevendo na ficha os dados de Carly.

— Só isso? — perguntou Maggie, olhando a ficha que ele acabava de assinar.

— Só. Se tiver tempo, na volta para casa darei uma olhada no incêndio que está acontecendo lá perto. Depois falarei com você pelo rádio.

— Ótimo — agradeceu Maggie, enquanto outro telefone começava a tocar. — Tome cuidado... E veja se tira a licença de piloto de helicóptero. Só Deus sabe o quanto isso iria nos ajudar.

Robert olhou de lado para ela.

— Não conte com isso, Maggie. Nem mesmo por você eu concordaria em pilotar um daqueles trambolhos.

Robert apertou os olhos, examinando do alto a extensão do incêndio. Estudando o terreno, percorreu o caminho do fogo por entre a nuvem de fumaça e fuligem. Constatou que a equipe terrestre estava fazendo um excelente trabalho e aquilo o deixou mais relaxado. Confirmavam-se as expectativas de Maggie e não haveria perigo maior, desde que o vento não passasse e soprar com mais intensidade.

Pegando o microfone, ele mudou a freqüência do rádio para cumprir a promessa de relatar ao SADAC o que havia observado. Depois, rumou para casa.

Casa... A imagem da pousada se formou na mente dele, logo seguida pela de Carly. Depois de ficar pensativo por um bom tempo, acabou tomando uma decisão: já era tempo de falar com ela sobre Seth. Afinal de contas, havia acrescentado o nome dela à lista de confiança e, gostasse ou não, via-se forçado a admitir que aquela mulher já fazia parte da vida dele.

Se não fosse por isso, seria pelas palavras que ouvira naquela noite dos lábios de Carly, quando ele já estava quase adormecido: *Eu o amo, Robert.* Prudente, ele procurou se convencer de que muitas vezes aquelas mesmas palavras eram pronunciadas depois do amor físico, mas sem maior significação.

Mesmo assim, bem no íntimo, estava convencido de que Carly tinha sido sincera. Da mesma forma, tinha certeza de que o mínimo que ela merecia era honestidade da parte dele.

E qual seria o máximo que ela merecia? Um mês antes ele não teria dificuldade para responder. Diria que Carly certamente merecia a segurança de uma família para substituir a que havia perdido, bem como a companhia de um homem tão corajoso quanto ela... Só que nada daquilo poderia ser proporcionado por ele já que o que importava no momento era encontrar Seth.

Depois da guerra aberta que tinha sido o casamento dele com Debbie, a única perspectiva de felicidade pessoal era poder estabelecer um lar seguro e tranqüilo para Seth.

Agora, porém, ele já não estava tão certo. Robert pensava em Carly e... Droga! Por que tudo havia se complicado tão rapidamente?

E era tudo culpa dela. Carly havia destruído todas as defesas dele e aparentemente não seria mais possível reerguê-las. Dificilmente as coisas voltariam a ficar como antes.

Aquilo só fortalecia a decisão dele de falar a ela sobre o passado. Carly havia confiado nele, narrando à tragédia por que havia passado, e Robert precisava ser igualmente honesto... Embora temesse fazê-la sofrer com aquela história de sofrimentos c angústias.

Quando o lago Eden se desenhou lá embaixo, Robert não teve mais

dúvidas. Contaria tudo a Carly, tão logo tivesse a chance de ficar a sós com ela. Tomada a decisão, ele se sentiu enormemente aliviado, como se tivesse tirado dos ombros um fardo muito pesado.

Mas uma surpresa o aguardava. Pela primeira vez em muitos meses, ele encontrou a pousada totalmente fechada e teve que usar a própria chave para entrar. Pensou em vários motivos para aquilo, mas o que mais o preocupava era a possibilidade de um acidente. Será que havia acontecido alguma coisa com Eric... Ou com Liz... Ou com Carly...

Felizmente havia um recado deixado em cima do bufê para tranqüilizado. Todos tinham ido de jipe até a casa do Dr. Beard, que naquele dia tiraria o gesso da perna do tio de Robert. À noite estariam de volta.

Depois de ficar olhando por um bom tempo para o papel onde estava anotado o recado. Robert correu os olhos pelo salão da pousada. Estava tudo silencioso demais por ali. Um mês antes... Mesmo duas semanas antes, ele teria agradecido aos céus pela chance de ficar sozinho, aproveitando a privacidade que tanto prezava.

Agora, por causa da ausência de uma mulher cheia de vibração, a Pousada do Paraíso, tanto quanto os braços dele parecia vazia demais.

CAPÍTULO X

Silenciosamente, Carly entrou no quarto de Robert, iluminado apenas pelo luar que penetrava pela parede envidraçada. Fechando a porta, parou para acostumar os olhos à penumbra e aproveitou para respirar fundo algumas vezes, tentando fazer com que o coração batesse mais devagar.

Depois de algum tempo ela caminhou até bem perto da cama tirou as roupas e enfiou-se embaixo das cobertas, ao lado de Robert. Uma brisa fria penetrava pela janela aberta e o calor que o corpo dele exalava não podia ser mais delicioso.

— Carly? — murmurou Robert, sonolento, voltando-se para o lado dela.

— Sim? — ela respondeu também num murmúrio. Robert virou a cabeça para consultar o relógio de mesa colocado no criado-mudo c esfregou os olhos.

— Já são quase duas da madrugada. Está voltando agora da casa

dos Beard? Onde está Liz?

Carly chegou-se mais para perto, sem se perturbar com aquela saraivada de perguntas.

— Liz vai passar a noite na casa do Dr. Beard. As netas dele estão passando uns dias lá. São duas meninas, uma de três anos e outra de seis, e Liz ficou excitadíssima com a possibilidade de brincar com outras crianças. Por isso, quando me perguntou se podia passar a noite com as novas amigas, não tive coragem de dizer não. Amanhã eles a trarão aqui.

— Ah, sim — murmurou Robert, bocejando.

— Mas como foi à viagem? Transportou direitinho as nossas hóspedes?

— Sim — respondeu Robert, fingindo olhar para ela, mas estragando tudo com outro bocejo. — Você não me disse que elas pretendem voltar no ano que vem.

Carly levantou um pouco a cabeça e beijou-o no rosto, aparentemente sem muita pretensão.

— Acho que me esqueci.

— Provavelmente — disse Robert, deixando claro que não acreditava.

— Nem sempre eu lhe conto tudo, sabia? — confessou Carly. — Todos nós precisamos ter alguns segredos. É isso que torna o mundo mais interessante.

Por alguns instantes Robert ficou estranhamente quieto. Depois, obrigou Carly a girar o corpo para ficar deitada de costas, com ele por cima.

— Carly... — começou Robert, estranhamente hesitante. — Há uma coisa sobre a qual quero lhe falar.

Carly pensou nas fantasias que fizera durante toda a viagem de volta, pensando em quando estivesse fazendo amor com ele. Então, ergueu as mãos e pôs-se a afagar aqueles cabelos loiros.

— É mesmo? E se eu disser que não estou muito disposta a conversar?

— Eu pediria que reconsiderasse. Há certas coisas que preciso... Mas o que está fazendo?

— Estou beijando você — respondeu Carly, com a voz rouca, enquanto roçava a língua pelo pescoço dele.

— Carly...

— O que houve? Não está gostando?

Enquanto fazia as perguntas, Carly passou a morder a orelha dele, ao mesmo tempo em que continuava a trabalhar com a língua.

— Estou gostando, sim, e você sabe disso. Droga! Mas isso também impede que eu pense direito.

Carly encostou a pélvis no sexo dele, movimentando levemente os quadris.

— Está me parecendo que não é só esse o efeito... — ela declarou, fingindo-se ultrajada.

— Carly! — ralhou Robert.

Novamente ela fez um movimento lânguido com os quadris, agora com uma sensualidade ainda maior.

— Ah, que se dane — praguejou Robert. — Mais tarde conversaremos.

— Ótimo — aprovou Carly, soltando um gemido de satisfação quando finalmente sentiu no abdômen o contato da mão dele.

— Você está nua — constatou Robert.

— Ora, viva! — ela comemorou. — Finalmente você reparou nisso.

— Ah, eu reparei, sim... — ele disse, agora usando as duas mãos para explorar o corpo dela. — Eu já lhe disse que, na primeira vez em que a vi, no alto daquela escada, senti uma vontade enorme de fazer isto?

Isto significava enfiar os dedos na delicada região entre as coxas dela.

Carly ficou com a respiração descompassada.

— Se tivesse feito isso naquela ocasião, provavelmente eu teria deixado cair à lata de tinta na sua cabeça, em vez da broxa.

— Teria valido a pena.

— Não pensei que você tivesse gostado de mim — admitiu Carly, lembrando-se de como o havia achado bonito... Tanto quanto

carrancudo.

— Eu não gostei — confessou Robert, cobrindo com uma das mãos os pêlos na base do ventre dela, enquanto com a outra friccionava um dos seios. — Você era muito mandona, me repreendeu por ter ficado longe de Eric e vestia apenas a minha camiseta e um pouco de esmalte rosa nas unhas dos pés.

— Ei! — exclamou Carly, achando difícil se concentrar naquelas palavras por causa do que faziam as mãos dele. — Eu não era mandona. *Você,* sim, era um mandão... E até quis me demitir. E eu estava inteiramente vestida por baixo da camiseta.

— Ah, e agora você me diz isso! Eu fantasiei tanto sobre o que poderia ter feito...

— O que você teria feito, por exemplo?

Como resposta, Robert afundou a cabeça por baixo das cobertas para espalhar beijos por todo o corpo dela. Carly contorcia-se toda, achando que os ossos dela iam derreter.

— Oh, Robert... — ela murmurou, minutos mais tarde, quando finalmente ele ficou com o rosto bem perto do dela. — Estou fazendo alguma coisa errada?

— Se fizer melhor do que isso, moça, talvez tenhamos sérios problemas.

Percebendo que ela estava pronta, Robert a penetrou, vagarosamente. Com os lábios colados e os corpos molhados de suor, eles viveram segundos de indescritível prazer.

— Deus do céu... — murmurou Robert, algum tempo mais tarde. — Na última vez foi fantástico, mas agora... Foi quase demais.

Carly concordava. Estar com Robert a fazia sentir-se... Completa, como se houvesse encontrado uma parte de si mesma que estava faltando. Embora houvesse gostado muito de Ty, não tinha com ele a mesma sensação. Era como se Robert entendesse tudo sobre ela sem precisar ouvir nada.

Aquilo se confirmou algum tempo mais tarde, quando ele voltou a abraçá-la para fazer amor com ela uma segunda vez, atendendo a uma vontade que nem tinha sido externada.

Quando eles terminaram lua começava a se esconder por entre as

nuvens, deixando o quarto ainda mais escurecido. Carly suspirou de puro contentamento, a cabeça repousando no peito de Robert, os dedos entrelaçados nos dele.

— Está acordada? — perguntou Robert, minutos mais tarde.

— Não.

— Estou com sede. Quer alguma coisa para beber?

— Não, obrigada — ela respondeu, enquanto Robert saía da cama. — Acho que não teria forças para me sentar.

Então ele acendeu a luz do quarto e abriu a geladeira, o que obrigou Carly a fechar os olhos para protegê-los da luminosidade.

— Tem certeza? — insistiu Robert. — Aqui tem leite e sucos de várias qualidades.

— Não, obrigada, não quero mesmo.

Enquanto Robert pegava uma caixinha de suco de laranja, que passou a beber da própria embalagem, Carly correu os olhos pelo quarto e parou no porta-retrato prateado que mostrava a foto de um menino. Pegando o porta-retrato com um leve sorriso no rosto, ela examinou as feições do garoto de cabelos loiros e olhos verdes, tão verdes quanto os de Robert.

— Quem é este, Robert? — ela perguntou, num tom sereno.

Robert ficou momentaneamente paralisado. Depois, soltando um inaudível suspiro, jogou no lixo a embalagem vazia de suco e voltou para a cama.

Sentando-se, pegou o porta-retrato da mão dela e hesitou por alguns instantes, antes de responder.

— É Seth, meu filho.

Carly abriu a boca, mas logo voltou a fechá-la ao perceber que não sabia o que dizer. Quando olhou para Robert, foi como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Ele tinha um filho... Bem no íntimo Carly ficou ressentida por ele não ter falado naquilo há mais tempo. Mesmo assim, procurou ignorar aquele sentimento e concentrou-se em algo mais prático. Pelo menos aquilo explicava a facilidade que Robert tinha para lidar com Liz. Além de evidentemente gostar de crianças, ele tivera uma experiência anterior com o próprio filho.

Mas por que não revelara nada a ela sobre aquilo?

Tentando pensar de forma racional, Carly argumentou para si mesma que talvez fosse doloroso para ele discutir o assunto. Para um homem como Carly, evidentemente muito ligado aos familiares, devia ser duro assimilar uma perda tão grande. Daí o silêncio dele.

Mesmo assim havia muitas perguntas na cabeça dela. Teria sido a morte do filho a causa do fracasso do casamento? Será que o menino havia morrido no mesmo acidente que vitimara a esposa dele?

— Quantos anos ele tinha? — perguntou Carly, finalmente, achando que talvez fosse até bom para ele falar no filho.

Robert recostou-se no espelho da cama, com os olhos fixos no retrato.

— Nesta foto? Tinha cindo anos. Completou seis no dia dezesseis de abril.

— O quê?! — exclamou Carly.

Sentando-se na cama, ela se enrolou no lençol e voltou-se para olhá-lo. Robert tinha o semblante fechado.

— Como já disse, ele completou...

— Não foi isso o que eu perguntei. Achei que...

Carly parou de falar ao se lembrar de que ele não tinha dito que o filho estava morto. Era uma conclusão a que ela havia chegado sozinha, obviamente equivocada.

— Mas... Onde ele está? — ela perguntou, depois de alguns instantes de silêncio.

Por quase um minuto inteiro, Robert continuou olhando o retrato, em silêncio. Depois, colocou o porta-retrato ao lado do telefone e voltou-se para ela.

— Está com os avós maternos.

Logo em seguida ele se levantou e, depois de vestir uma sunga e uma calça jeans, rumou para o espaço da cozinha e pegou no armário uma lata de pó de café. Carly reparou pelos movimentos dos músculos das costas dele, que Robert estava muito tenso. Algo muito, muito sério devia estar acontecendo.

— Por que ele não está com você? — ela perguntou, com cuidado.

— É uma longa história.

Carly procurou falar com naturalidade, tentando aliviar a tensão.

— Não tem importância. Não estou pensando em sair daqui tão cedo.

Depois de apertar o interruptor da cafeteira, Robert cruzou os braços e ficou observando o café que pingava no recipiente de vidro. Depois de algum tempo, girou o corpo e olhou diretamente para ela.

— Meus ex-sogros, Blake e Margaret Cranshaw, o tiraram de mim. Acham que eu não sou um bom pai.

Mesmo ele falando em voz baixa, havia uma revolta muito grande por trás daquelas palavras, além de muita dor.

— Oh, Robert...

Robert ergueu a mão, interrompendo o que ela ia dizer.

— Não estou falando de marginais, Carly. Os Cranshaw são pessoas da classe média, que votam em todas as eleições e nem sonhariam em avançar um sinal de trânsito. Mas cometeram um ato criminoso para me impedir de criar o neto deles.

Carly sentiu-se contaminada pela revolta dele.

— Essas pessoas devem ter um parafuso a menos na cabeça, Robert! Não me importa se são o presidente dos Estados Unidos e a primeira-dama, porque já vi o carinho com que você trata Liz. Não acredito que possa existir no mundo um pai mais dedicado.

Aquele comentário deixou-o mais relaxado.

— Ora... Obrigado. Mas a verdade é que, por maior que seja o amor que eu sinto por Seth, é difícil ser um pai dedicado quando não se está sempre por perto... E eu raramente estava.

— Robert...

— Não, ouça — ele a interrompeu, impaciente. — Debbie e eu nos casamos porque ela ficou esperando Seth. Poucos meses depois do parto, chegamos à conclusão de que havíamos cometido um enorme erro. Não havia amor entre eu e ela, Carly, e nem mesmo o nascimento de Seth contribuiu para que houvesse ao menos harmonia.

Robert fez uma pausa e passou nervosamente a mão pelos cabelos.

— Nós brigávamos o tempo todo, pelos motivos mais tolos, mas

continuamos juntos porque não chegamos a um acordo sobre quem ficaria com a custódia do menino. O casamento acabou se tornando uma rotina. Eu era piloto de uma linha internacional e, enquanto estava trabalhando, Debbie tomava conta de Seth. Quando eu estava em casa ela passava os dias fora, fazendo compras, visitando as amigas, coisas assim. Estava dando certo... Até que ela conheceu alguém e se apaixonou.

— Oh, Robert...

Carly não soube dizer nada além daquilo, embora sentisse vontade de confortá-lo.

Tendo abordado o assunto, Robert parecia disposto a contar tudo.

— Ela morreu numa noite em que tivemos uma briga terrível. Já havíamos concordado em nos divorciar, dividindo a custódia de Seth. Naquela noite, porém, ela me disse que tinha mudado de idéia. Pretendia ir embora com Seth para começar uma nova vida. Eu não concordei e ela ficou furiosa, tão furiosa que resolveu ir embora sem concluir a discussão. Que Deus me perdoe, mas eu estava tão cansado daquelas brigas que senti alívio.

Depois de ficar em silêncio por alguns segundos, ele se voltou para Carly com uma expressão apática.

— Nunca mais voltei a vê-la. Uma hora depois de ter saído de casa, Debbie chocou-se com o carro contra uma árvore e morreu. A polícia estima que, na hora do desastre, ela estava trafegando a uma velocidade que era quase o dobro do limite. — Robert suspirou, e a desolação nos olhos dele dizia muito daquela história. — Apesar das nossas diferenças, reconheço que Debbie era uma boa mãe. Seth ficou... Perdido sem ela. E, consumido pelo sentimento de culpa, eu não soube muito bem como confortá-lo. Não preciso dizer que os pais de Debbie ficaram atrasados. Ela era filha única e constantemente levava Seth para visitar os Cranshaw, que moravam no mesmo bairro que nós, em San Francisco. Com a morte de Debbie, a única coisa que parecia ajudá-los era estar com Seth. Assim sendo, adquiri o hábito de deixar o menino com eles sempre que precisava trabalhar.

— Você não desconfiou de nada? — quis saber Carly.

— Não. Pensei que... Nem sei bem o que pensei. Eles nunca disseram uma só palavra sobre os meus problemas com Debbie, embora

hoje esteja claro que sabiam de tudo. Mas naquele tempo... Ah, eles sofriam muito.

— E eles demoraram muito para levar o menino?

— Não muito. Na última primavera, antes da Páscoa, fui escalado para uma viagem particularmente longa. Deixei Seth com eles e Margaret me disse que, quando eu voltasse, faríamos a ceia da Páscoa. — A voz de Robert tornou-se fria. — Quanto retornei, telefonei do aeroporto para avisá-los da minha chegada e ouvi uma gravação. Sabe como é... Uma daquelas gravações da companhia telefônica, quando o telefone é mudado ou desligado. Eu achei que era um engano. — Nesse ponto ele riu sem a menor vontade. — Não era engano. Quando cheguei lá a casa estava vazia. Eles haviam desaparecido, levando Seth.

— Que absurdo — disse Carly.

Dominado pela amargura, Robert parecia nem ter ouvido o comentário dela.

— Mas pelo menos eles deixaram um bilhete. Acusavam-se de ser o responsável pela morte da filha deles e diziam que eu não merecia ficar com Seth, já que não tinha condições de assumir as responsabilidades de pai. Isso foi há seis meses. Desde então tenho tentado encontrar Seth, mas os Cranshaw têm parentes espalhados por todo o país e sempre arranjam onde se esconder.

— Você não pediu ajuda da polícia.

Outra vez Robert passou a mão pelos cabelos, impaciente.

— Rapto é um crime federal, Carly. Eu não podia chamar a polícia. Não importa a gravidade do que tenham feito, eles continuam sendo os avós de Seth. Sem dúvida acham que fizeram o melhor para o neto. Além disso, eu continuo acreditando que, se estivesse em casa...

— Oh, Robert — disse Carly, querendo descobrir um jeito de confortá-lo sem demonstrar que sentia pena dele. — *Não foi* culpa sua. O que me parece é que você fez tudo para resolver da melhor maneira possível uma situação muito difícil... *Duas* situações muito difíceis, primeiro com Debbie, depois com os pais dela. Não pode assumir a culpa pelos atos de outras pessoas. Se eles o culpam de alguma coisa, isso não quer dizer que tenham razão.

Com gestos vagarosos, Robert pegou no armário duas canecas de louça. Depois se voltou para Carly com uma delas levantada, num

oferecimento mudo. Carly recusou balançando a cabeça e ele se serviu de café. Talvez fosse apenas impressão, mas ela achou que a caneca tremia levemente na mão dele.

— Talvez sim, talvez não — disse Robert, encolhendo os ombros. — Mas a verdade é que se eu tivesse prestado mais atenção no que estava acontecendo, neste momento Seth estaria aqui comigo.

Carly sentiu o peito apertado por causa da autoflagelação que identificou naquelas palavras.

— Não foi culpa sua, Robert — ela repetiu.

— Sim, mas...

Naquele instante o telefone tocou. Aparentemente agradecido por aquela interrupção. Robert foi atender.

— Alô? — Por alguns instantes ele ficou escutando. Depois, pousou a caneca sobre o criado-mudo, pegou uma caneta e pôs-se a anotar números num pedaço de papel. Finalmente, consultou o relógio ao lado do telefone. — Posso estar aí em mais ou menos duas horas. — Depois de escutar por mais alguns instantes, ele balançou a cabeça. — Não, apenas providencie para que o DC-6 esteja abastecido e carregado com os produtos químicos que irei despejar. Vou precisar também de alguém sintonizado comigo pelo rádio, o tempo todo. Alguma novidade sobre Pend Oreille?

Desta vez ele ficou escutando por um bom tempo, até finalmente se despedir e desligar. Depois, levantou-se e foi até o armário para pegar roupas limpas. No caminho, olhou para Carly.

— Desculpe Carly, mas preciso sair.

— Sair? — ela se espantou, olhando para o relógio no criado-mudo. — Para onde? São quatro e meia da madrugada. O que está acontecendo?

— Houve uma mudança nas condições do tempo a sul de onde estamos com ventos fortes e relâmpagos. Um incêndio que parecia controlado, perto do Vale do Sol, aumentou muito e continua aumentando. Por isso, o Serviço Florestal está convocando todos os pilotos disponíveis.

Carly sabia que os incêndios na floresta eram entidades em si. Provocavam mudanças imprevisíveis na atmosfera, o que tornava

extremamente perigoso sobrevoá-los. Só por pensar no perigo que Robert estaria correndo, ela sentia um aperto no coração.

— Mas... Eu achava que a época dos incêndios já havia acabado. Robert começou a abotoar a camisa que acabara de vestir.

— Bem, não acabou.

Carly ficou com as mãos úmidas, como se vivesse um pesadelo.

— Mas eles não podem arranjar outro piloto?

— Eu não quero que arranjem outro piloto — declarou Robert com toda naturalidade.

— Mas Robert...

— Escute aqui, Carly. Eu preciso do dinheiro.

Carly obrigou-se a pensar e, de uma instante para outro, tudo se encaixou.

— É por causa de Seth, não é? — ela exclamou, ajoelhando-se. — É por isso que você se submete a fazer esses trabalhos, arriscando-se tanto!

— Sim, é por isso — confirmou Robert, enquanto calçava as botas. — Durante alguns meses eu mesmo fiz as buscas, mas não consegui nada positivo. Então contratei Detwiler, um detetive particular. Ele é muito bom no que faz, mas não se pode dizer que seja um profissional barato.

— Eu tenho um pouco de dinheiro guardado — apressou-se em oferecer Carly. — E é claro que Eric...

— Não vou aceitar a caridade de ninguém — cortou Robert, pondo-se de pé. — Nem mesmo do meu tio. — Enquanto falava ele conferia o conteúdo da mochila. — E certamente não de você. Já dependi de outras pessoas... Debbie, os Cranshaw... E veja a que isso me levou.

Carly não entregou os pontos.

— Não é a mesma coisa, Robert, porque Eric te ama. — Teimosamente, ela ficou esperando até que Robert a olhasse. — E, por falar nisso, eu também.

Com o semblante subitamente enternecido, ele se aproximou para acariciar o rosto dela.

— Carly...

— Por favor, Robert, não vá — ela suplicou. — Não existe motivo para...

Outra vez muito sério Robert virou as costas para ela.

— Não, eu tenho que ir.

Carly saltou da cama e postou-se na frente dele.

— Pense um pouco, Robert, por favor! Que bem vai fazer a Seth se você acabar morrendo?

O argumento não produziu nenhum resultado positivo e Robert ergueu as mãos, num gesto de impaciência.

— Olhe aqui. Eu assumi um compromisso, comigo mesmo e com Seth, e não vou quebrá-lo. Já fracassei uma vez, mas isso não voltará a acontecer.

— Então é isso? Você quer provar que tem condições de ser pai?

Robert abriu os braços.

— Não há nada que você possa fazer Carly.

— Ah, eu posso, sim! Será que não percebe Robert? Por puro sentimento de culpa, você está se deixando levar para um destino igual ao de Debbie, usando Seth como desculpa e sem querer dar ouvidos a ninguém, nem a mim, nem...

Robert ergueu uma das mãos para que ela se calasse.

— O que eu sei é que não sirvo para você. Já lhe disse antes que não devíamos nos envolver. Não tenho os requisitos necessários a alguém que assume um compromisso duradouro.

Carly olhou para ele com um ar de incredulidade.

— Você não pode estar falando sério! Pensa que não reparei na sua reação quando soube que Eric havia se machucado? E tudo o que tem feito para recuperar seu filho... Não são ações próprias de um homem que não está disposto a assumir compromissos!

Robert não quis ouvir.

— Você tem os seus pesadelos e eu tenho os meus — ele declarou. — Não posso ser o que você quer Carly, apenas para agradá-la... Assim como *você* não pode voltar a pilotar um avião apenas para satisfazer a minha vontade.

Robert havia escolhido o único argumento que, naquele momento,

seria capaz de silenciá-la. Carly recuou e ele sentiu uma ponta de arrependimento pelo pavor que viu nos olhos dela.

— Diga a Eric que ligarei logo que puder — pediu Robert, pendurando a mochila no ombro.

Depois disso, sem mais nenhuma palavra, ele saiu do quarto.

CAPÍTULO XI

Carly debruçou-se numa das janelas do salão da pousada e olhou para fora. Soprava um vento fraco, que mesmo assim agitava as águas normalmente plácidas do lago. Embora já fosse quase meio-dia, o céu estava escuro por causa das nuvens e o tempo parecia tão turbulento quanto os sentimentos dela nos últimos dias.

Usando as duas mãos, ela esfregou simultaneamente a parte superior dos dois braços.

— Está com frio? — perguntou Eric, aproximando-se. Levando um susto, ela se voltou para o velho.

— Não, não. É só que o tempo parece tão... Sinistro.

— Ele *está* sinistro — corrigiu Eric, sério. — A última coisa que precisamos por aqui é uma tempestade de raios. As árvores estão secas demais e basta uma fagulha para fazê-las queimar.

Carly ficou apreensiva. Os últimos meses tinham sido excepcionalmente quentes e secos, aumentando o perigo de fogo. Como as cercanias da pousada sempre estavam verdejantes, por causa da proximidade do lago, ela nunca havia levado muito a sério a possibilidade de um incêndio na floresta.

Naturalmente, nos últimos dias o que queria mesmo era não pensar em *nada.* Sempre que se descuidava, via-se pensando em Robert, perguntando-se se ele estava bem, angustiando-se por causa da última conversa deles. Em geral acabava ficando com dor de cabeça, uma dor tão forte quanto a do coração.

Na tentativa de afastar aqueles pensamentos, Carly ocupava-se em preparar a pousada para o inverno. Fechou os vidros das janelas, cobriu os móveis do pátio e recolheu as mangueiras dos jardins. Depois de verificar o estoque de lenha para a lareira, pediu a Jimmy que providenciasse pelo menos o dobro da quantidade que restava. Também

ajudou Maria a colocar cobertores grossos em todas as camas. No dia anterior, havia passado várias horas ajudando Eric e Jimmy a tirar os barcos da água levando-os para a parte mais seca do cais.

Enquanto fazia tudo isso, rezava pela segurança de Robert. Até aquele momento, o incêndio no Vale do Sol teimava em não se deixar debelar, o que era confirmado pelos noticiários de todos os canais de televisão. Ansiosa, Carly observava aquelas imagens tentando ver algum sinal de Robert.

Nos dias que se seguiram à partida dele, repetidas vezes ela pensara naquela última conversa, tentando entender o que havia acontecido entre eles.

Depois de meses de uma vida cheia de incertezas, ela podia explicar a reação que tivera à revelação da existência do filho de Robert. O difícil era entender a dimensão que ele dava aos próprios problemas.

Não posso ser o que você quer.

Cada vez que ela pensava no sofrimento que vira nos olhos dele ao dizer aquelas palavras, sentia um aperto no coração. Será que ele não via que *já era* o homem que ela queria? Robert não precisava mudar... Bastava reservar para ela um pequeno espaço no coração. Carly achava arriscado falar por outras pessoas, mas tinha certeza absoluta de que Liz também não queria que ele mudasse.

E o que ela iria fazer se acontecesse alguma coisa com ele.

Eric não teve a menor dificuldade para perceber o que ela estava pensando.

— Não se preocupe — ele recomendou, num tom meigo. — Ele está bem. Robert é obstinado demais para deixar-se matar por uma coisinha tão antiga quanto um incêndio na floresta.

Carly olhou para o rosto do velho e viu ali rugas que não vira antes. Apesar das palavras de otimismo, era evidente que Eric também estava preocupado com o sobrinho. Agora era ela quem devia confortá-lo.

— Tem toda razão. É claro que ele está bem.

— E nós também não corremos perigo — prosseguiu Eric. — Essa tempestade acabará indo para outro lugar... Ou talvez deixe cair um pouco de chuva. Só Deus sabe o quanto essas árvores estão precisadas de água.

— É verdade — murmurou Carly. — E então? Está pronto para partir.

Eric e Maria iriam de jipe até Coeur d'Alene para fazer as comprar do mês. Aproveitariam para que ele fizesse o último raio X da perna. Por causa da distância, só retomariam no dia seguinte.

— Ainda não sei se devemos ir — ele hesitou. — Fico com a impressão de que a estamos abandonando, já que vamos levar Liz conosco e ontem Jimmy voltou para a faculdade. Tem certeza de que não vai se sentir muito sozinha?

Carly riu da preocupação dele.

— Só pode estar brincando, Eric!

O velho olhou para ela e fez uma careta. — Eu só faço perguntas bobas, não é? Ainda rindo, Carly bateu no ombro dele.

— Tenho uma porção de coisas para fazer no escritório. Preciso fazer a relação de despesas que o contador pediu, escrever cartas para algumas agências de turismo... É trabalho que não acaba mais. E vou aproveitar a tranqüilidade da solidão para pôr tudo em dia.

Eric coçou o queixo.

— Bem, se acha isso...

— Eu não acho, tenho certeza — confirmou Carly, acompanhando-o até a porta. — Divirtam-se. Não se preocupe comigo... E veja se não se junta àquela diabinha para destruir metade da cidade!

Eric fez uma cara de fingida inocência.

— Maria tomará conta de nós dois — ele respondeu, quando Maria e Liz já iam descendo a escada. — Ficaremos no Hotel Lakeshore. Se precisar de alguma coisa, ligue para lá.

Depois das despedidas e de um apertado abraço de Liz na tia, o trio entrou no jipe para iniciar a viagem. Carly suspirou e rumou para o escritório.

Eu devia fazer um exame da cabeça, pensou Robert, esforçando-se para manter o rumo do De Havilland, enquanto o vento sacudia violentamente a pequena aeronave. Apertando os olhos, ele começou a descer na direção do lago Eden. Já devia ser perto do meio-dia, mas as nuvens eram tão densas que a visibilidade ficava seriamente prejudicada. Era até difícil dizer onde terminava o céu e começava o

lago.

Resolver voltar para casa com um tempo como aquele não tinha sido uma idéia das mais brilhantes. Além disso, ao tentar contornar a frente da tempestade ele havia esticado o tempo de vôo, aumentando também a fadiga depois de quase trinta e seis horas sem dormir. Nada podia ser pior do que os últimos dias, que ele havia passado esperando para ser substituído. Aqueles três dias tinham sido os mais longos da vida dele.

Robert passou a ponta dos dedos no esparadrapo do curativo na testa e lembrou-se de que, na verdade, já fizera um exame na cabeça. Aquela lembrança até o fez rir. O curativo tinha sido feito naquela manhã, logo depois do retorno do último vôo para o Serviço Florestal, a bordo de um DC-6. O trem de aterrissagem havia emperrado e ele se viu obrigado a pousar de barriga. Nada como um aperto desses para que, em questão de segundos, um homem fizesse um balanço da vida inteira.

E, nesse balanço, Carly havia ocupado um lugar de destaque.

Apesar de ter partido de uma forma até certo ponto precipitada, Robert não esquecia aquela conversa. Durante todo o vôo até o Vale do Sol, as palavras de Carly martelavam na cabeça dele. De tudo o que ela dissera, duas coisas o perturbavam mais. Primeiro, a afirmação de que a morte dele não resultaria em nenhum benefício para Seth; e, segundo, a suposição de que, arriscando-se tanto, na verdade ele estava buscando para si uma morte tão trágica quanto a da ex-esposa, apenas para se punir. Robert não precisava pensar muito para concluir que aquelas duas observações de Carly faziam sentido, o que era terrível.

E era principalmente por isso que ele queria se encontrar logo com ela. Precisava pedir desculpas por ter agido de forma inflexível, dizer o quanto precisava dela e... Pedir uma segunda chance.

Embora as águas do lago estivessem mais agitadas do que de costume, o pouso foi até tranqüilo. Difícil foi amarrar sozinho o avião no cais c, já que ele estava com o corpo doído e cheio de escoriações causadas pelo atribulado pouso do DC-6. Mesmo assim, vinte minutos depois do primeiro toque com o avião na água, Robert caminhava colina acima na direção da pousada.

Mal ele pisou na varanda o primeiro raio cortou o céu, logo seguido de um estrondo que sacudiu tudo. No entanto, enquanto o firmamento parecia um campo de batalha das forças da natureza, não havia uma

única gota de chuva no ar. Lamentando aquela perversidade do tempo, Robert abriu a porta e entrou.

— Alguém em casa? — ele chamou, caminhando vagarosamente no salão deserto de pessoas. — Tio Eric? Maria? Carly?

Robert começou a ficar preocupado quando chegou à cozinha e não encontrou ninguém. Dali foi até os chalés de Eric e Maria, mas também não viu sinal de vida.

Mas onde estavam todos? Sem atinar com uma resposta para a pergunta, ele fez o caminho de volta e chegou outra vez ao salão, parando perto da escada. O mais estranho era que as portas da pousada estavam abertas e havia luzes acesas.

— Olá — murmurou uma voz às costas dele.

Robert fez um giro de cento e oitenta graus com o corpo.

— Carly? — ele exclamou, ao vê-la de pé à porta do escritório.

— Robert? — ela balbuciou, com os olhos arregalados e uma das mãos no peito, como se acabasse de ver um fantasma. — Eu ouvi alguma coisa, mas os raios estão fazendo tanto barulho...

Ah, como ela estava linda, a silhueta iluminada pela luz que vinha do escritório.

— Desculpe... Você se assustou? Não foi minha intenção. Mas onde estão todos?

— Eric levou Maria e Liz até Coeur d'Alene, para fazer compras... Mas o que *você* está fazendo aqui? Já debelaram o incêndio?

— Não, é que eu...

Nesse instante Carly reparou no curativo na cabeça dele e, empalidecendo, não deixou que ele prosseguisse.

— O que é isso na sua cabeça? Robert fez um gesto de impaciência.

— Não é nada. Tive alguns problemas para pousar o DC-6 e acabei batendo com a cabeça, mas não é o que...

Carly ficou ainda mais pálida.

— O avião caiu?

— Não, não foi nada importante — voltou a dizer Robert, abrindo os braços. — O que eu quero lhe dizer é que tem importância, por que...

Infelizmente, os gestos que ele fazia com os braços o deixaram tonto. Aparentemente prestes a desmaiar, ele se sentiu dominado por uma enorme exaustão.

— Robert! — exclamou Carly, correndo para acudi-lo. Passando o braço direito em volta da cintura dele, ela se sentou no terceiro degrau da escada, puxando-o consigo. Robert sentou-se no degrau imediatamente abaixo e ficou abraçado a ela, como se fosse uma criancinha.

— Não devia ter feito isso — ele a censurou, com o rosto encostado na garganta dela. — Aqui estou eu, com uma porção de coisas para lhe dizer, mas quando você me toca...

Sem querer esperar nem mais um segundo, ele aprumou o corpo para beijá-la, cheio de ânsia, como se estivesse sugando dos lábios dela a própria essência da vida.

Igualmente ansiosa Carly correu as mãos pelos braços e pelo torso dele, como se quisesse se certificar de que ele estava mesmo ali, são e salvo.

Quando finalmente eles se afastaram para recuperar a respiração, estavam ambos trêmulos.

— Oh, Deus — murmurou Robert, com os lábios encostados no ouvido dela. — Eu precisava disso.

Quando virou um pouco o rosto para beijar os cabelos dele, Carly sentiu o contato com o curativo e ficou arrepiada. Aquilo demonstrava como era fácil perdê-lo.

— Não é só *disso* que você precisa — ela declarou, determinada a não chorar.

— Está muito inchado? — perguntou Robert, enquanto ela apenas encostava a ponta dos dedos na parte em volta do ferimento, com infinita ternura.

— Não é nada que uma boa compressa não resolva. Mas vou cuidar de você direitinho.

Robert soltou um longo suspiro, fechou os olhos e fez uma cara de quem era esquecido pela sorte.

— Ai, meu Deus... Escute aqui, Srta. Carly Bradford. Estou me sentindo como um náufrago que não sabe nadar, mas se você tentar me

ajudar na certa vamos nos afogar os dois. Mesmo assim, posso aceitar alguma coisa para comer e um bule de café bem quente. Se você puder providenciar isso enquanto eu tomo um banho, acho que conseguirei me manter acordado o tempo suficiente para que tenhamos uma longa conversa. — Nesse ponto ele afastou a cabeça e pousou nela os olhos verdes, com o semblante muito sério. — Preciso muito conversar com você, Carly.

Como ela poderia se recusar a fazer o que ele pedia? Beijando-o levemente nos lábios, Carly resolveu aproveitar aquele tempo para se recobrar da surpresa.

— Está bem. Só peço que não vá dormir no banheiro... Promete?

Robert abriu o sorriso.

— Trato feito.

Depois disso ele se levantou e começou a subir a escada.

Carly estava na cozinha, preparando um último sanduíche para acrescentar à meia dúzia que já havia arrumado na bandeja, quando ouviu um som que parecia ser alguma coisa que, por força do vento, batia contra um dos lados da pousada.

Aquela altura, o temporal que havia ameaçado desabar durante todo o dia ainda não havia se materializado, embora o céu estivesse cinzento como o chumbo c o vento, que já havia danificado a linha telefônica, continuasse a soprar com fúria.

Como as batidas se tornaram mais fortes, Carly resolveu investigar para ver se algo de mais grave não havia acontecido. Com a faca na mão, atravessou a sala de jantar e, chegando ao salão, descobriu que as batidas vinham da porta de entrada.

Perguntando-se quem podia ser louco o suficiente para se arriscar a ir até ali num tempo como aquele, ela correu para abrir a porta. Na varanda estavam um menino e um homem segurando uma valise. Carly podia ver também um sedan último tipo estacionado diante da pousada.

Vestindo apenas um short e uma camiseta leve, roupas evidentemente inadequadas para as condições do tempo, o garoto tremia por causa do vento, agarrado a um velho urso de pelúcia. Tinha uma expressão solene no rosto onde pontificavam os olhos verdes. Carly conteve a respiração. Quem estava ali era a criança que ela vira no porta-retrato prateado de Robert.

Então ela voltou os olhos para o homem, que mesmo sem ter dito uma única palavra já demonstrava impaciência.

— Aqui é a Pousada Paraíso? — perguntou o desconhecido, gritando para se sobrepor ao vento. Quando Carly confirmou com um gesto de cabeça, ele acrescentou: — Então, será que podemos entrar?

O tom da pergunta fez com que Carly saísse daquele estado de momentânea paralisação. Afastando-se um passo, deixou que os dois entrassem e apressou-se em fechar a porta, para que o vento não causasse nenhum estrago no salão.

— Sou Ron Detwiler — apresentou-se o homem, que não devia conhecer o significado da palavra simpatia. Depois de correr os olhos pelo ambiente, ele se voltou outra vez para Carly, sem estender a mão para ela. — Robert Cameron está?

— Sim ele está — respondeu Carly, sem saber direito o que fazer.

Enquanto parte dela queria subir a escada de três em três degraus, arrancar Robert do banheiro e arrastá-lo para baixo, outra parte tinha medo de que, quando retornasse, o homem e o menino não estivessem mais ali.

Bem, o melhor era fazer uma coisa de cada vez. Depois de respirar fundo, ela deu um passo adiante, pousou no chão um dos joelhos e segurou nos ombros do garoto.

— Você deve ser Seth, não é?

Sem dizer nada, o menino balançou afirmativamente a cabeça, aparentemente espantado por ela saber o nome dele.

— Eu sou Carly, uma amiga do seu pai — ela declarou, sentindo uma vontade enorme de abraçá-lo, contida apenas pelo medo de assustá-lo. — Ele ficará muito feliz em vê-lo aqui.

Como o menino continuasse em silêncio, olhando fixamente para ela, Carly voltou o rosto para o detetive, com a expressão de quem queria saber o que havia de errado.

Numa reação surpreendente, Detwiler aproximou-se e, relaxando o semblante duro, passou a mão grande pela cabeça do garoto.

— Ele está apenas cansado. Foi um dia muito puxado para nós dois. Hoje pela manhã, bem cedo, recebi um telefonema do advogado dos avós dele informando que Cranshaw estava sofrendo uma crise de

vesícula. Em virtude do estado de saúde do velho, a Sra. Cranshaw achou melhor devolver logo Seth. No mesmo telefonema o advogado me disse aonde eu deveria ir para apanhar o menino. Então, fui de carro até uma pequena cidade no oeste da Geórgia, onde eles estavam morando, recolhi Seth e voltei com ele para Atlanta. Chegando lá, entramos num avião para Naples, onde alugamos um carro e... — Nesse ponto ele fez uma pausa para respirar. —... Aqui estamos.

— Mas por que não telefonou? — perguntou Carly. Detwiler olhou para ela como se acabasse de ouvir a pergunta mais idiota do mundo.

— Escute aqui, moça eu *telefonei.* Um monte de vezes. A partir do instante cm que me entregaram Seth, minha única vontade era dizer a Robert que as esperanças dele não tinham sido em vão. E o que acha que fiz? Telefonei várias vezes, mas sem conseguir encontrá-lo. Pela manhã atendia uma menina que sempre acabava desligando. Depois a companhia telefônica me informou que a linha estava cortada. Acabei desistindo. — Então ele passou a mão pelos cabelos e olhou nervosamente para o relógio. — E o problema é o seguinte: eu tenho hora para pegar o avião. Assim sendo, será que você pode agir como uma menina bem-educada e chamar Cameron? Não se ofenda, mas depois de tudo o que aconteceu não acho direito deixar o menino com alguém que não seja ele.

— Sim, sim, claro... — concordou Carly, no momento em que eles ouviram passos na escada.

— Ei, Carly, e aquele café...

Parando ao pé da escada, Robert olhou espantado para o trio que se voltou para ele.

— Detwiler? — ele murmurou incrédulo, para logo depois soltar um grito: — *Seth!*

— Ele mesmo, Cameron, são e salvo — disse Detwiler, com um largo sorriso e apenas confirmando o óbvio. Como Robert continuasse paralisado, ele se voltou para Carly. — Conte a ele os detalhes, por favor. Diga também que mandarei uma última conta. — Logo em seguida ele rumou para a porta. Antes de sair, ainda fez uma observação: — Minha política é não ficar por perto quando está para haver inundação... Se é que vocês me entendem.

Sem mais nenhuma palavra ele abriu a porta e saiu. Com os olhos

parados no filho, Robert mal reparou na partida do detetive.

— Seth? — ele repetiu, virando a cabeça um pouco para o lado.

— Papai?

Aquela palavra saiu da boca do menino quase como um sopro, mas foi pronunciada pela voz que Robert há meses vinha querendo ouvir. Dominado pela vontade de abraçar o filho, ele deu dois passos e parou, no instante em que percebeu que o garoto recuava.

— Seth? Está tudo bem, filho? — perguntou Robert, com toda a confiança que conseguiu pôr na voz.

Seth ficou olhando para ele com certa apreensão. Depois, de uma forma quase agressiva, respondeu:

— Vovô disse que você não queria tomar conta de mim.

Tomando cuidado para não assustá-lo, Robert venceu vagarosamente a distância que os separava e agachou-se diante do filho.

— Isso não é verdade. O seu avô está... Enganado. Eu *quero* tomar conta de você. Filho... Tenho procurado por você desde o dia em que o levaram embora.

Seth apertou o ursinho contra o peito, enquanto o lábio inferior dele começa a tremer.

— Você... Não estava zangado comigo? — ele perguntou, com os olhos verdes cheios de lágrimas. — Não queria... Que eu... Fosse, embora?

Robert fez um esforço sobre-humano para manter o olhar firme. Seria doloroso ouvir uma criança declarar que se sentia abandonada pelo pai, mas ouvir isso do próprio filho era demais.

— Não existe nada no mundo que me faça deixar de gostar de você, Seth — ele declarou. — Nem sei como suportei a sua falta.

Seth ainda estava hesitante. Como aquilo continuasse por mais um segundo, Robert achou que precisava reforçar de alguma forma o que estava afirmando.

— Eu sou louco por você, campeão.

Prontamente Seth soltou o ursinho de pelúcia e voou para os braços do pai.

No instante seguinte, pai e filho estavam abraçados, ambos

chorando. Robert encostou o rosto nos cabelos de Seth, que logo encharcou de lágrimas.

Depois de alguns minutos os dois se sentaram no mesmo degrau da escada. Com o braço por cima do ombro do filho, Robert pôde dizer quanta saudade havia sentido e como estava feliz com o retomo dele. Aquilo serviu para acalmar a ambos.

Então Robert ergueu a cabeça e olhou em volta, procurando por Carly. Quase não cabia em si de felicidade e queria dividir um pouco com ela... Mas não viu ninguém. Discretamente ela havia se retirado, sem ao menos ouvir o motivo que o levara de volta para casa antes do previsto.

CAPÍTULO XII

Carly ficou na cozinha por quase meia hora, esperando que Robert e Seth dissessem um ao outro tudo o que tinham para dizer. Finalmente, pegou-a bandeja e foi encontrá-los no sótão, onde os dois haviam se refugiado.

Pai e filho estavam evidentemente cansados, embora Robert parecesse mais bem disposto do que quando havia chegado. Seth riu muito quando ele se disse tão cansado que nem conseguia levantar o sanduíche. Entrando na brincadeira, Carly cortou o sanduíche em pedaços pequenos, que foi servindo na boca dele. Mostrando-se tão esperto quanto o pai, o menino reivindicou para si o mesmo tratamento, no que foi prontamente atendido pela obsequiosa Carly.

Terminada a refeição, não demorou em que aqueles dois mergulhassem num pesado e merecido sono, ocupando a mesma cama. Por um bom tempo Carly ficou a observá-los, com o coração a ponto de estourar de felicidade pela realização do sonho de Robert. Por outro lado, ela se perguntava o que teria ele querido dizer antes de ser interrompido por aquela novidade tão boa. Na verdade, ao declarar que queria conversar com ela, Robert parecia um tanto... Diferente...

Ela também não fazia idéia do que ele iria fazer, agora que estava com Seth. Será que os dois permaneceriam na Pousada do Paraíso ou voltariam a morar em San Francisco? Robert também poderia estar planejando retornar para a companhia aérea para a qual trabalhara antes, em vez de continuar como *free-lance.*

Bem, havia muitas perguntas, mas no dia seguinte ela teria tempo de sobra para ficar sabendo das respostas. Afinal de contas. Robert havia se declarado disposto a conversar.

Suspirando. Carly se levantou e desceu. A noite finalmente estava caindo sobre o lago Eden c ela foi fechar as portas e janelas da pousada, uma rotina de todos os dias. Na cozinha, parou diante de uma das pequenas janelas envidraçadas e olhou para fora, no instante em que um relâmpago iluminou a noite, mostrando os galhos das grandes árvores violentamente açoitados pelo vento. Repetindo o que vinha acontecendo na última meia hora, seguiu-se um estrondo que fez tremerem as janelas.

Carly ia se afastando da janela quando sentiu o cheiro de fumaça. Então olhou em volta, pensando ter esquecido alguma coisa no fogão aceso, mas um rápido exame constatou que não era o caso. Perplexa, correu de volta à janela e olhou para fora. Não conseguiu ver nada além dos galhos das árvores se agitando.

No entanto, à medida que os minutos passavam, o cheiro ia se tomando mais forte. Depois de uma rápida excursão por toda a pousada Carly não conseguiu encontrar nada, o que a deixou realmente alarmada.

Quando ela ia começar a subir a escada, deu de cara com Robert, que vinha em sentido contrário carregando o sonolento Seth.

— Eu ia mesmo chamá-lo — pronunciou-se Carly. — Você sentiu um cheiro de...

— De fumaça? — completou Robert. — Senti, sim. Acordei bem na hora em que um raio começou um incêndio a nordeste daqui. A princípio era apenas um ponto de luz, mas agora tem todas as características de um foco de incêndio.

— Foco de incêndio? — repetiu Carly, empalidecendo. — O que vamos fazer?

— Enquanto eu vou buscar uma lanterna portátil, pegue o seu casaco e alguma coisa para Seth vestir.

A valise trazida por Detwiler continuava em cima do sofá e Carly abriu-a para pegar um suéter para Seth. Enquanto isso tentava se lembrar do pouco que sabia sobre incêndios em florestas.

Instantes mais tarde eles se reencontraram.

— Nós vamos correr para escapar do incêndio? — perguntou Carly.

— Não — respondeu Robert, pegando o suéter que ela entregou.

Sentando-se com Seth no colo, ele rapidamente vestiu a peça de roupa no menino.

— Então o que vamos fazer? — insistiu Carly.

— Vamos para o cais.

Robert levantou-se e, carregando o filho no braço direito, atravessou o salão e abriu a porta.

— Mas Robert... — opôs-se Carly, procurando falar em voz baixa para não assustar Seth. — Jimmy levou a lancha até a propriedade dos Andersons e os outros barcos estão em terra.

— Eu sei — ele respondeu, empurrando-a para a varanda. — Reparei nisso logo que cheguei aqui.

— Então o que... — Lembrando-se que no momento a única coisa capaz de tirá-los dali seria o De Havilland, ela instantaneamente parou. — Acha mesmo que estamos correndo um sério perigo?

— Não, mas não quero arriscar. É impossível prever a velocidade com que se espalhará o incêndio. Se tivermos como sair, seria pura tolice ficarmos aqui.

Embora soubesse que provavelmente ele estava com a razão, Carly ficou a ponto de entrar em pânico só de pensar em entrar no avião. Então lançou a ele um olhar de súplica.

— Robert... Eu não posso.

— É claro que pode — ele rebateu, com firmeza. — Eu sei que pode. Qualquer coisa é possível, Carly... E foi *você* quem me ensinou isso.

Ele estava se lembrando do que havia pensado ao ver a morte muito de perto, no atribulado pouso do DC-6. Entre outras coisas, naquele instante de angústia tinha pensado que, mesmo que estivesse com Seth, à vida dele não estaria completa. Sim, porque mesmo quando estava com o filho e dividia uma casa com Debbie, mas sem ter com ela uma vida em comum, sentia-se terrivelmente solitário.

Depois aparecera Carly para encorajá-lo, empurrá-lo, arriscar-se junto com ele. A princípio Robert havia resistido, mas acabara reconhecendo que aquela mulher era como um sol que iria iluminar a

vida dele. E é claro que não estava disposto a desistir dela, justamente quando acabava de chegar a essa conclusão.

— Papai? — chamou a voz sonolenta de Seth, interrompendo aqueles pensamentos. — Para onde vamos?

— Vamos dar uma saída para tomar um sorvete, campeão — respondeu Robert, calmamente.

Então ele encostou a mão esquerda no ombro de Carly para que ela descesse os degraus da varanda. Depois, passou o mesmo braço em volta da cintura dela e usou a lanterna portátil para iluminar a trilha que iriam seguir.

— Com calda de chocolate? — perguntou Seth, já com água na boca. — Vovô e vovó não me deixavam tomar sorvete. Diziam que faz mal aos dentes.

— Pois vou lhe comprar um de duas bolas — prometeu Robert, perguntando-se que outros pequenos prazeres os Cranshaw haviam proibido ao menino.

Com cuidado eles desceram a trilha e, em segurança, alcançaram o cais. Robert pisou primeiro a plataforma de madeira e caminhou para o avião, sempre com o filho no colo. Só quando estava bem perto do De Havilland reparou que Carly não vinha logo atrás.

Soltando uma praga, ele varreu a escuridão com o facho da lanterna e logo a descobriu, parada a dois metros dos degraus que davam acesso ao cais. Mesmo à luz fraca da lanterna, era possível ver a tensão que havia no semblante dela.

— Vamos campeão — disse Robert, entrando no avião com o filho. Depois de acender a luz interna, ele acomodou Seth num dos bancos de passageiro. — Acha que consegue colocar sozinho o cinto de segurança? Preciso ir ajudar Carly.

— É claro — vangloriou-se o menino, agora bem acordado.

— Ótimo. Então fique aqui, está bem? Logo eu voltarei.

Inclinando-se para beijar a bochecha do filho, já se sentindo feliz demais por tê-lo de volta, ele foi surpreendido por Seth, que superou a timidez e abraçou-o.

Vencendo o nó na garganta, Robert desceu do avião e caminhou rapidamente até onde estava Carly.

— Vamos, Carly — ele disse, num tom brando. — Precisamos partir.

Carly recuou um passo e balançou a cabeça.

— Eu realmente não posso. Além disso... Alguém tem que ficar aqui para cuidar da pousada.

Robert abriu os braços.

— Isso é ridículo, porque não vou deixá-la para trás, de jeito nenhum. Agora vamos. O vento toda hora muda de direção e não estou gostando de deixar Seth sozinho no avião.

Sem esperar por outro protesto, Robert segurou na mão dela e saiu caminhando pelo cais. Relutante, Carly deixou-se levar.

— Por favor, Robert — ela pediu, com agonia na voz. — Eu não vou conseguir entrar no avião. Você... Você não sabe como foi aquela noite... Quando tudo acabou, eu estava totalmente sozinha...

— Tem toda razão quando diz que eu não sei como foi — concordou Robert, quando os dois chegaram perto do De Havilland. Então ele ficou de frente para Carly e segurou nas duas mãos dela. — Só que agora você não está sozinha. Estamos juntos.

Carly tentou soltar as mãos.

— Procure entender...

— Não, procure entender você. Ah, Carly... — Então ele a abraçou. — Tenho tanta coisa para lhe dizer, tanta coisa... Só que não é o momento nem o lugar certo. O que posso dizer agora é que não vou correr o risco de perdê-la. Não quero nem pensar nisso. Você tem que entrar nesse avião.

Desesperada, Carly apoiou a testa no ombro dele.

— Bem que eu gostaria que fosse assim tão simples.

— Papai? — chamou Seth. — Quando é que vamos partir?

— Daqui a pouquinho, filho — respondeu Robert, erguendo a voz.

Nesse mesmo instante, uma forte lufada de vento empurrou o De Havilland, esticando perigosamente as cordas que o mantinham amarrado o cais. A corda resistiu, mas não a madeira em que ela estava presa, que se partiu num estrondo. Depois de voar pelo ar, ainda amarrado à corda, o pedaço de prancha foi atingir Robert, derrubando-o.

— Robert! — gritou Carly.

Depois de ficar paralisada por um segundo, ela se ajoelhou ao lado dele. Horrorizada, arregalou os olhos ao reparar que um pedaço de madeira demais ou menos uma polegada de diâmetro havia se cravado na cocha dele.

— Oh, Robert! — ela exclamou, com a voz trêmula. Robert demorou alguns segundos para responder.

— Eu estou bem — ele disse, tentando se levantar, mas deixando-se cair no mesmo instante, com um gemido de dor. — Ou pelo menos estarei bem. Só preciso de um minuto.

Carly olhou para ele, tentando pensar. Apesar daquelas palavras corajosas. Robert estava muito pálido e tinha os dentes trincados, evidentemente por causa da dor. Era mais do que claro que ele não estava bem, assim como precisaria de um bom tempo para se recuperar.

O que ela iria fazer? Robert era um homem alto, pesado. Mesmo sem contar o perigo representado pelo incêndio, levá-lo de volta para a pousada estava fora de questão.

Só restava o avião... Uma opção igualmente impossível.

Carly levou a mão à boca, sentindo que ia começar a chorar.

— Carly? — voltou a falar Robert, impedindo-a de sucumbir ao pânico. — Você vai ter que me ajudar.

Carly abaixou os olhos para a coxa dele.

— Quer que eu... Tente tirar a lasca de madeira?

Embora fosse Robert o ferido, era ela quem estava trêmula.

— Está sangrando muito? — ele quis saber.

Com muito esforço, Carly abaixou a cabeça para examinar o ferimento e, com surpresa, verificou que o sangramento era bem pequeno.

— Não, quase não está sangrando.

— Então vamos deixar assim — decidiu Robert. — Pode me ajudar a me levantar?

— Acha mesmo que vai conseguir pilotar?

— Não — ele respondeu. — Portanto, você terá que pilotar.

— Não! — revoltou-se Carly, subitamente enraivecida. — Eu não posso! Será que não ouviu nada do que eu disse? Naquela noite, você

mesmo disse que uma coisa não é necessariamente certa só porque eu acho que ela é certa. Estava com a razão, Robert. Eu o amo... Faria qualquer coisa por você... Mas não posso entrar nesse avião, menos ainda pilotá-lo!

Um sorriso apareceu nos lábios dele, o que foi incrível para a ocasião.

— Ah, pode, sim. Você é a mulher mais corajosa que eu conheço. — Então ele ergueu as mãos para segurar na cintura dela. — Meu bem, esta manhã mesmo eu quase me esborrachei com o DC-6 na hora do pouso. Naquele instante, o que mais me perturbou foi à lembrança de que nunca lhe disse que a amo. — Agora, em vez de dor, os olhos dele estavam cheios de amor. — Eu a amo, Carly. Você teve a coragem de me aceitar... E agora não vou permitir que desista de mim.

Mesmo espantada com a declaração que acabava de ouvir, Carly concluiu que não havia como questionar a sinceridade dele. Tudo o que Robert sentia por ela estava escrito no rosto dele... O amor que acabava de confessar, a confiança... E, apesar da seriedade do momento, um olhar de esperança como ela jamais vira.

O vento voltou a soprar, agora em sentido contrário, e o avião chocou-se contra o cais.

— Papai? — gritou Seth, alarmado. Robert soltou uma praga e pôs-se de pé.

— Vamos — ele disse, apertando os dentes para suportar a dor. — Essa ventania vai acabar danificando o avião. Se quisermos sair daqui, tem que ser agora.

Carly sabia que ele estava com a razão. Se não conseguisse fazer mais nada, ela podia pelo menos ajudá-lo a entrar no avião.

Posicionando o ombro direito por baixo do braço esquerdo de Robert, envolveu o torso dele para ajudá-lo a se equilibrar. Apoiado nela e saltitando na perna esquerda. Robert finalmente venceu a pequena distância que os separava do avião.

— Seth? — gritou Carly, quando eles chegaram bem perto. — Será que pode abrir a porta, querido? Basta empurrar o trinco para baixo.

Quando a porta se abriu, um ansioso Seth apareceu e ficou olhando para eles.

— Está tudo bem — declarou Carly, tentando tranqüilizar o menino. — Seu pai sofreu um pequeno acidente, mas vai ficar bonzinho.

Seth não se convenceu.

— Você está bem, papai?

Robert segurou na asa do avião para se equilibrar.

— É claro que estou bem, filho. Agora volte para o seu lugar para que eu possa entrar. Enquanto isso, Carly irá soltar as amarras do avião.

Carly não sabia como ele iria subir sozinho no avião.

— Robert...

— Eu vou conseguir — antecipou-se Robert, falando entre os dentes. — Só peço que você olhe para outro lado, porque não vai ser uma coisa lá muito... Graciosa.

Involuntariamente Carly olhou para a coxa ferida dele. Todos aqueles movimentos haviam intensificado o sangramento e agora a perna da calça jeans apresentava uma grande mancha vermelha.

Ele precisava de um médico, *urgentemente!*

— Vá soltar as cordas, Carly — voltou a falar Robert, que não a queria como testemunha da dolorosa experiência que ele iria enfrentar.

Respeitando a vontade dele, Carly dirigiu-se à parte traseira do avião para soltar as amarras. Proibindo-se de espiar, sentiu um arrepio quando percebeu que o De Havilland se inclinava para o lado, por causa do peso de Robert, que não conteve um gemido de dor. Quando ela achou que já podia olhar, Robert estava acomodado no assento do co-piloto.

No instante em tocou a primeira corda, a mão dela começou a tremer. O tremor aumentou quando Robert deu partida no motor. Mordendo o lábio. Carly procurou se concentrar nas palavras dele, usando-as como um escudo contra o medo.

Eu a amo. Você é a mulher mais corajosa que eu conheço.

Só que *ela* não se sentia corajosa. Queria chorar e procurava não pensar no momento em que seria obrigada a entrar no avião. Finalmente, respirando fundo, abaixou a mão para soltar a última das amarras.

Quase instantaneamente o avião começou a se afastar do cais.

Sem se dar tempo para pensar, Carly deu um salto e entrou no De Havilland antes que ele ficasse fora do alcance dela. Rapidamente percebeu que a sensação que estava experimentando não era nem sombra do que havia imaginado.

Na verdade, era muito pior.

Ela sentia náuseas só de olhar para o painel de instrumentos. As luzes piscavam e aquilo fez com que ela se lembrasse do dia em que a irmã havia morrido. Respirando com dificuldade, concluiu que precisava sair dali de qualquer jeito.

— Carly — disse Robert, estendendo a mão para apertar o ombro dela. — Você está perfeitamente bem. Um de nós terá que pilotar este avião... E nós dois sabemos que não sou eu. — Então ele soltou uma risada, como se adivinhasse a intenção dela. — Além disso, se você saltar agora vai se afogar, porque não poderei salvá-la. Tem que nos tirar daqui, Carly. Se não fizer isso logo, o vento acabará nos jogando contra o cais... Ou virando o avião.

Carly só precisou olhar pela janela para constatar que aquela previsão poderia se concretizar a qualquer momento. Inconscientemente, segurou o manche com a mão direita e o volante com a esquerda, pondo o Havilland em movimento.

— Boa viagem — murmurou Robert.

Carly olhou para o lado e, esquecendo por alguns instantes o próprio pânico, preocupou-se com o estado dele. Seria apenas imaginação ou Robert estava ficando cada vez mais pálido?

Talvez percebendo aquela ansiedade, ele procurou fazer uma piada.

— Agora que estou me lembrando que sou dono deste avião. Você, por acaso... Já pilotou um De Havilland?

— Uma porção de vezes — ela respondeu, sentindo que a intenção dele era encorajá-la e amava-o ainda mais por isso... Embora não estivesse dando certo.

Olhando rapidamente para o velocímetro, Carly tentou calcular a velocidade que precisaria atingir para que o De Havilland alçasse vôo.

— Você vai conseguir — incentivou-a Robert.

Carly lançou a ele um olhar de gratidão. Depois, como o vento açoitava o avião e o fazia escorregar levemente para os lados, procurou

se concentrar no que fazia. À medida que o aparelho ia ganhando velocidade, sentia o estômago embrulhado e tinha a impressão de que o coração ia saltar pela boca.

Depois, sem ter planejado isso, sem ao menos pensar no que estava fazendo, puxou para trás o volante. Por um breve instante nada aconteceu, enquanto os flutuadores continuavam presos à água. Logo, porém, por força do leme da cauda, o nariz do avião começou a se erguer. Carly pressionou o acelerador de mão, aumentando a velocidade, e em questão de segundos eles pairavam no ar, embrenhando-se nas nuvens. Todos os músculos do corpo dela estavam contraídos, no esforço para manter a aeronave aprumada em meio à forte ventania.

Uma rápida olhada no altímetro revelou que eles haviam alcançado a altitude de cruzeiro. Carly pôs o avião na horizontal e franziu a testa ao constatar que ele seguia para o norte. Prontamente fez com que o aparelho se inclinasse lateralmente, mudando o rumo para o sul, na direção do lago Coeur d'Alene. Minutos mais tarde eles deixaram para trás a tempestade e emergiram num céu pontilhado de estrelas.

Carly conteve a respiração para contemplar toda aquela beleza. Só agora percebia como havia sentido falta de voar, experimentar aquela incrível sensação de liberdade. Com um sorriso de incredulidade nos lábios, ela olhou para trás e viu que Seth havia adormecido.

— Crianças de seis anos de idade são realmente incríveis, não acha? — comentou Robert, inclinando-se para acionar o piloto automático. Depois ele estendeu a mão e apertou os dedos trêmulos de Carly, evidentemente emocionado. — O mesmo pode ser dito de certa moça que eu conheço. Você conseguiu.

Carly balançou a cabeça, a muito custo contendo as lágrimas de alegria.

— Não, *nós* conseguimos — ela o corrigiu. — Se não fosse você, eu ainda estaria parada naquele cais.

— E, sem você, eu ainda estaria sentindo um enorme vazio no coração — acrescentou Robert, acariciando a mão dela.

Então, num movimento perfeitamente sincronizado, eles se inclinaram um para o outro e trocaram um beijo cheio de ternura e promessas para o futuro.

Depois, rindo de pura felicidade, Carly encostou a testa na dele.

— Robert?

— O que é?

— Acho melhor eu lhe contar uma coisa.

Como não podia fazer movimentos bruscos por causa da dor na perna, Robert se recostou vagarosamente no assento e olhou de lado para ela, com um ar de fingida desconfiança no rosto.

— É mesmo? O quê?

Carly abaixou a cabeça, hesitante.

— Bem, não quero que você fique preocupado... Mas é que... Eu contei uma mentira. Para falar a verdade, é a primeira vez que piloto um De Havilland. Portanto, não é difícil concluir que nunca pousei com um avião deste tipo.

Por alguns segundos Robert ficou apenas olhando para ela. Depois, jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, perguntando-se se algum dia conseguiria prever o que aquela mulher seria capaz de fazer.

EPÍLOGO

Robert examinou a arrumação em cima da pele de urso estendida no chão. Estava tudo em ordem: o vinho gelado, duas taças de cristal ao lado do balde de gelo e as velas acesas. Só faltava mesmo a presença da esposa dele.

Como se atendesse àquela reivindicação, no instante seguinte Carly apareceu no sótão, ainda com as faces coradas pelo esforço de pôr Seth e Liz para dormir. Ao ver o que a esperava ela parou, tomada de surpresa.

— Oh, Robert... — ela murmurou, com um sorriso de aprovação no rosto.

Tinha sido um ano muito puxado. Eric estava quase aposentado, externando o desejo de ir mergulhar no caribe em busca de tesouros perdidos. Isso significava que ela e Robert, além de terem que se ajustar a um casamento em que haviam recebido uma família já pronta, teriam também que administrar a pousada e supervisionar a reforma do chalé de Maria, a única parte da pousada realmente danificada pelo incêndio do ano anterior.

Também não tinha sido muito fácil fazer com que Seth entendesse todas aquelas mudanças na vida dele. Durante um bom tempo, uma vez por semana todos eles se deslocavam até Coeur d'Alene, onde tinham duas horas de conversa com um psicólogo especializado em aconselhamento familiar. Os resultados foram muito bons para todos. Embora isso tenha levado algum tempo, Seth acabou se adaptando perfeitamente à nova família e se revelou um menino alegre e cheio de energia. A terapia teve também um efeito tão positivo em Robert que ele até se mostrou inclinado a uma reconciliação com os Cranshaw. Dificilmente voltaria a confiar nos ex-sogros como antes, mas já *considerava* a possibilidade de Seth fazer uma visita aos avós... Uma visita supervisionada é claro.

— Ei! — chamou Robert, interrompendo os pensamentos dela. — Estou começando a me sentir muito sozinho aqui.

Ele estava meio deitado na pele de urso, que naquela manhã Carly oferecera como presente pelo primeiro aniversário de casamento. Era o mesmo troféu que antes tinha sido objeto de discussão entre eles dois. Agora lavado e renovado, ocupava um lugar de honra diante da parede envidraçada que dava para o lago.

— Acho que podemos dar um jeito nisso — ela respondeu, sorrindo e tirando o robe para expor a camisola transparente que tinha sido o presente dele. — Gostou?

Robert olhou-a com evidente aprovação.

— Sim, mas acho que gosto mais do conteúdo. — Então ele bateu na pele de urso, indicando o espaço ao lado dele. — Se você vier até aqui, posso lhe provar isso.

Carly acomodou-se ao lado dele.

— Também gostei muito da sua... Roupa — ela declarou, correndo a mão pelo corpo nu do marido e parando na cicatriz que havia na coxa dele, uma lembrança da noite em que ambos haviam resolvido deixar para trás todas as angústias do passado.

— Acha que estou fazendo bem o papel de borboleta? — perguntou Robert, enquanto beijava o pescoço dela e enfiava as mãos por baixo da fina camisola.

— Borboleta?

— É. Sabe como é... A borboleta e suas novas roupas. Carly riu.

— Acho que você se impressiona muito com as histórias que lê para as crianças. Mesmo assim, duvido que a borboleta tenha uma aparência tão bonita quanto a sua.

— Obrigado — disse Robert, puxando para cima a barra da camisola dela. — Mas por que não me mostra a sua versão?

— Ah, os homens! — resmungou Carly sentando-se para tirar a camisola. — Estão sempre com pressa.

Robert riu, com um brilho sugestivo nos olhos verdes.

— Não foi o que você disse ontem à noite.

Era incrível ele ainda ter o poder de fazê-la corar... Mas só por um instante. Deitando-se no tapete, Carly estendeu as mãos.

— Sempre fui muito esquecida. Será que você pode... Refrescar minha memória?

— Claro — prontificou-se Robert, começando com um demorado beijo. Depois ele ergueu a cabeça e olhou bem para ela. — Você conversou com o médico?

Carly passou os braços por trás do pescoço dele e obrigou-o a aproximar bem o rosto.

— Sim, e ele disse que não há motivo para preocupação. Está tudo fantástico.

Um sorriso de premeditação apareceu no rosto de Robert.

— Não sei... Mas vou cuidar para que daqui a nove meses tudo fique ainda mais fantástico.

Então ele se ocupou em tornar realidade aquele propósito.

* *

MARY MAXWELL é casada com um homem incrível, tem duas filhas e três gatos e mora com todos eles num subúrbio de Seattle, Estado de Washington. Leitora voraz, ela tem preferência por romances, que considera uma voz positiva num mundo muitas vezes negativo. Na opinião dela, às vezes é necessário lembrar às pessoas que o amor torna tudo possível — e que os sonhos realmente se transformam em realidade.